Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

LIVRARIA
BRANDÃO "SEBO"
F. 24171-R. do Hospício, 314 - Recife

BIBLIOTHECA LITTERARIA.

PUBLICAÇÃO MENSAL.

—

N.º 1.

1863.

A ALMA TRANSMITTIDA.

A ALMA TRANSMITTIDA

(LEGENDA ITALIANA.)

POR MERY.

Tradução de um Maranhense.

SAN'LUIZ.
Typ. de B. de Mattos—rua da Paz, n. 4.
1863.

CAPITULO I.

UM DIA DE BODAS.

Poucos viajantes visitarão a casa de Solimene.

Ella era edificada no cume de uma pequena montanha, na cadeia do Vesuvio. Um largo bosque de pinheiros a cercava e somente a fachada ficava descoberta. Gosava-se ali de um magnifico ponto de vista; em face o vulcão, o mar em baixo, e Napoles no fundo do golfo.

Esta casa, ou para melhor dizer, este castello, tinha uma phisionomia original; a architetura era pesada, massiça, sem graça nem ornamento. Era sem duvida uma imitação, uma reminiscencia, d'essas residencias feodaes, que abundavão na França. Uma torre quadrada, á belvedere, dominava o edificio. Avistava-se-a de longe, elevada acima dos pinheiros e arredondada como um parasol.

Sobre essa montanha hoje somente existem ruinas, somente algum cabreiro por lá se detem, ou algum artista em viagem e que procura paizagens para pintar.

Pelo fim do decimo septimo seculo, Solimene tinha ali

estabelecido o seo observatorio e officina. Nessa epocha o castello estava muito devastado e quasi que inhabitavel.

A 10 de Maio de 1644, muitos gritos de festa resoavão em torno d'esse edificio, sahião de todas as janellas abertas, reboavão no bosque com as mysteriosas symphonias dos salgueiros, e com o murmurio lascivo das vagas, que se quebravão sobre os arricifes de Ischia. Havião colhido todas as flores das roseiras e larangeiras, para ornarem o castello desde a base até ao cume, de arabescos vermelhos e brancos. Mil bandeirolas fluctuavão sobre as cornijas, o pavilhão castelhano, desfraldado sobre o portão, deixava ondular ao vento o seo leão e a sua torre. A voluptuosidade corria no ar com os reflexos luminosos e transparentes do meio dia, com os perfumes do tomilho, da alga marinha, do mar amoroso; com os sons estridentes dos bandolins, com o canto das meninas napolitanas que dançavão a tarantella sobre as folhas seccas e derrubadas dos pinheiros.

O estrepito do prazer abalava essa deliciosa colina, tão dourada pelo sol, e acarinhada pelas vagas.

O motivo da festa era um estimulo para os mancebos e as raparigas; acabava-se de celebrar o casamento de Estellina, virgem de quinze annos, filha do conde hespanhol Las Vegas, o senhor do castello.

Tinha ella desposado seu primo irmão, Leoncio, filho do duque de Otayano, mancebo de dezoito annos, amoroso como um rapaz ao qual somente o nome de mulher incendia as faces; moreno e forte como um marinheiro de Ischia, apaixonado como um artista.

As damas e os mancebos hespanhóes e napolitanos apraziã-se em admirar os dous jovens desposados, que passeavão em uma alameda solitaria, prestando muito pouca attenção ao jogo e a esplendida festa, da qual elles erão os

heroes. Leoncio nada mais via do que sua noiva, aquella que elle tanto tinha amado e desejado, desde o dia em que não mais appareceo-lhe como irmã, em que ella se revelou com todos os seos attractivos de mulher, e encheo o castello, a collina e os bosques com a sua graça de virgem, com essa atmosphera de amor e de angelica voluptuosidade. Leoncio ora a trazia pela mão, ora deixava-a caminhar diante d'elle, e seos labios estremecião, um fogo estranho queimava-lhe a lingua, o sangue afluia-lhe ao coração, quando acarinhava com os seos olhares essa fragrante creação, esse anjo tão fresco, tão suave, tão mulher, aquella a quem tinhão apellidado—a bella loura dos olhos negros.

Algumas vezes, vendo-a calada, immovel, e pensativa, elle estremecia de medo, pois se lhe afigurava que Estellina não era uma realidade de mulher, que ella lhe ia escapar como uma apparição dos bosques, ou uma idéa de artista materialisada por um momento.

O que lhe originava esse louco terror, era o traje que trazia vestido a sua joven esposa; era a figura nova, os novos contornos que esse vestido dava-lhe n'esse dia. Por um delicioso capricho, ella tinha combinado os ornamentos nupciaes de Sevilha com os de Napoles: seo vestido branco, de larga saia, bordada de veludo preto, apresentava-a como a traducção fiel das mais graciosas formas que Deus inventara para compor a mulher.

As flores de larangeira semeiavão suas estrellas brancas por entre os anneis de seos bellos cabellos; seo collo nu, de uma pureza cheia de vida e de frescura, deixava o apaixonado mancebo advinhar toda a somma de ventura que a naturesa tinha collocado n'esse corpo da virgem infantil.

Mesmo n'aquelle momento, quando já essa mulher era finalmente sua, quando elle se comprazia em deixar sahir-lhe lentamente da boca, para saborear com toda a lentidão, estas duas palavras—*minha esposa!*—pois mesmo n'esse momento elle estava timido e retrahido, como o amante, no dia de sua primeira declaração; elle estava atordoado com o seo novo poder sobre ella. E quando pensava que á um simples aceno de esposo, em qualquer desvio do passeio, e na obscuridade do bosque, elle poderia iniciar-se em todos os pudicos segredos de sua mulher, então o sangue lhe fugia, seos joelhos dobravão, o coração dilatava-se e um orvalho amargoso dessecava a sua lingua. Tão forte e tão moço sentia-se opprimido por uma felicidade quasi tão pesada como o infortunio.

Elle bemdizia a tardança, que lhe facultava um dia de primavera, sempre tão moroso em fazer chegar a noite. Sua esperança era preparar-se, por um noviciado de algumas horas, para essa immensa revelação de voluptuosidade, para essa entrevista nupcial, cujo pensamento apertava-lhe a garganta como um colar de ferro.

Estellina olhava para seo esposo com um semblante de doce resignação, porem Leoncio nada comprehendia; elle vivia em um mundo novo, tinha lagrimas nos olhos, estremecia e começava palavras que não terminavão e extinguião se em surdos murmurios.

Andando sempre, silenciosos ambos, tinhão chegado a ponta do rochedo onde estava construido um delicioso pavilhão de repouso, que dominava o alto mar. Era uma rotunda com columnatas, cercada por muitos carvalhos, myrtos e tamarineiros; ali havia muita sombra, porque a verdura era alta e muito espessa; um fio d'agoa melancolico cahia de uma torneira de marmore em uma bacia onde boiavão largas folhas de nenuphar.

Era o unico ruido que escutava-se, e elle convidava a scismar. Na sala do pavilhão o grande pintor Espagnoleto, por um capricho, tinha pintado frescos lascivos e arabescos libertinos, como um artista os vê em sonhos, quando adormece ardendo em desejos.

Então uma voz vibrou, musical e avelludada, a qual fez estremecer Leoncio, como se elle nunca a tivesse ouvido.

—Ah, meo amigo, não entremos, é o pavilhão interdicto as senhoras.

—Oh! minha esposa, hoje tudo te é permittido. Entra, e repozemo-nos; o castello fica bem longe, escuta como as vozes de nossos amigos mal se escutão aqui. Elles respeitarão o mysterio de nosso passeio. Vem, Estellina, vem, minha mulher, nós estamos sós....

Esta ultima palavra fez empallidecer a joven esposa. Leoncio a repetio baixinho e assentou-se puxando levemente Estellina para sobre os seos joelhos.

—Deixa-me te abraçar, disse-lhe com a voz entercortada, é a primeira vez que eu toco os labios de uma mulher. Oh, como estou sequioso....

Estellina deo um grito assustador e correo a occultar-se atraz de uma columna. Leoncio levantou-se com a espada na mão e bradou com voz de trovão:

—O que vindes fazer aqui?

Essa brusca interpellação dirigia-se a um frade, que friamente olhava para os noivos, entre os arcos da porta, onde parecia moldurado.

—Perdoae-me, meo filho, disse o frade, eu estava para me retirar, pois vi que era indiscripção estar aqui, mas a senhora vio-me antes de eu sahir. Eu ando esmolando no campo, e demorei-me um instante para beber um pouco d'agoa na fonte. Sou do convento da Annunciada,

do qual vê-se d'aqui o campanario. Mancebo, sois muito prompto em encolerisar-vos, que Deus vos guarde de desgraças no dia de vosso cazamento.

—É singular, disse Leoncio sorrindo, como sabeis, meo padre, que eu me cazo hoje, vós que não sois d'este mundo?

—Eu não sou d'este mundo, evangelicamente falando, mas sou dos campos de Napoles e o vosso cazamento com a snra. fez tanto barulho do Vesuvio a Chartreuse, que ainda chegou algum ruido ao jardim do nosso convento.

—Está bom, disse Estellina, rogae a Deus e a S. Francisco por nós. Leoncio, dá alguns ducados ao irmão pedinte.

—Nós nunca acceitamos dinheiro em nosso peditorio, minha menina, meo alforge está hoje vazio, como vós vedes, mas eu contava enchel-o com algumas migalhas do vosso banquete de bodas. Dirigia-me ao castello n'essa intenção; a meza do bom rico nunca é vedada ao pobre Lazaro.

—Nós vos acompanharemos, disse vivamente Estellina, já vae se fazendo tarde, e podem estar inquietos no castello.

—A minha companhia talvez vos seja importuna, disse o frade abaixando os olhos.

—Ella nos trará felicidade, meo padre.

E elles deixarão todos tres o pavilhão; Leoncio triste e mudo, Estellina alegre e brincando; o frade com ar descuidado, como um estoico, que adoptou o indifferentismo por habito.

Era elle um homem de quarenta annos pouco mais ou menos, de uma figura fresca e severa; seria difficil achar

uma ruga em seo rosto, e em qualquer dos seos olhares o menor traço de uma paixão.

Era a bemaventurança feita homem. Sua voz era doce e clara como a voz de uma mulher, a estranhesa d'esse timbre tinha sorprehendido a Leoncio e Estellina, a esta sobretudo, porque Leoncio tinha já ouvido os coros de homens, com vozes femininas, na capella Sextina, e portanto comprehendia bem a bizarria da voz do religioso.

Sahindo do pavilhão o frade ajuntou uma agulheta de ouro, cahida dos cabellos de Estellina, e entregou-a graciosamente. A joven desposada corou. Chegarão ao castello quasi a noite. O Sr. Ottayano tinha vindo encontrar-se com seo filho e sua nora, para annunciar-lhes que Salvador Rosa, acabava de terminar seos retratos, e que tinha-se collocado esses dous quadros na camara nupcial.

—Oh, eu vou ver o retrato de minha mulher! exclamou Leoncio. Meo pae, ficae com Estellina.

O frade inclinou-se profundamente diante do duque.

Estellina disse a este.

—Este bom religioso acompanhou-nos de lá até aqui.

Ottayano olhou fixamente o frade, que deixou-se mirar com a sua fleugma ordinaria.

—O que procurais por aqui, meo padre? perguntou-lhe o duque.

O frade fez o signal de pedir, mostrando o alforge.

—Sereis por ventura mudo, meo padre?

—Não, não, respondeo o religioso em voz baixa e com um sorriso encantador.

—Que nome tendes entre os santos?

—Espiridião.

—E entre os homens?

—Deus o sabe.

—Como! ignoraes o vosso nome?

—Esqueci-o.

Todas as respostas do frade erão dadas a meia voz, com em ar modesto, e os olhos ora erguidos para o ceo, ora cerrados. Ottayano continuou essa especie de interrogatorio.

—Não sei se me enganarei, meo padre, mas creio que vos vi passar, ha tres horas, por junto d'este castello; seguieis a alameda de pinheiros, que vae ter a torre de Greco.

—Era eu mesmo; acabava de estar com o esmoler do convento de S. Martinho, e na volta tomei este caminho, como o mais curto.

—Vossa figura não me é desconhecida meo padre, nunca vivestes no nosso mundo?

—Nunca.

—Tendes parentes?

—Nenhuns.

—Então sois....

—Sim, senhor.

—Não é um crime.

—É uma felicidade. Pertenço inteiramente a Deus.

Ottayano deteve-se, como subjugado por um triste pensamento, olhava para o chão e com o bico dos borzeguins brincava com as folhas cahidas, ao passo que destrahidamente ia arranhando o tronco de um pinheiro.

—Se o permittirdes, senhor, disse Espiridião, eu irei repousar em vossa estribaria; é muito tarde, e preciso por-me a caminho amanhã. Confio na caridade de vossos creados, para encher o meo alforge.

—Sim, sim, disse o duque sempre preoccupado; dar-lhes-hei ordens, ordenar-lhes-hei que sejão caridosos.... Porem como podeis estar auzente do convento á noite, meo padre?

—Por força maior; e alem disso eu tenho autorisação de meos supperiores. Quando eu ando no peditorio, passo muitas noites fora do convento, sobretudo pelo verão.

—Não vos arreceaes dos bandidos?

Espiridião sorrio-se ligeiramente.

—Os bandidos! Mas elles não attacão as ordens mendicantes; seria um triste despojo o meo alforge. Eu o que temo são os precipios; a minha vista é fraca e á noite nada vejo absolutamente. O caminho d'aqui á aldêa da Annunciada é pessimo e peior ainda é elle da aldêa até ao convento; sobretudo depois da ultima erupção. Todavia se a minha presença vos importuna, eu irei pedir abrigo no convento dos Camaldulos.

—Oh! meo padre, disse vivamente Estellina, como podeis pensar semelhante cousa! No dia de meo cazamento, recusarmos hospitalidade a um religioso! Isso seria um crime diante de Deus e dos homens! Ha lugar n'este castello para todos os filhos de S. Francisco, elles aqui serão sempre bemvindos, quer de noite, quer de dia. Vinde, vinde commosco, padre Espiridião, vinde; quereis tomar o meo braço?

Espiridião fez um signal pudico de recusa, como se tivesse ficado assustado só com a ideia de por-se em contacto com um vestido de mulher.

—Senhora, disse elle, eu terei a honra de seguir-vos, como indigno creado.

Ottayano, Estellina e o frade sahirão do bosque de pinheiros e atravessarão a esplanada do castello, cheia de uma multidão alegre, que, com um longo murmurio de admiração, saudou a joven esposa, conduzida pela mão do duque pensativo.

O ardente Leoncio ainda estava na camara nupcial; estava só, não permittio que o seo melhor amigo o acompanhasse, receioso de que um sopro profano penetrasse nessa atmosphera virginal, n'essa alcova santa, onde brilhava o leito de Estellina.

Quantas vezes o amoroso mancebo cruzou com recolhimento as suas mãos, como fazendo uma supplica mental, defronte do magnifico retrato de sua mulher, diante d'esse chefe d'obra do pintor napolitano!

Como o grande artista tinha bem comprehendido essa virgem excepcional! Não era uma bella, uma formosa mulher que o seo pincel reproduzira, era a idealisação do anjo com as formas de virgem, uma d'essas figuras que nos não faz lembrar nenhuma imperfeição, nenhuma enfermidade, nenhuma miseria da nossa natureza.

Esta menina que ahi estava pintada, não tinha nascido da mulher, tinha-se revelado ao mundo em uma noite de primavera, como uma emanação perfumada; ella vivia da vida das flores ou dos anjos.

Sob essa carne luminosa, dourada e transparente, o esqueleto humano não poderia existir. A embriaguez de uma estranha voluptuosidade apoderava-se de vós diante desse quadro, e quando via-se o reflectido no grande espelho da camara, então, por um singular jogo de optica, essa diliciosa figura parecia viver em um horisonte vaporoso; esses grandes olhos negros brilhavão em uma fronte pura, sob uns brilhantes cabellos de ouro, então a animação d'esse retrato era tão completa, que experimentava-se por elle um verdadeiro amor, uma paixão louca, e que nenhuma mulher viva teria podido satisfazer.

Uma noite passada diante d'esse retrato, pareceria uma suprema felicidade para qualquer desses jovens e apaixona-

dos italianos, que só vivião para as artes e para as mulheres.

Era para um homem esgotar-se de amor, para suicidar-se pelo excesso da illusão, para estorcer-se sobre essa tela divina, até desbotar-lhe as cores em uma noite de beijos delirantes e exaltados extases.

—Oh! como eu sou feliz, exclamava Leoncio arrebatado, minha mulher é ainda mais bella que isto, e eis aqui o leito onde ella acordará amanhã!

Elle sahio com as faces em fogo para tornar a ver Estellina. Em sua embriaguez, nem se dignara lançar a vista sobre o seo retrato que acompanhava o de sua esposa, o qual era tambem uma admiravel obra.

Fosse modestia, fosse esquecimento, esses dous quadros não trazião a assignatura do pintor. Em um dos angulos de baixo lia-se—*Estellina e Leoncio, 10 de Maio de 1646*—.

Havia muita gente na esplanada do castello quando Leoncio desceo; elle deo logo com Estellina, porque ella parecia scintillar com a sua aureola de cabellos louros e rosado de tez na constellação das mais formosas napolitanas, o primor dessa corte voluptuosa de espanhólas que tinhão transportado para Villa-Real as amorosas tradicções de Sevilha, Granada e Valhadolid.

Já tinha cahido a noute porém as cem gelosias abertas do castello derramavão innumeros raios de luz sobre o terraço, e essa claridade agradava mais ás damas do que a do dia. Ellas passeiavão em um gracioso abandono por deante dos grupos de cavalheiros que não podião conter a admiração; caminhavão volteando como em uma ronda fantastica, e apenas apoiando os seos pés de creanças no pavimento de marmore. Com as cabeças inclinadas so-

bre os hombros, com ondulações de corpo tão deleitosas á vista, sentia-se electricamente a aproximação d'ellas e como que fazião todas um só vulto.

Um murmurio muzical de vozes italinas sahia d'essa multidão que só fallava de amores, que só scismava prazeres e respirava seducções. Os grandes pinheiros que cercavam o castello, abrindo á brisa do golfo suas folhagens de agulhas verdes, formavam como uma orchestra aerea de suave e mysteriosa harmonia; cantigas de amor soavão de todas as alamedas, onde a noute e as arvores cobrião tantos extases secretos e tantos grupos apartados.

Em baixo da collina o mar parecia revolver estrellas em fusão; a cidade e o porto cambiavão as suas claridades vagabundas; o vento adormecia sobre o Pausilippo, esse vaso immenso de perfumes, e, despertando, espalhava por toda parte suas embalsamadas riquesas, como um navio chegado de Manilha e de Ceylão.

O Vesuvio se tinha encarregado do fogo de artificio n'essa festa napolitana; o vulcão, como um visinho officioso, contrahia a sua formidavel voz e simulava uma erupção com fumaças diafanas e uma miniatura de lavas, e profusão de innocentes flammas de Bengala, que, com lampejos intermittentes, trahia todas as cousas secretas e mysteriosas passadas entre os pinheiros e sob a fé da obscuridade.

Sem duvida porque n'esses dias de corrupção, n'aquelle clima de febre amorosa, sobre essa terra das antigas bachanaes, o costume era o mesmo que nas vesperas da festa de Venus, onde um immenso grito de amor, uma irresistivel necessidade de voluptuosidade corria na multidão dos adoradores, reunidos em torno do templo da deusa, e Hymeneo cobria os olhos com uma venda, para não

ver tantos infieis que renegavão da sua inutil protecção.

Um singular incidente lançou alguma distracção n'aquella sociedade, fanatisada pelos prazeres de um dia de bodas. Entre os creados que destribuião refrescos notava-se o frade Esperidião que, em attitude de mortificação, se tinha resignado as humilhantes funcções da creadagem.

Elle passou com ar destrahido por diante de Leoncio e Estellina; o joven esposo apostrophou-o jovialmente:

—Perdão, meo padre, mas que officio desempenhaes esta noute? Eu serei obrigado a escrever ao Santo Padre, a fim de que vos purifique do interdicto que o vosso Geral sem duvida vos lançará um destes dias.

Espiridião inclinou-se como se não tivesse visto Leoncio e sua esposa.

—Meu filho, disse elle com accento de tocante candura e santa melancolia, nunca estive exposto as tentações do mal durante a minha vida; que merecimento terei diante de Deus se nunca o offendi gravemente? A palma não se dá senão áquelle que combateo e eu não acharei uma occasião melhor, todos os laços do inferno estão aqui, e eu quero ver se sou bastante forte para dormir algumas horas o somno dos fortes, se poder afrontar, com o soccorro da graça, os impuros fantasmas da noute. *Noctium phantasmata.*

Acabando-se esta phrase mystica, elle offereceo refrescos de uma bandeija de prata a Leoncio e a sua mulher.

Os dous esposos mitigarão a sede ardente que sentião e agradecerão cortezmente ao evangelico escanção.

Espiridião continuou na sua tarefa voluntaria até o momento em que soou no sino o signal de recolher para os esposos.

A longe ouvia-se bater meia noute no campanario do

convento; as luzes da fachada do castello ião-se apagando de janella á janella; as meninas do campo descião a collina conversando sobre os toilettes das senhoras da festa, os cavalheiros e as damas voltavão á Napoles com toda a velocidade de seos cavallos.

Os pais e os intimos dos noivos erão os unicos que tinhão ficado no castello; o socego cahia com as horas matinaes; um doce silencio purificava o bosque de pinheiros. Depois do riso, dos folgares e cantigas, vinha essa surda melancolia das noutes, essa tristesa aerea, muito mais sensivel nos lugares onde o marmore inda parece palpitar sob os pés dos dansadores e onde as flores estão ainda tepidas do seio da dama que as aqueceo.

Leoncio estava de joelhos ante sua esposa que se tinha assentado em uma cadeira no seo quarto.

Duas alampadas de forma antiga illuminavão o grupo nupcial. Estellina estava bella a fazer morrrer-se de desejos; Leoncio tremia de felicidade. Os retratos parecião olhar com amor para os seos originaes.

—O pintor elogiou-me muito, disse Estellina, para dizer alguma cousa extranha a posição em que estavão.

—Lisongeou-te! exclamou Leoncio. Mas se Deus não poderia pintar uma imagem mais bella do que a tua, se os anjos do seo paraiso são zelosos de ti e murmurão contra Deus! Se tu passasses pelo cemiterio de Chiaia, os mortos estremecerião embaixo da terra; lisongeou-te o pintor! Esse pintor impotente que não te podendo retratar resignou-se a fazer uma obra prima! E demais esse vestido, essas rendas e veludos, não fazem parte de ti; elle pintou esses brocados porque não lhe era permettido ver e pintar o que somente meos olhos podem ver....Tu me escutas, Estellina?

—Sim, meo amigo.

—Oh, deixa-me beijar teos pés, desejo tel-os em minhas mãos; e teos bellos cabellos e.....

—Meo amigo, tu me assustas. Espera... sinto frio... devo estar muito pallida.

—Sim, é a pallidez das jovens desposadas, é o receio do leito nupcial....Como estás bella com essa pallidez! Como lastimo não poderes amar a ti mesma....Vem, deixa-me, deixa-me carregar-te, sinto que meo peito se abrasa e eu choro de alegria.... Como tu és bella e como eu vos agradeço, meo Deus! Eu sou o escolhido e bem fadado por vos....Assusta-me a minha ventura. O que fiz eu para ser venturoso! Estellina, Estellina...mas tu pareces soffrer? ...

—Já t'o disse, meo amigo. Eu sinto calafrios, deixa-me tornar a vestir o meo vestido....

—E eu tambem tenho frio, tenho calor, tenho sede, tenho tudo... Sabes tu o que eu sinto? Meo cerebro queima-se, meos olhos se escurecem e meos dentes batem uns contra os outros. Mas não ha senão um remedio para isto... Nós seremos calmos e felizes amanhã...Vem...

—Mas tu tambem estás pallido, Leoncio! Tu tão corado, estás muito pallido... Vê-te no espelho, meo amigo...

—Oh, é um crime perder eu um minuto em olhar para outro rosto que não seja o teo....

—Tuas mãos estão geladas, Leoncio... Meo Deus! Eu tenho medo.... parece-me que falarão n'esta alcova.... Leoncio, meo esposo, tuas faces se encovão... tu soffres!

—Sim... soffro um pouco, mas não é nada. Se eu estou tão sequioso de ti, Estellina! Como teo collo está bello assim ... Desata os cabellos, deixa-os ondear sobre o teo seio... Mas eu soffro muito, Estellina, não tenho mais

forças para te tomar em meos braços, meos pés pezão-me, minha voz se enfraquece ... Mas tu tambem, minha mulher, tu...

—Tambem estou moribunda, meo amigo, meo esposo...

—Grande Deus! exclamou Leoncio, o que é que nos acontece?

E elle voltou tristemente os olhos para o leito. N'esse momento pareceo-lhe que alguem entreabria as cortinas da alcova, fazendo ranger os aneis de ferro. Leoncio tentou um ultimo esforço para apoderar-se da espada, mas cahio sobre os joelhos.

—Responde-me, disse elle com voz extincta para sua mulher, responde-me, Estellina, fala-me assim como eu te falo...

Estellina estendeo penosamente os braços e tocou nos cabellos do mancebo; seos labios movião-se como se ella debalde procurasse responder-lhe, ou como se recitasse alguma supplica de agonia. A morte já tinha lançado o seo baço pallor sobre esse corpo tão bello em sua meia nudez.

N'esse momento vozes melodiosas cantavão a serenata dos esponsaes.

—Sim... cantem... cantem... disse Leoncio com voz surda.

E lagrimas cahirão sobre suas faces de cera. As vozes cantavão a aria mystica de Palestrina, com estas palavras profanas:

Corre odorante de Sorrento a vaga,
Venus, das nuvens fulgurante brilha,
Prateia as ondas; e esta noute é tua,
Formosa loura, d'estas margens filha.

Venus nascida n'estas ondas bellas,
Vê jubilosa teo consorcio e amor,
Ella embalsama com ardente anhelito
Teo leito casto, e o laranjal em flor.

Deixa entre-abertas as janellas verdes
Que entre a folhagem ali 'stão sorrindo,
E que a harmonia que do mar se eleva
Vá ter a alcova onde estás dormindo.

Tu não escutas nos teos sonhos doces
Quebrar-se a vaga, no areal, gemendo?
E nem tão pouco do barqueiro o canto
Vindo do barco que passou correndo?

E na collina, de mysterios tantos,
Tanger não ouves bandolim mavioso?
E nem das fontes o cahir das agoas,
Doce murmurio, que se esvae saudoso?

O cicio brando que lá faz a brisa
A perpassar no jasmineiro em flor,
E entre as murtas, ao cahir da tarde,
Da philomela o gorgeiar de amor?

Ai, todas essas harmonias bellas
Hão-de amanhã n'um matutino canto
Falar a noiva, que vexada acorda
E traz nas faces do rubor o manto...

Vae amorosa, nessa noute linda
Junto do amante venturosa ser...
Gosa das ditas, que o presente offerece,
Podem amargores no futuro haver.

Leoncio estendeo a mão para a janella, abanando a ca-

beça com melancolico sorriso. Estellina tornou a si em um violento accesso de dor e murmurou:

—Meo amigo, nós estamos envenenados!

—Não é possivel, exclamou o mancebo com um ultimo esforço convulsivo. Deus seria criminoso se nos fizesse morrer assim. Eu morrer diante de ti, tambem morta e hoje!... Não, não.. a morte não foi feita para nós... para ti bella e poderosa como a vida! Oh, eu sinto que as minhas entranhas se despedação...

Estellina apertou as mãos de Leoncio e disse-lhe com voz sumida:

—Meu amigo, abraça-me ainda uma vez.

Estas palavras supremas galvanisarão Leoncio. Levantou-se, e recahio immediatamente junto ao corpo de sua esposa, a quem abraçou convulsivo.

—Não, disse o desgraçado mancebo; nós não morreremos... isto é uma provação... Se nós morressemos hoje, Deus, que é justo, nos ressuscitaria amanhã....

Adeuses funebres forão murmurados, labio contra labio, e os dous esposos rolarão sobre o pavimento de marmore. Erão dous cadaveres os mais bellos que um coveiro teria de polluir com suas mãos.

Então um homem sahio precipitadamente da alcova; era o frade Espiridião. Fixou os cadaveres com expressão de alegria saptisfeita. Tirou a agulheta de ouro do cabello de Estellina e escreveo uma palavra no seio da menina.

O sangue servio de tinta e a agulheta ficou enterrada na carne; depois elle atou uma escada de corda á janella da camara, desceo a esplanada e internou-se no labyrinto dos pinheiros.

CAPITULO II.

A TRANSIÇÃO.

Já tinha dado dez horas da manhã e excepto alguns camponezes e creados ninguem mais havia sahido do castello.

Todas as gelosias ainda estavão feixadas; ja o calor se avisinhava do terraço e uma brisa ligeira murmurava no bosque.

O conde de Las Vegas e sua mulher forão os primeiros que apparecerão em vestimentas matinaes; damas e cavalheiros chegarão depois. Toda essa sociedade ociosa e feliz passeiava com desleixo na grande alameda de pinheiros, e nos rostos de muitos vião-se os signaes do cansaço e abatimento.

Uma gargalhada fez parar os passeiadores e agruparem-se em um só ponto. Era o duque de Matalone que chegava do castello, fazendo resoar no bosque a barulhenta expressão de sua alegria.

—Snrs., disse elle, acabo de passar por baixo das janellas dos noivos, a advinhai o que lá vi eu...

Uma curiosidade muda interrogou-o vivamente com o silencio.

—Vi uma escada de corda presa á janella; os nossos caros meninos forão raptados!..

—Raptados! disserão todos em coro.

—Sim, raptados, proseguiu o duque. Para que servem as escadas de corda? Vinde ver, minhas senhoras; o rasgo é original! Na primeira noute de esponsaes! é novo na historia do amor.

A sociedade correo loucamente, com o duque na frente, até abaixo da janella da camara nupcial. A escada estava pendurada e todas as vozes gritarão:

—Leoncio! Leoncio!

A condessa de Las Vegas chamou por sua filha com a voz cheia de inquietação.

Ninguem respondeo.

—É preciso subir, disse o conde, e bater na porta.

Correrão a escada; a porta do quarto foi sacudida, a principio com pouca força, depois com furor, e finalmente arrombada ás martelladas. Invadida a camara, eu não vos poderei pintar a scena de espanto que se seguio.

Os dous cadaveres estavão estendidos no meio da caza; os raios do sol brincavam sobre o seio nú de Estellina; a pobre menina já estava esverdeada. No seo caminho o sol divertia-se em corrompel-a.

Conduzirão para fóra d'ali as duas mães moribundas, e todas as senhoras abandonarão a camara soltando gritos de horror.

Os senhores Las Vegas e Ottayano tinhão, com firmesa de homens, bastante coragem para contemplar seus filhos mortos.

Estavam juntos, em pé, com os braços cruzados e la-

grimas nos olhos, mudos e interrogando-se mutuamente com olhares cheios de expressão.

De repente o duque de Ottayano inclinou-se vivamente sobre um dos cadaveres, dizendo com voz surda:

—Aqui ha alguma cousa escripta com a ponta de uma agulha, para mim é indecifravel... Las Vegas, tu não choras, lê....

Ottayano leo esta palavra—*vingado!*—

—Comprehendo! disse friamente Las Vegas, Ottayano sacudio a cabeça e pronunciou com voz quasi inintelligivel estas duas palavras:—*é elle!*—

Depois uma escuma de colera rebentou dos labios de Las Vegas, o sangue entumeceo-lhe as veias das fontes e batendo fortemente com os pés sobre o pavimento exclamou com voz surda:

—O miseravel! Enganara-me hontem! Julguei reconhecel-o por um instante, por um unico instante. O atordoamento do dia tirou-me a reflexão...Se ha vinte annos que eu o não via....

—Sim...vinte annos, disse Ottayano. Eu o fazia morto.

—Mas é preciso vingarmo-nos. Ottayano, é preciso... Enviaremos nossos bravos ao convento da Torre de Greco... Não é assim, Ottayano?

—Inutil... inutil, que o bandido não estará mais a esta hora no convento.

—Maldição de Deus! Elle nos escapará! E' preciso partir immediatamente, ir a Napoles e contar o crime ao duque de Arcos. Aos inquisidores do vice-rei é que devemos confiar a procura do bandido. Os esbirros seguramente encontral-o-hão, já elle terá despido os trajes religiosos, talvez esteja entre os lazzaronis, talvez tenha fugido pelo caminho de Salerno ou pelo de Roma. E'

preciso que o vice-rei nos sirva. Vamos a Napoles, Ottayano...

—Á Napoles! Sim, amanhã iremos a Napoles, porem hoje não podemos deixar nossas mulheres...

—Ah! sim.. sim! Pobres mães!

—O duque de Matalone fallará por nós ao vice-rei, elle se prepara para partir já. Matalone nos servirá e amanhã nos iremos reunir a elle em Villa-Real.

—Sim, isso é o melhor. Vamos ter com Matalone... Oh, os pobres meninos!

Os dous desgraçados pais deixarão essa funebre camara á passos lentos e como que com pezar. Sahindo, Las Vegas indicou o leito nupcial a seo amigo, medonhos sorrisos correram pelos seos labios pallidos e tremulos. O leito ainda estava coberto com a sua magnifica e fluctuante colxa de franjas de seda e ouro.

Um cheiro de cadaver já corria pela camara.

—Estão bem mortos! disse Ottayano e feixou a porta.

Chamou um de seos creados e o collocou junto da escada como uma sentinella.

Forão elles ter, cada um por seo lado, aonde estavão suas esposas. Ambas estavão de cama, com uma febre ardente; parecião surdas a todas as consolações que se lhes prodigalisavão, porquanto o golpe fôra terrivel e recente.

A cerimonia funebre foi ao meio dia. Conduzirão os dous cadaveres para uma pequena capella no meio do bosque, onde forão enterrados. Um mez depois Las Vegas mandou vir de Napoles um bello tumulo de marmore branco, que collocou-se junto ao muro exterior da capella. Um padre benzeo-o e forão ahi depostos os dous corpos.

A porta de bronze do tumulo foi sellada e n'ella gravou-se esta inscripção:

Leoncio e Estellina

Mortos a 11 de Maio de 1646

DIA DE SEU CASAMENTO.

A grande janella e a porta do quarto nupcial forão muradas e lançou-se dous grandes veos negros sobre os retratos dos jovens esposos.

Os moveis ficarão no mesmo lugar, não lavou-se nem mesmo o lugar do quarto onde os cadaveres forão encontrados; um suor corrosivo, o suor da morte e do veneno, desenhara, por assim dizer, as formas dos dous corpos sobre o marmore.

Por ordem do duque d'Arcos fizerão-se severas pesquizas na cidade e no campo, afim de descobrir-se o frade, indigitado como autor do crime. Tudo foi inutil.

Elle não tinha voltado ao seo convento, e o lugar que escolhera para refugio foi um mysterio para os alguasis do vice-rei.

A recordação d'essa espantosa noute deixou no castello uma mancha lugubre, uma nuvem de consternação, que debalde perpassavão os dias sem nunca podel-a apagar. Somente as duas mãis, a principio inconsolaveis e decididas a morrerem suicidadas pelo desespero, resignarão-se a viver.

A certesa de uma nova maternidade impoz-lhes o dever de resignarem-se com a passada infelicidade.

Dez mezes depois a condessa Las Vegas deo á luz uma menina que teve o nome de Estellina e com quinze dias

de intervallo sua amiga tinha um outro filho que foi chamado Leoncio.

Uma alegria triste e pouco confiada no futuro, cercou os berços dos recem-nascidos.

Ottayano e Las Vegas tinhão guardado para todos, até para os parentes mais intimos, segredo sobre a gravidez de suas esposas; o nascimento dos dous meninos foi cercado do mesmo mysterio. . .

Um padre fora introduzido clandestinamente, a noute, por Las Vegas, junto do berço e forão ambos baptisados sem declaração do nome de seos pais.

As duas familias levarão a precaução ao ultimo excesso do escrupulo, afim de occultarem essa especie de ressurreição, aos invisiveis inimigos, que tão bem calculavão as suas vinganças e sabião esperar muitos annos para mais a proposito ferirem.

Las Vegas e Ottayano, desgostosos de Napoles pelos terrores vagos que experimentavão e pela catastrophe espantosa que ahi presenciarão, projectarão passar á Hespanha logo que seos filhos estivessem bastante fortes para supportar a viagem. As duas mãis aprovarão muito esse projecto, pois tinhão tomado horror ao castello.

Essas duas familias mal tinhão começado a soffrer os rigores da fatalidade. Quando esse monstro deixa cahir as suas garras de ferro sobre qualquer victima, elle a tortura por muito tempo, e abandonando-a semi-viva, volta depois para roer-lhe o esqueleto.

Eis o que mais aconteceo:

A 1 de Julho de 1647, quarto dia do reinado de Mazaniello, reinado de uma semana, o povo precipitou-se no palacio do duque de Matalone para massacral-o; o duque tinha fugido. Seo irmão José foi decapitado na praça

publica porque era preciso um membro d'essa familia á vingança popular.

Sabião que o duque tinha pago alguns individuos para assassinarem Mazaniello, e era essa a causa da irritação.

Os amigos do duque de Matalone forão votados a mesma sorte, como cumplices.

Os condes de Las Vegas e de Ottayano, acommettidos no largo do castello foram massacrados e lançados ao mar.

Um lazzarone, seguido de um grupo numeroso e dedicado, commandava essa expedição. Esse homem desconhecido, mas tão fielmente obedecido, como todos aquelles que nas revoltas patenteião uma intelligencia superior, dirigio-se aos lazzarones seos companheiros e disse-lhes com voz calma e doce, voz que contrastava com a scena de assassinato que elle provocara.

—Meos amigos, a morte d'estes dous trahidores não nos basta, é necessario subirmos ao seo castello, e lá continuar a nossa vingança. O duque de Matalone foi ahi que procurou refugio; precizamos do sangue de Matalone! Vinde comigo.

O lazzarone desconhecido, conduzio essa multidão ebria de sangue, para o castello de Las Vegas. Apenas encontrarão lá o porteiro Estephanio.

Esse creado assistio pacificamente a devastação d'aquella linda residencia. O tragico fim dos dous esposos fizera sobre elle impressão tão forte que o reduzira a um estado de imbecillidade.

Emquanto durava o exterminio, o desconhecido lazzarone marchou direito ao tumulo da capella; abrio a porta de bronze, roubou os corpos de Leoncio e Estellina e do alto da collina lançou-os as aves de rapina que corvejavão por

sobre o profundo valle de Ottayano. Esse luxo de vingança pareceo dar-lhe summo prazer porquanto seo rosto illuminou-se.

As duas senhoras e as creancinhas terião provavelmente sido victimas d'esses scelerados e de seo chefe mysterioso, se o destino não reservasse-lhes provança maior.

Depois do assassinato de Las Vegas e de Ottayano, o creado que os acompanhava, de nome Limerio, correo ao castello com precipitação para partecipar as duas viuvas da sorte de seos infortunados maridos, e para arrancal-as de uma habitação onde elle presumia que os assassinos se dirigirião infallivelmente.

Limerio lançou-se aos joelhos da condessa de Las Vegas:—salvae-vos, salvae-vos, disse elle, vós não tendes um instante a perder; d'aqui a uma hora a morte estará n'este castello—Outros creados, vindos de Napoles, espalharão o alarme e confirmarão o assassinato de Las Vegas e do seo amigo.

As duas desgraçadas viuvas tremerão por seos filhos. Resolverão abandonar immediatamente o castello para procurarem asilo em qualquer cidade do littoral da Italia.

Limerio era um marinheiro de Procida, elle sabia conduzir uma barca e era dedicado as duas familias.

Foi a elle que as esposas de Las Vegas e de Ottayano se confiarão n'aquella hora de desespero.

Ellas reunirão as pressas as suas joias, seos diamantes e todas as riquesas portateis. Limerio collocou os dous meninos em um berço commum, e essa familia fugitiva, composta de cinco pessoas, entrando o creado, desceo a collina atravez os bosques e por uma vereda afastada; chegou a pequena enseada de Ottayano, onde estava amarrada uma velha barca, pertencente ao castello.

içarão a vela, o vento era fresco e favoravel, entregarão-se a descripção d'elle. Ao cahir da noute o tempo tornou-se tempestuoso, o mar prodigiosamente agitado, causava sustos as senhoras; os meninos dormião. Limerio, privado de bussola e não conhecendo para onde o impellia a força do vento, manobrava para não ser submergido e para afastar-se da terra.

A meia noute a tempestade era tão horrivel que pareceo impossivel a Limerio salvar a fragil embarcação.

Por cumulo de desgraça, a canoa começou a fazer agoa, como se tivesse a barca sido tocada por uma ponta de rochedo, no encontro de algum arrecife á flor d'agoa.

As duas pobres mulheres derão um gritto assustador, e erguerão sobre os joelhos o berço de seos filhos, emquanto o infatigavel Limerio procurava deitar fora a agoa que entrava em abundancia.

Sosinho, era elle impotente para lutar com a tempestade e com a avaria da canoa. Uma luz de esperança brilhou entretanto; o sustó diminuio sensivelmente com os primeiros alvores da aurora; o mar pareceo acalmar-se. Já no horisonte descobria-se confusamente as linhas azuladas da costa, porem a barca, que desde a vespera tinha sido impellida pelo vento com maravilhosa rapidez, avançava muito lentamente, porque o volume d'agoa que a invadia, fazia um pezo enorme, e todos os esforços de Limerio não erão bastantes para alijal-a.

—Estamos perdidos! exclamou a condessa de Las Vegas, lançando um olhar desvairado sobre o berço.

Limerio ficou silencioso. A agoa subia sempre pelo rombo aberto, já estava quasi ao nivel dos bancos. A costa, muito ao longe, desenhava-se ligeiramente.

—A quem devo salvar? exclamou Limerio.

—Salva nossos filhos, responderão as mães.

—Então orae a virgem por nós tres, disse Limerio.

E tomando o berço, que já era molhado, collocou-o muito de leve no mar, dirigindo-o com uma mão, e nadando com a outra.

A barca submergio-se. Limerio voltou o rosto e apenas vio sobre o mar a flamula verde da antenna. O marinheiro nadou tres horas, afim de chegar a costa; elle tinha conservado o berço em perfeito equilibrio. Os meninos amamentados por suas mães momentos antes, dormião pacificamente no leito fluctuante.

Extenuado de fadigas, e ardendo em febre, Limerio acabava de os conduzir a costa de Ostia, onde deixou o berço na porta de um convento.

Por dever ou por curiosidade, o podestá veio algumas horas depois tomar informações sobre o naufragio. O honrado creado respondeo com toda a verdade as questões que lhe parecerão sem compromettimento; assim declinou elle o seo nome, o de Estellina e o de Leoncio. Receiando depois comprometter o futuro dos dous meninos, que inimigos muito terriveis se encarniçavão em destruir, elle improvisou uma fabula e disse ser um pescador de Civita-Vecchia, que a noute passada recolhera em sua barca esses dous mininos naufragados com suas mães. Os detalhes que apresentou forão os mesmos verdadeiros, que acabamos de ler.

O podestá resolveo escrever no seguinte dia ao cardeal Albrucci, para instruil-o da caridade evangelica de Limerio e sollicitar-lhe uma recompensa, mas o pobre creado instou e recusou, já atacado dos primeiros symptomas de uma pleuriz, que o havia de levar ao tumulo.

No fim de tres dias de emoções e intoleraveis fadigas recebeo elle o golpe mortal.

Nunca poude levantar-se do leito hospitaleiro para que foi conduzido, tremulo e molhado, pelo esmoler do convento de S. Clara.

Limerio morreo em um accesso de delirio, no qual revelou cousas extranhas; cousas que parecerão bem mysteriosas áquelles que as escutarão. Por entre a incoherencia dos seos pezadellos, recitados quasi agonisante, descobria-se algum incidente verdadeiro da tragica historia do castello de Las Vegas.

Os dous meninos, Estellina e Leoncio, ficarão sob a guarda dos frades do convento.

CAPITULO III.

EM ROMA.

A 2 de novembro de 1666, um joven artista desenhava uma melancolica paizagem de ruinas, no meio dos antigos *banhos thermaes* de Antonino. Junto d'elle bordava uma menina loura, assentada sobre um capitel.

Parecião da mesma idade; desoito annos pouco mais ou menos.

O traje de ambos não annunciava abastança; estavão inteiramente entregues ao trabalho, como se delle é que lhes viesse o pão quotidiano.

Algumas badaladas soarão gravemente no campanario da igreja dos Santos Nereo e Achileo. O mancebo estremeceo, e deixou cahir o seo lapiz.

—Este sino assustou-me, disse com voz surda: Será já Ave-Maria, Estellina?

—Não, meo irmão, são as ultimas badaladas da festa dos finados. E nós não rezamos um unico *miserere*!

—Por intenção de quem haveriamos rezal-o, minha irmã? disse o mancebo com um triste sorriso.

—Pelas pobres almas do purgatorio.

—Tens rasão, Estellina. Se as almas de nossos pais estivessem penando, tu as terias aliviado com tuas suplicas, tão puras e angelicas, Estellina! Escuta, minha irmã, parece-me que vamos perdendo nossos habitos piedosos, e costumes religiosos a medida que avançamos em idade. Ha tres annos que deixamos aquella boa casa hospitaleira de Santa Clara, onde fomos educados tão christanmente, e assusto-me em pensar como temos tomado amor as cousas mundanas! Eu sobretudo, minha irmã, porquanto tu não fazes senão a minha vontade. Tuas virtudes pertencem-te, tuas faltas são minhas. Hoje, por exemplo, não é um crime perante Deus e os homens ter deixado passar a festa dos mortos sem recitar em qualquer canto da igreja os sete psalmos penitenciaes? Dir-se-hia que fomos guiados por um espirito maligno.

A menina aproximou-se vivamente de seo irmão com um estremecimento nervoso, e seos grandes olhos negros, radiarão de uma maneira assustadora sobre a pallidez de seo rosto.

—Vamos a igreja, disse ella, eu preciso orar. Vem, meo irmão, deixemos estas ruinas, ellas são muito tristes para nós.

Leoncio escutava sua irmã com os olhos fixos sobre ella; parecia que essa voz cheia de notas melodiosas, arrancava-o por momentos d'algum pensamento habitual de horrivel melancolia.

Estellina tinha acabado de falar e Leoncio olhava-a ainda como se a estivesse ouvindo.

Ás palavras de Estellina succedera um extranho silencio. O vento do outomno fazia ramalhar as innumeras trepadeiras e mais parasitas que se enlaçavão pelas collossaes abbobadas das ruinas e a cada lufada de vento, os galhos desprendião um pedaço de mosaico.

Abrasadora calma fazia-se sentir por intervallos; o ceo tomava uma cor achumbada, e muitas nuvens se acumulavão do lado da via Appia.

Desde junto o Palatino até ao tumulo da filha de Crassus, não se destinguia um unico vivente. Esse immenso deserto parecia o cemiterio de algum mundo, onde tivessem destruido tumulos e cyprestes.

O dó incomparavel que entristece aquella parte das ruinas impressionava a imaginação nervosa de Leoncio.

Elle entregava-se com uma especie de alegria a impressão desoladora da paisagem, mas subitamente desgostava-se, e procurava na planice algum novo ponto de vista.

Ora contemplava a linha triumphal e quebrada dos aquedutos; ora a muralha negra e dentada do velho edificio aureliano; ou então algum tronco de columna granitica, ormamento do vestibulo da casa de banhos, e que então jazia sobre um leito de relvas, violetas e margaridas brancas.

Estellina já não bordava, estava immovel, com os olhos fixos e a vista incerta; ter-se-hia acreditado, vendo-a, que a estatua do Pudor fora exhumada das ruinas. O sino da igreja visinha soou uma segunda vez e a menina ergueo-se vivamente, como se fora arrancada de um sonho penoso.

—Vem, meo irmão, vem, murmurou ella baixinho, vamos orar.

Leoncio retomou seo manto escuro e já usado; lançou

sobre os hombros de Estelfina uma mantilha vermelha, e dirigio-se lentamente para a porta das thermas.

A velha mulher que abrio-lhe essa porta, abanou tristemente a cabeça, vendo-os passar e recommendou-os a Santa Virgem, em uma curta oração.

Estavão lividos e desfigurados como agonisantes.

As portas da igreja feixavão-se quando elles ião para entrar. Leoncio poude ainda destinguir treze tochas de cera amarella que ardião em torno de um catafalco negro semeiado de lagrimas brancas.

—Chegaes muito tarde, disse-lhe o sacristão, acabão de resar o ultimo psalmo.

Leoncio deixou cahir uma pequena moeda de prata nas mãos do sacristão.

—È para uma missa pelos finados, disse elle.

O sacristão abrio o registro collocado sobre uma mezinha que havia na entrada da igreja.

—Pela alma de quem deve-se celebrar essa missa? perguntou elle a Leoncio.

—Pela alma de nossos pais?

—Que nomes devo escrever?

Leoncio não respondeo.

—Os nomes de vossos pais, proseguio o sacristão; unicamente os nomes de baptismo, porquanto o sacerdote os deve pronunciar no *memento*. Esquecestes esses nomes?

—Sim, esqueci-os, disse Leoncio, com um suspiro abafado. Estellina, apoiada sobre uma pequena columnata da entrada, chorava.

—Pobres meninos! disse o sacristão, que os santos da nossa igreja intercedão por vós. Dir-se-ha a missa. E offereceo agoa benta a Leoncio, feixando depois a porta da igreja.

Leoncio agasalhou-se bem em seo manto, fez um aceno a Estellina para acompanhal-o, e com passo rapido se internarão pela via Appia.

Deixarão a esquerda os arruinados fragmentos que cobrem o tumulo dos Scipiões, e mais ao longe esse campo inculto no qual se estende a immensa ellipse das ruinas do circo de Caracalla, e chegarão aos limites da Roma aureliana, junto d'essa torre tumular que eternisou o mais profundo sentimento paterno, de que foi Roma testemunha.

O dia declinava e tornava-se tempestuoso; o vento do oriente, encanando-se pelas setteiras da piramide de Cecilia Metella, fazia resoar uma harmonia lugubre como a melopéa dos funeraes antigos; as touças embastidas das plantas eternas, que cobrem o tumulo como uma coroa de luto, deixavão cahir esgalhos a cada rajada do vento.

Outras vezes dir-se-hia que todas as salientes cabeças de touros, esculpidas sobre o pedestal do mausoleo, mugião como as grandes victimas de Clitumne, diante da hacha do sacrificador. O vento que silvava por sobre essa planice, passando por entre ruinas, tinha todas as vozes, e todos os gritos da desolação. Cada destroço sugeria-lhe um pensamento. Fazia estremecer, como choque electricos, todos os arcos do aqueducto; todos os porticos do circo de Antonino; corria pela via Appia, abrindo regos e com um ruido de carroças; quebrava-se nas cimalhas das muralhas aurelianas, imitando os clamores dos barbaros de Theodorico; e não havia um unico tufão que solemnemente não recordasse uma grande cousa destruhida, uma queda de colosso, uma lamentação do universo.

Leoncio se entregava com embriaguez aos deleites d'essa potencia invisivel do ar, que lhe falava uma linguagem tão comprehendida pelo seo coração.

—Ah, aqui se respira, não é verdade, minha irmã? Não se soffre só. Soffre-se com tudo que n'este lugar soffreo; as lagrimas cahem sobre lagrimas, que aqui se chorarão! Oh, como é immenso este luto! Todo o pranto que correo n'este lugar, se fosse por Deus posto em reserva, bastara para mudar a via Appia em uma torrente. Posso emfim sorrir; isto dá-me alguma alegria.

E elle se poz attentamente a examinar a torre sepulchral de Cecilia Metella. N'aquelle momento algumas trepadeiras arrancadas pelo vento cahião em ondas, como lagrimas, sobre a triste inscripção do tumulo.

—Pobre filha, e sobretudo pobre pae! disse Leoncio. Como deveria ser grande a dor que se exprimio com tamanha simplicidade!

Ceciliæ G. Cretici. F. Metella Crassi.

—Nada mais! e quantas gerações se tem enternecido diante d'ella! Escuta, Estellina, está-se bem aqui, não é certo? Esse tumulo está vasio; escolhamol-o para nossa caza.

—Comtigo, meo irmão, um tumulo é um palacio.

—Boa irmã! já desgostei-me de Roma; ninguem sente como eu n'essa cidade; estou lá na rua de Santa-Theodora como um homem vindo do outro mundo. As creanças tem medo de mim, quando eu as olho; a nossa visinhança é má, e em outro qualquer bairro ella não seria melhor, porque todos os bairros de Roma se parecem. Vê-se por toda a parte mulheres loucas por seos corpos, e minha irmã não deve viver senão em uma atmosphera de anjos e bem longe dos homens.

—Oh, meo irmão, disse Estellina, com voz que não parecendo humana, julgar-se-hia uma queixa sahida do tumulo de Cecilia; oh, meo irmão, eu não vivo senão para

ti, no mundo só vejo a ti e nada mais escuto do que se passa em torno de nós; tua palavra é a unica que vae a meos ouvidos; meo horisonte só chega até as franjas de teo manto. Se eu oro a Deus é porque tu tambem oras; se trabalho é para te imitar; se caminho é para seguir teos passos. Esteja eu triste Leoncio, para sorrir-me basta ver o teo riso; meo corpo não é senão a sombra do teo; minha vida é um reflexo de tua vida. Quando pronuncio teo nome, eu desejo que as syllabas d'esse nome sejão eternas, tal é o prazer que sinto em proferi-las; eu te chamo—meo irmão—porque julgo que não ha um nome mais doce do que este; se tu sabes algum, ensina-m'o. Nunca olhei de frente um outro rosto que não fosse o teo; não suspeito da existencia das outras creaturas humanas senão pelo ruido que ellas fazem passando junto de nós. Oh, meo irmão, precisas por ventura indagar do meo gosto? Queres viver, eu viverei; desejas morrer, eu tambem morrerei. Casa ou tumulo, tudo será para mim o céo na terra, comtanto que eu ouça a tua voz bem junto da minha.

—Anjo de Deus, celeste menina, disse Leoncio exaltado, eu te abraçaria com ardor se caricias, embora fraternas, fossem permittidas diante de um tumulo! ..... Não, não, tu não sabes como me é preciso o balsamo de tuas palavras, porquanto eu tenho pezares e dores que nenhum homem conhece, que fazem empallidecer meo rosto, que gelão minha lingua e queimão a raiz de meos cabellos! Dores tão imcomprehensiveis, que algumas vezes eu agito-me com violencia como para livrar-me de um sonho terrivel, visto como tão grande exaltação de cerebro só pode apparecer durante os mais penosos somnos! Um dia eu julguei ter um amigo.... Tu não sabes o

que é um amigo .... È um homem que nos engana mais polidamente do que os outros .... Passeiava com esse amigo na praça solitaria do Arco dos Ourives, perto de nossa casa; oh, como eu soffria n'aquella tarde! Quiz desafogar e contei-lhe minhas magoas; elle não comprehendeo-me. Exforcei-me por explicar-lhe a natureza extranha d'essas ideias que me despedaçavão, pois bem, sabes o que fez esse amigo? Desatou a rir e chamou-me louco. Nunca assassinarei alguem porquanto esse *amigo* sahio vivo de minhas mãos. Vive esse grande sabio! vive feliz, ou mostra sel-o; passeia trajando veludos, com a mão sobre os copos da espada, todos os domingos por diante da igreja de Santa Theodora. Faz sonetos aos lindos olhos das damas, janta todos os dias com um cardeal e passa a estação invernosa na Villa—Pamphilia... Que Deus lhe dê uma boa morte; morrerá sem por um instante saber se viveo. Quanto a mim felicito-me por tel-o condemnado a vida, matal-o não era vingar-me. Desde então eu guardei o meo segredo; é um santo thesouro que me pertence; achas que o deva confiar a minha irmã?

Estellina apertou as mãos de seo irmão e quedou-se para escutal-o.

Leoncio passou os dedos pelos ondeados cachos de seos negros cabellos e appoiando vivamente a mão sobre a fronte, deixou ver lagrimas em seos olhos.

Pela agitação do peito, facil era conhecer-se que elle fazia um grande esforço, e soffria muitissimo, querendo traduzir em palavras aquillo em que tantas vezes tinha pensado. Emfim elle falou.

—Não são dores ordinarias as que eu vou relatar, minha irmã. Nós não podemos ter senão males de predi-

leção; porventura não somos os dilectos da desgraça? Nossa vida parece-se com alguma outra vida? Não sabemos nem o que fomos e nem o que somos. Collocados entre as ultimas camadas dos homens, existe entretanto em nossas almas bastante altivez natural, que desmente a nossa abjecta condição. Somos pobres, não como esses desgraçados que dão em espectaculo os seos andrajos, na praça Montanara; é um outro genero de miseria a nossa. Nunca estendemos as mãos na porta de algum cardeal; as nossas boccas nunca murmurarão essa dolorosa jaculatoria que violenta a esmola ou provoca a recusa. Comemos com o suor do nosso rosto, mas o nosso trabalho é sempre mal pago. Por muito tempo procurei em Roma algum mortal que me deixasse entrever no seo olhar e exterioridades, qualquer semelhança com a minha posição... vi miseraveis, e todos me parecerão resignados, todos suportavão a indigencia com ledice, e como cousa que lhes cabia; o que eu nunca notei nos rostos os mais soffredores forão essas contracções rapidas, esses olhados para o ceo, que partem o coração, e parecem uma accusação contra Deus. Se alguma vez sorprehendesse um homem em flagrante confissão de desgraça, ter-lhe-hia estendido a mão, elle me teria comprehendido e nós associarnos-hiamos para levar a vida com menos peso sobre o coração. Um dia eu vi junto as grades da igreja de S. Jorge um homem assentado e a chorar; é preciso desconfiar do pranto, pois por mais das vezes elle não é senão agoa pura, mas eu perguntei a esse homem, com interesse o motivo do seo desespero: elle tinha perdido um filho. Perder um filho é uma dôr natural, dôr classificada no vocabulario humano, e que tem um nome; assim a marcha a seguir é muito simples para consolarmo-

nos de taes dores; ella tem suas phases, sua progressão, seo decrecimento. No dia seguinte encontrei junto á S. Paulo esse pae inconsolavel; já elle não chorava; pelo carnaval torneia vel-o, corria mascarado, vestido de arlequim. Reconheci portanto que eu andava completamente isolado dos demais homens, que minhas magoas não podião ser traduzidas para a nossa linguagem; que n'esta grande cidade que tanto sofreo, e até as entranhas foi delacerada por todas as chagas do universo; n'esta Roma toda contrahida á força de convulsões, nunca um habitante me comprehenderia, e portanto que era inutil eu confundir-me com os mais para trocar palavras, que jamais exprimirião a ideia que me absorve todo inteiro. Assim pois eu refugiei-me em minha solidão, e algumas vezes tenho experimentado assomos de altivez pensando que descobri um soffrimento novo, que fui o creador de uma desgraça! E entretanto o que sou eu? O que eu sou! Oh, assenta-te, assenta-te sobre essa partida columna, minha Estellina, as ruinas são as nossas cadeiras.....

O que eu sou! oh, se tu podesses falar agora, sombra d'essa menina que em torno de nós volteias! O que eu sou, Estellina? Um homem como os outros? Impossivel. Nunca assentei-me em seos banquetes, e nem fiz libações com elles; não conheço seos theatros, seos jogos, seos prazeres, suas dores, suas loucas confianças e nem tão pouco os seos desesperos! Na cidade em que elles habitão eu suffoco como em uma prisão. Retirei-me para a escura vereda, lá onde começa o caminho dos tumulos. Ahi eu sinto-me em dominio meo; amo os sepulchros, não aquelles onde o verme ainda tem que roer, porem os tumulos em ruinas, os esqueletos de tumulos, e, gloria á Roma, este luxo funerario não lhe falta. Ci-

dade afflicta, por toda a parte estende as insignias do nada; de um lado appoia-se no tumulo de Adriano, do outro no de Cecilia, como uma devassa rainha, reclinada sobre dous favoritos seos.... Sim, eu amo os tumulos como ama-se a casa natal; amo-os não porque sei que devo descançar n'elles um dia, mas....

—Meo irmão! exclamou Estellina.

—Porque parece-me que sahi d'ahi....

Estellina lançou-se nos braços de Leoncio dizendo com voz surda:

—Eu o tinha advinhado!

O mancebo apertava-a de encontro ao peito, beijando-lhe os labios, a fronte e os cabellos com um delirio que nada tinha de fraterno.

As palavras que mutuamente elles trocarão, forão cobertas pela voz da tempestade. Terrivel se tinha tornado a noute. Alguns raros relampagos illuminavão por intervallos a torre de Cecilia e a linha de muralhas; todo o resto do campo apresentava então uma cor livida.

O sino de S. Paulo annunciou o officio nocturno, e os sons trazidos pelo vento parecião retinir na torre deserta, como se suas pedras fossem de bronse.

Os dous jovens conservarão-se estreitamente abraçados; um relampago deslumbrador os fez estremecer, Leoncio ergueo-se vivamente, pois pareceo-lhe que a santidade d'aquella confidencia tinha sido violada. O relampago illuminara em toda a sua largura o baixo relevo de marmore; essas figuras de mulheres desgrenhadas, de sacerdotes e sacrificadores se tinhão animado á luz do meteoro, e dir-se-hia que um cortejo funerario caminhava para o tumulo.

—Tu o vês, exclamou Leoncio com as mãos para o ceo,

tu o vês, Estellina, o inferno está irritado contra mim; eu quebrei o meo segredo, trahi uma confidencia do tumulo, e fiz ainda mais do que isso .... Tive uma idea, uma idea medonha! Oh, o excesso da desgraça nos aconselha as vezes que busquemos consolação no crime.... Estellina, estive para esquecer quem eras.... Vamos, vamos, minha boa irmã; aproximemo-nos das habitações dos homens...vem...que este lugar é maldito.

Elles descerão a pequena elevação sobre a qual está contruido o mausoleo; Leoncio trazia Estellina pela mão, e, caminhando pela via Appia, lhe dizia:

—Esta ideia espantosa de que eu não nasci como os outros homens, que minha vida sahio de um tumulo, que eu pertenço a uma classe de seres intermedios entre o homem e o demonio; esta ideia desesperada, existe gravada em meu cerebro, e domina todas as minhas outras ideas. Á noute eu tenho sonhos crueis, sonhos que por muitas vezes perturbão o teu somno, minha pobre irmã, porque eu tenho visto na cabeceira de meo leito, alluniiado pela alampada, o teo bello rosto banhado de suor. É que ouves esses atrozes gemidos que me obrigão a despertar, quando me sinto esmagado pelo meo pezadello habitual. N'essas occasiões parece-me que sou enterrado em uma profundesa, pregado em um esquife, envolvido como uma mumia nas estreitas dobras da mortalha; respiro o cheiro de hervas do sepulchro, da cal e dos cirios apagados; sinto por sobre a minha mortalha os vermes arrastando-se e picando-me, como uma ponta de espada; ouço o vento por cima a murmurar no cypreste e no hervaçal, os cantos mortuarios, e as pancadas do soquete sobre a terra do meo jazigo. Então uma claridade sombria envolve-me todo, como um relampago livido e sem fim, e o que vejo n'esse mo-

mento é tão medonho que a lingua não encontra palavras para o exprimir,e os ouvidos não têm forças para o escutar! Enteso os braços para ver se rompo o meo estreito sudario, exforço-me por levantar-me, mas tenho como que uma argola nos pés e no pescoço.... á força de convulções, consigo fazer um movimento, a minha cabeça quebra-se de encontro a uma abobada chata e humida, sob a qual eu fico esmagado. E eu tenho o sentimento de minha existencia, raciocino sobre o meu estado, sinto fome e ardo de sede; alongo os labios para ver se posso tocar em alguma das raizes que pendem, e para humedecer minha lingua abrasada na humidade da abobada...Não toco em nada...quero chorar para beber as lagrimas, e meus olhos ficão enxutos. Procuro resignar-me, mas só consigo desesperar e é por uma violenta crise de desespero que consigo libertar-me. O meo coração pára e, depois de muitas contracções e soluços abafados, sahe um grito de meo peito e eu desperto, demorando tempo immenso em convencer-me de que o horrivel sonho acabou-se. O que quer de mim este sonho? Que pacto fiz com elle? É um sonho familiar e que me faz aborrecer a unica consolação offerecida pelo ceo aos desgraçados—o somno. Não é injustiça que depois de um dia agoniado o remedio que se vá encontrar no somno seja uma visão mais terrivel do que os males reaes? Oh, isto me obrigará a blasphemar!..

—Meo irmão! exclamou Estellina chorosa, acalma-te, não fales mais; a tua mão queima, tu estás doente...

—Não, eu quero dizer-te tudo esta noute; depois não te falarei mais de mim. Escuta, escuta ainda, e procura comprehender-me; eu peço-te mais do que a attenção, desejo que advinhes. Nós somos do mesmo sangue; nossa organisação seguramente é a mesma; tu me dirás, por-

tanto se me comprehendes. Muitas vezes em minha vida tem me acontecido, estando tu assentada a meo lado, ou passeiando pelo meu braço, acommetter-me um pensamento singular, em relação aos objectos exteriores a nós. Pela combinação accidental de nossos movimentos, nossos gestos e nossos olhares, vendo tal aspecto do ceo, certa forma das nuvens, uma tal ondulação de montanhas e certa claridade do dia, parece-me subitamente que eu em outra epocha de minha vida ja presenciei as mesmas cousas, os mesmos quadros e senti iguaes sensações, sem faltar um unico detalhe. Então suponho que vejo as minhas recordações encarnadas e em painel real. E' certo que essa impressão é fugitiva, que, apenas recebida, ella se evapora; porem o abalo que a segue é tão forte, que eu não me julgo victima de uma illusão; e demais poucos dias se passão sem que eu sinta iguaes e repetidas sensações. Lembras-te dos esponsaes do senhor Corsini, sabes que concordando com a tua curiosidade, ao sahir das vesperas em S. Pedro do Monte, entramos no jardim dos nobres noivos, para ver a festa....

—Sim, sim, lembra-me d'esse dia, disse Estellina. Como estavas pallido ao entrar em casa.

—Saberás o motivo, minha irmã. O jardim Corsini estava illuminado e com a fragrancia dos laranjaes em flor; nos pinheiros o vento ciciava, junto do Janiculo; havia prazer e felicidade no correr da brisa e eu supunha habitar em um outro mundo. Nós passeiavamos sob uma latada, arredados da multidão, e esforçavamo-nos por estar alegres; concorria para isso os perfumes da collina, as notas de muzica que enfraquecidas vinhão da sala da festa, e o doce ruido das cascatas. Nunca entrára no jardim de Corsini; nunca eu vi por esse lado Roma, o Janiculo, os bosques dos

pinheiros, nem as alamedas de larangeiras. Pois bem, de repente, nos ares, no jardim, nos reflexos da luz, no terraço de marmore, nos accordes da muzica, no susurro dos cantos e das agoas, passou-se alguma cousa de melancolico mysterio que fez-me ficar cravado no lugar onde passeiava: Olhei para ti, e teos olhos estavão fixados nos meos.... Era a segunda vez em tua vida que me olhavas com aquelle olhar; foi a segunda vez que vi-te naquella postura, docemente reclinada para traz, como esperando o beijo do esposo; foi a segunda vez que ambos assim paramos, quando as estrellas luzião, os laranjaes embalsamavão o ar; quando dançava-se sobre o marmore, e os vidros do palacio vibravão o fogo dos lustres sobre os troncos dos pinheiros; quando uma voluptuosidade embriagadora exhalava-se dos trajes das damas; o coração derretia-se de amor, e um mysterio langoroso e apaixonado revelava-se em todas as vozes da noute. Era a segunda vez Estellina, que eu via semelhante quadro, que eu o revia ... Mas a primeira? quando foi a primeira? Eis ahi o abysmo ... Seguramente não foi n'esta minha vida de hoje, n'estes meos desoito annos.... Minha irmã, esses pensamentos, esse delirio, essa febre, essas revelações, tudo isso me mata; é talvez loucura minha, e as vezes persuado-me disso, mas, loucura ou não, que me importa se semelhante molestia é mortal? Não creias que eu receio morrer, pois talvez a morte seja o começo da vida. Considero-me como um homem já habituado a morrer. Porem eu não vivo só para mim, pobre menina! preciso da existencia, já que se chama vida a isto que eu arrasto, para cuidar de ti como um pae, minha boa irmã. Tu precisas de mim, pois bem, Estellina, eu me restabelecerei. É o ar de Roma que me envenena; é esta cidade

onde a alegria é mais triste do que a dor .... Eu tão impressionavel pelos objectos exteriores, preciso viver sob um ceo mais risonho, em alguma residencia alegre, como essas tantas que existem á borda do mar. Tenho necessidade do mar; dizem que em Napoles elle é azul, bello e capaz de refrescar o sangue de um precito; vamos a Napoles; diz-me o coração que seremos feliz em alguma cabana de Ischia, sob as ramadas de Pausilippe. Amanhã irei ter com Salvador Rosa, o napolitano; elle estima os artistas ou parece estimal-os; pedir-lhe-hei conselhos e elle m'os dará, porque isso custa pouco. A viagem é curta e facilmente será feita. Consentes, minha irmã? Queres ir a Napoles?

Estellina abraçou Leoncio.

—Nós partiremos, disse Leoncio, é Deus sem duvida quem me inspirou esse projecto.

Elles tinhão chegado diante da porta de casa. Era uma rua bem solitaria, todas as luzes já estavão apagadas no bairro, apenas destinguia-se a frouxa claridade de uma alampada, atravez dos vidros da igreja de S. Theodora, e ouvia-se o ruido da fonte que corre no fim da rua, junto do Campo-Vaccino.

CAPITULO IV.

SALVADOR ROSA.

Por uma triste manhã de outomno, Leoncio sahio da rua de Santa Theodora e atravessou o Tibre em uma das pequenas barcas que estavão amarradas nas columnas do templo de Vesta. Subio lentamente o monte Janiculo, e chegando ao cimo entrou na igreja de *San'Pietro in-Montario*, para ouvir missa.

O pobre mancebo, exilado do mundo, comprazia-se em buscar refugio em Deus. Ajoelhou diante do quadro da *Tranfiguração*, de Raphael e o brilhante chefe d'obra fel-o acalmar-se um pouco, e sentir essa doce serenidade que as bellas artes trazem comsigo. Leoncio comparava-se ao joven possesso do quadro, a esse menino livido e torturado pelo espirito maligno; erguia os olhos até o cimo da montanha para amenisar a imaginação, vendo essa atmosphera resplendente, onde pairavão os escolhidos do

Senhor, em uma nuvem celeste e limpida, aprazivel a vista como o crepusculo do ceo.

Elle sahio da igreja e assentou-se sobre uma pedra da plataforma; sentia-se sereno e aliviado, como se tivesse descido do Thabor. A cidade eterna que se estendia a seos pés, esclarecida pelo sol no levante, ostentava uma cor amarellada, como a das folhas cahidas, cor de harmoniosa melancolia, que nada tinha de lugubre, e talvez a unica suportavel aos olhos do homem atormentado, por que não tem raios offuscantes e ironicos de felicidade, e nem tão pouco a sombria desolação que aconselha o desespero.

Leoncio estava a ponto de não effectuar a sua vizita. Essa Roma que elle tanto tinha maldito na vespera, apparecia-lhe então com uma magestade tranquilla e perfumada de consolação.

Muito tinha soffrido esta rainha das rainhas, essa Roma consular e imperial e nem uma queixa se erguia do seo seio mutilado! Cidade pagã ou santa, ungida da agoa lustral ou da agoa benta, ella mostrava a dupla palma do stoicismo e do martyrio!

Como era bella assim vista do Janiculo, essa consoladora dos afflictos! Sempre de luto, como Rachel ou Niobé; sempre inconsolavel, porque jazem mortos os seos gloriosos filhos, que forão mais numerosos do que as estrellas do ceo; e entretanto, que magnifica tolerancia no coração da cidade dilacerada!

Mãos christãs socorrerão as muralhas derrocadas do Colyseo; os filhos dos martyres collocarão piedosamente a imagem de Deus no Capitolio inda rubro do sangue de seos pais.

Mão caridosa protegeo a pyramide de Caius Sextus e

as catacumbas visinhas de S. Sebastião. As sombras dos consules praticão com as sombras dos santos; as columnas triumphaes fraternisão com os campanarios; os obeliscos com os zimborios; e a cruz com as lobas creadoras. Leoncio, em vesperas de abandonar Roma, confessou que amava essa cidade; reconheceo que toda queixa, toda desgraça, e sobretudo a imaginação, deveria emmudecer e resignar-se diante da capital das ruinas, a soberana dos tumulos.

Já elle tinha dado alguns passos descendo o Janiculo, quando estacou rapidamente ante o olhar de um desconhecido, assentado em *Acqua Paolo*.

Era elle um homem magnificamente vestido; em seos dedos brilhavão rubins e esmeraldas; a seda, o veludo, rendas e pedrarias combinavão-se sobre sua pessoa com um verdadeiro gosto artistico; trazia embainhada uma rica espada.

A sua cabeça ainda era mais notavel do que o seo vestuario de principe. Em seo rosto havião musculos que exprimião tudo; seos olhos fulguravão com a chamma do genio; nos labios mostrava a contracção desdenhosa de uma ironia continua; e a aureola de seos negros cabellos, dava-lhe a phisionomia um caracter sombrio e ameaçador.

—Pareceis bem triste, disse o desconhecido a Leoncio; perdestes a vossa amante?

Essa pergunta fora feita em tom tão vivo e imperativo que Leoncio julgou-se obrigado a responder.

—Senr., disse elle agradeço o obsequioso interesse que mostraes em conhecer-me. Infelizmente nada tenho que responder a V. Exc.

—Meo amigo, disse vivamente o desconhecido, não sou nobre, nem encommodo-me com isso; sou teo igual; fa-

la-me sem receio nem reserva. Precisas de algum serviço? Queres dinheiro? Tua figura agrada-me; tens nos olhos o fogo de artista; teu rosto é pallido, não pelos soffrimentos porque és forte, mas pelos pensamentos por que tu és nervoso. Confia-te de mim, vamos, fala, eu desejo servir-te.

—Mas a quem devo tão graciosa bondade?

—Já perguntei o teo nome para obsequiar-te? por que perguntas o meo? Porem eu respeito o teo escrupulo, deves ser candido e bom. Eu sou Salvador Rosa. Acceitas agora os meos offerecimentos?

Ouvindo aquelle nome Leoncio inclinou-se respeitoso.

—Mestre, disse elle com emoção, foi Deus sem duvida quem conduzio-me pela mão até junto de nós; eu vos procurava. Sei que sois complascente com os artistas. Eu sou pintor por gosto e por officio; minha irmã e eu vivemos da nossa arte; trabalho em pinturas para o senhor Corsini, cujo palacio vê-se d'aqui. Uma necessidade de viajar despertou-se-me agora. Roma é a unica cidade que eu conheço, pois não metto em conta Ostia, onde nasci, se é que nasci em alguma parte. Eu quero ver Napoles e o mar, é mais do que um desejo; é uma necessidade. Minha existencia, que tambem pertence a minha irmã, depende talvez d'esta viagem. Vós, mestre, que sois napolitano, dar-nos-heis, conselhos e instrucções. É tudo o que reclamo de vossa bondade. Tenho o dinheiro preciso para viver, se pode-se chamar viver isto que eu faço....

Salvador Rosa olhou fixamente para Leoncio sem responder-lhe e Leoncio, esperando resposta, escrevia com o dedo, na flor d'agoa da fonte de S. Paulo o nome de Estellina. Salvador não cessava de considerar o rosto de Leoncio, e fazendo-o, erguia os olhos para o ceo, como buscado recordar-se de uma ideia confusa.

—Como te chamas? perguntou-lhe com ar cuidadoso.

—Leoncio, disse o mancebo sorrindo.

—Leoncio! Sim, creio que é isto: Mas ha tantos Leoncios! O teo nome de familia?

Leoncio depois de dar um suspiro retorquio.

—Leoncio só.

—Em que rua de Roma moras?

—Rua de Santa Theodora, defronte da igreja.

—Não lembras-te de me teres visto antes d'este encontro?

—Nunca.

—Pois bem; eu já vi-te.... ha talvez muito tempo. Mas onde, é o que não sei, pois todas as minhas lembranças se confundem.... Que idade tens?

—Desoito annos.

Salvador deixou pender a cabeça e cerrou os olhos como para concentrar-se.

—Dezoito annos! Mas eu já vi-te uma vez! sim, vi-te já... Dizes que tens uma irmã? Como se chama ella?

—Esteilina.

Salvador fez um movimento de surpresa.

—Estás certo que seja ella tua irmã?

—Seguramente.

—Ou tua mulher, tua amante talvez....

Leoncio olhou terrivelmente para Salvador. Este continuou:

—Não te offendas com o que digo, meo joven amigo; a minha curiosidade não é um capricho. O nome de tua irmã sorprehendeo-me, já o ouvi em algum tempo; creio mesmo havel-o escripto..... Mas parece-me que não erão dous irmãos..... A memoria falta-me, não sei dirigil-a. Ella, tua irmã é morena, e de olhos...

—Não, minha irmã é loura.

—Sim, sim, loura, com olhos negros... Uma figura de anjo.

Leoncio empallideceo e calou-se.

—Por minha fé! estou completamente desorientado, meo caro Leoncio, perco o fio de minhas recordações. É certo que tenho uma vida tão occupada que não ha lugar para tudo em minha cabeça. È uma confusão de objectos... Mas estás muito pallido, Leoncio! Tu soffres?

—Não.

—Teo rosto decompõe-se, e não parece o de um vivente! Oh, deixa-me copiar essa expressão de terror, esse reflexo da outra vida.

E tomando o lapis e uma folha de papel que desenrolou elle proseguio:

—Peço-te só um minuto. Nunca terei a fortuna de encontrar um modelo igual. Ha nesse coração um pensamento do inferno. Eu contava encontrar o meu phantasma em Acqua-Paolo. Todos esses italianos trazem um sorriso eterno collado nos labios. Emfim encontrei um serio como Satanaz. Daria cem escudos de ouro por uma occasião como esta. Olha, vê o meo esboço, Leoncio. Eu vou immortalisar-te; agradece ao acazo. Eis-ahi a tua cabeça, vou empresta-la ao meo espectro de Samuel evocado pela pythonissa de Endor. O meo quadro representa o momento em que tu sahes do tumulo....

—Assassino! exclamou Leoncio com voz aterradora; cala-te ou mato-te com uma punhalada.

Salvador Rosa ficou estupefacto, e não teve um movimento para repellir Leoncio, que tomando o esboço da cabeça de Samuel, espedaçou-o brutalmente. Tornando a si da sorpresa, o pintor rio ás gargalhadas e cha-

mou pelo mancebo que desorientado descia a ladeira do Janiculo, com tanta precipitação como se um pensamento desesperado o impellisse para o Tibre.

Leoncio reappareceo em casa offegante de emoção e cançado pela carreira.

—Viste Salvador Rosa? perguntou-lhe Estellina.

—Sim.

—Recebeo-te bem?

—Sim.

—Deo-te bons conselhos?

—Sim.

—Então partimos para Napoles?

—Sim.

—Quando?

—Amanhã.

Quatro dias depois Leoncio e Estellina entravão na modesta hospedaria da *Lyra de Appollo*, na praça dos Pinheiros, em Napoles.

CAPITULO V.

A CARTUXA S. MARTINHO.

Napoles é a cidade que pode dar ao estrangeiro, tudo que o estrangeiro pedir-lhe. Essa Venesa do Mediterraneo é folgasã e seria como sua irmã do Adriatico. Ella tem ruido e silencio, flores e lavas, sombras e sol, ruas de palacios e ruas de tumulos, montanhas descarnadas e ilhas douradas pelos laranjaes cobertos de fructos e flores. Em Napoles a desgraça assemelha-se com a felicidade do resto da terra; em Napoles a felicidade vale mais do que o ceo Em Napoles o homem que pode dizer—*eu sou feliz*—pode causar inveja ao proprio Deus.

Em um dia de capricho a natureza quiz fazer uma paizagem completa: desenhou collinas levemente inclinadas, arredondou um golfo gracioso, deo-lhe as vagas mais azuladas que o mar possue; fez fluctuar por entre essas vagas ilhas de flores e palmeiras; fez bosques de pinheiros er-

guerem-se em amphiteatro; e desdobrou latadas de pampanos, touças de limoeiros, de diaphanas acacias e de arvores de Granada e Judea, que confundem suas cores vermelhas com as dos jasmins de Guadalquivir. A natureza fez Napoles, Misene, Sorrento, Pausilippe, e Ischia. Um demonio teve ciumes e lançou o Vesuvio diante d'essa cidade voluptuosa e Napoles acceitou o vulcão como o complemento philosophico da paizagem. O vulcão resume em si toda a sabedoria dos poetas latinos; é elle quem brada pela voz de sua cratera:—O' vós que viveis, colhei o dia como se colhe a flor; a flor dura pouco, gosae d'ella emquanto está viçosa; mortaes, gosae da vida, ella compõe-se de poucos dias, amae e ride-vos hoje, amanhã tereis de passar o Stigio.

Não ha mais esperança de vida feliz neste mundo, quando se não a poude ter em Napoles.

Leoncio que se tinha exilado de Roma, encontrou alguma sombra de quietação sob as arvores do Pausilippe.

Elle occupava-se com delicia de sua arte; a pintura chegou a ser-lhe mais do que uma distracção, era uma verdadeira voluptuosidade de artista. As tardes, acompanhado de Estellina, elle ia estudar essas admiraveis cores do horisonte; esses movediços reflexos de columnas sobre as vagas; esses fantasticos incendios de florestas marinhas; esses cumes scintillantes erguidos sobre valles sombrios; todo esse conjucto de luz fluctuante e vaporosa que acompanha o sol, quando se vae occultar nos mares.

Depois voltava para a sua humilde hospedaria com ideias menos tristes, e uma provisão de serenidade para o seo somno da noute. Porem o ardente mancebo trazia tambem do seo passeio, uma mysteriosa necessidade de

amar, da qual elle bem comprehendia a secreta causa.

Todos os seos olhares não tinhão sido empregados nas paizagens do golfo; elle tinha tido distracções que lhe servião de accessorio delicioso e que o perseguião atravez do bairro de Chiaia.

Vira passar nas faluas, graciosas e languidas imagens, rostos formosos, cabellos fluctuantes, nuvens de seda e setim, apparições encantadoras que bellamente se casavão com o brilho limpido do golfo, com as collinas douradas, com os leitos de relva banhados pelas agoas, e com as grutas secretas do distante promontorio.

Chegando a casa elle assentava-se como um homem extenuado pela fadiga, quando apenas elle estava morto de desejos. Então Estellina punha a alampada sobre a mesa e com o innocente abandono de uma irmã, enlaçava a cabeça de Leoncio com seos braços nús, e collava os labios em sua fronte.

—Minha irmã, dizia-lhe algumas vezes Leoncio; á noute, á claridade d'esta alampada fazem-me mal as tuas caricias. Eu apenas ouso abraçar-te de dia. Deixa-me só, Estellina, preciso lembrar-me de que és minha irmã. Essa ideia que te parece doce, mata-me...

A menina corava e não achava uma unica palavra para responder-lhe. Leoncio via-a a sahir e não tinha forças para retel-a; escutava com uma especie de criminosa voluptuosidade, o ruido dos passos de sua irmã. Um fragil tabique a separava d'ella.

Em arroubos ouvia as baixinhas palavras de sua prece nocturna; escutava o ruido de seus vestidos quando ella os mudava, o murmurio do leito mollemente comprimido pela menina, e finalmente o som do beijo derradeiro que ella dava na imagem da madona.

Leoncio abria a janella para refrescar os labios e a fronte com a brisa nocturna do mar; porem a brisa, impregnada de amores e perfumes, não lhe trazia senão tentações e delirio.

Se dormia um instante era sua irmã que via em sonhos; sua irmã mais bella do que a mais bella napolitana; sua irmã assentada á borda do mar, como um amante a espera do amado, e chamando-o pelo seo nome com a voz languida de amor. E Leoncio acordava em sobresalio, lançava-se de joelhos pedindo perdão a Deus do incesto que não tinha commettido.

Uma manhã, depois de ter combatido os fantasmas da noite, elle disse a Estellina que o acompanhasse. Queria purificar-se sentindo o ar abençoado da montanha da Cartuxa. Era o dia das *Ladainhas*, festa cheia de poesia e de graça. Elles chegarão antes de ter se levantado o sol sobre esse magnifico convento que a piedade de Carlos de Anjou ereglo em louvor de S. Bruno. A cerimonia da benção ia começar.

Não ha nada mais consolador nem mais bello do que esse mosteiro de columnas de marmore visto ao doce fulgor de uma manhã de primavera. As grandes e sublimes figuras, pintadas por Espognoleto, parecião viver e gozar n'este pateo do ceo.

Leoncio chorava de alegria; dava-lhe um puro extase a voluptuosidade da religião.

As portas da igreja abrirão-se de par em par; todas as harmonias da montanha, todos os perfumes do golfo, todos os raios do sol nascente entrarão em ondas pelas nave da Cartuxa. O religioso celebrante caminhou para o portico e abençoou os fructos do campo, e a cidade e o mar.

Leoncio arrebatado de felicidade exclamou:

—Que habitação deliciosa.

—*Transeuntibus* [1] disse uma voz clara por detraz d'elle.

—É uma phrase bem profunda, não ha duvida, disse o mancebo surdamente, e seguio até uma capella deserta e afastada o *cartuxo* que pronunciara o mysterioso—*transeuntibus*.

O religioso voltou-se ao ruido dos passos de Leoncio; n'aquelle momento uma restea de luz illuminava os rostos de Leoncio e de sua irmã.

O mancebo queria somente saptisfazer a sua curiosidade, vendo o semblante do frade; pedio-lhe a sua benção. O religioso crusou vivamente os braços sobre o peito, depois ergueo-se para ceo, sacudindo-os como em uma convulsão nervosa. Seo rosto empallideceo.

—*Ressuscitados!* exclamou elle com uma voz tão forte que teria escandalisado os devotos do templo, se ella não fosse encoberta pelo coro da ladainha dos Santos.

—Ressuscitados! disse Leoncio estremecendo, porém quem?

—Tu... ella... ambos!

—Que dizeis, meo padre?

—Donde vindes, phantasmas? Aqui é a casa de Deus, os espectros não podem penetrar alem da porta...

—Meo padre, meo padre, tende piedade de mim e de minha irmã.

—Ella, tua irmã! Então divorciaste-te d'ella no inferno?

—Oh, meo padre, perdão para nós, abençoai-nos.....

[1] Por aquelles que passão.

—Que eu abençoe os phantasmas de Leoncio e de Estellina!

—Elle nos conhece! conhece-nos! ó mysterio da morte!

—Sim, mysterio! Mysterio para ti, mysterio para mim tambem! mas nós o esclareceremos... Quem quer que sejaes, mortos ou vivos, é preciso que tudo se explique. Escutae: Vedes aquelle monticulo que se abaixa junto do Vesuvio. Vedes aquellas moutas de grandes pinheiros que sahem d'aquellas ruinas lá ao longe, do outro lado do golfo? É Ottayano. Esta tarde às 6 horas achai-vos lá e esperai-me. Se eu encontrar-vos é prova que sois vivos... ou ressuscitados, e então eu tenho deveres a cumprir... Se faltardes a esse encontro, eu voltarei ao convento d'onde não sahirei mais. Parti que ha olhos que me seguem por toda parte.

Leoncio e Estellina descerão lentamente da cartuxa mudos e abatidos, dissereis que o raio, cahindo junto d'elles, deixara-os assombrados. De tempos á tempos Leoncio murmurava lentamente—*esta tarde as seis horas em Ottayano*—. O ruido de Napoles fez-lhe bem d'esta vez; entrando na cidade recuperou alguma energia. Ergueo altivamente a cabeça que se tinha curvado ao grito do frade da cartuxa.

—Minha irmã, disse elle, é preciso chegarmos ao fim d'este mysterio; tomemos algum alimento, e descancemos um pouco. para partirmos o mais sedo possivel para Ottayano. Eu quero chegar lá antes da hora marcada.

A primavera offerecia uma deliciosa tarde ás frescas collinas que coroão o valle de Ottayano.

O mar obliquamente esclarecido pelo sol rolava de manso suas douradas agoas.

As arvores das ilhas balouçavão-se ao sopro da aura

da tarde; o Pausilippe sorria para o golfo; na cidade soavão clamores alegres e sonoros; o mar e a costa parecia desmaiar de amoroso langor deante das larangeiras da torrente. Ischia dardejava nas ondas mil palhetas de ouro e reflexos de arvores illuminadas. Procida rivalisava com ella em perfumes e harmonias. Napoles, a sereia lasciva, fazia brilhar no golfo não somente a sombra de seos edificios em amphitheatro, como tambem suas mil barcas, suas plagas e os seos promontorios. Todo o ar palpitava de vida e fallava a linguagem do amor, agitando as velas, as bandeirolas e as cordagens dos navios; o Vesuvio parecia enternecido com a alegria da naturesa; uma ligeira fumaça com as cores do iris mollemente despegava-se-lhe da cratera. Era como o emblema de um remorso quasi extincto no coração do homem feliz.

—Fala, meo irmão, dizia a menina á Leoncio, uma noute assim tão bella não reconcilia-te com a vida? Não vês como é doce o viver aqui; como é leve o ar que aqui respira-se! Tudo o que vemos fala-nos de felicidade, não é certo, Leoncio?

—Sim, sim, minha irmã, tudo isto assemelha-se a felicidade, porem volta os olhos e dize se não vês ahi aquella montanha que arde e ameaça? Sim, sim, fia-te na felicidade.... Não é o anjo de Tobias quem vela sobre nós, é um espectro, que parecendo resguardar-nos de algum mal, reserva-nos outro peior.... Deslembrada que és, crença! Então não te recordas mais do motivo que nos traz aqui? Pensas que foi para gosar, contemplar, viver de extases e beber o perfume da brisa, como esse feliz passarinho que canta sobre as nossas cabeças? Não sentes a immensidade da ironia que a sorte nos descarrega em todas as vozes da felicidade? Esqueces que falta um

actor a este brilhante expectaculo, um actor, negro como a cratera d'este volcão, e que quando aqui chegar eclipsará o nosso sol com o crepe da tempestade? Pobre Estellina! abandonavas-te a extases! Eu já sei acautellar-me contra as mentiras que nos cercão. Assentando-me sob este pinheiro, não olhei para nada disso que deslumbrou-te. Napoles, o seo golfo, suas ilhas, seo porto, suas collinas eu deixo para serem vistos por outros olhos que não tenhão lagrimas, como os meos... O que eu vi, e vi perfeitamente... eis-ali: Foi aquelle castello em ruinas... Nestas muralhas distruhidas, existe algum mysterio de morte que envenena este ar, estas ilhas e estas vagas. Que será feito do senhor d'este castello? Para elle tambem este mar era bello, este ceo luminoso e esta atmosphera voluptuosa; nem sempre houverão hervas nas fendas d'aquelle terraço...., este marmore sem duvida estremeceo sob a embriaguez de um baile de estio..... Quantas figuras de mulheres não brilharão n'aquellas janellas, que hoje cahem em ruinas! E tudo isto, minha irmã, passou como aquella nuvemzinha de fumaça que deslisa-se sobre o Summa. As ruinas ficão..... Oh, as ruinas ficão sempre, o nada cola-se a ellas.... as ruinas nunca morrem.

Depois de ligeira pausa elle continuou:

—Já se faz tarde e aquelle homem sem apparecer! Terme-hia eu enganado? será este o lugar que elle designou-me?

Emquanto Leoncio fazia estas reflexões volvendo os olhos em torno de si para assegurar-se da exacta designação do logar; um velho sahio de uma porta que abrio-se junto da torre. Seos vestuarios annunciavão a maior mizeria, e entretanto pelo seo andar, seo penteado, pelo

genero mesmo de seos andrajos, elle parecia pertencer a uma classe mais elevada que a dos camponios de Napoles. Era como um fantasma de guarda-portão, coberto das insignias já rotas de uma domesticidade opulenta.

Deo alguns passos no terraço, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça ora baixa, ora derreiada para traz, como se olhasse para o zenith.

Parando depois embaixo de uma janella quasi derrocada, elle tirou de sob as dobras de seo largo sobretudo um pequeno bandolim, e com voz muito tremula cantou esta estrophe:

« Deixa entre-abertas as janellas verdes »
« Que entre a folhagem ali 'stão sorrindo, »
« E que a harmonia que do mar se leva »
« Vá ter a alcova onde estás dormindo. »

O velho enxugou os olhos cheios de lagrimas, com o cabo do bandolim, e continuou no seo passeio sobre o terraço, sempre com os braços cruzados e ora olhando o ceo, ora a terra. Não tinha dado pelos dous jovens estrangeiros, que caminharão para elle afim de falarem-lhe:

—Perdoai-me, meo pae, se eu vos importuno, disse Leoncio dirigindo-se ao velho, é este a parte da montanha que chama-se Ottayano?

O velho estacou estremecendo, como se uma voz sobresaltada o tivesse despertado. Fixou sobre Leoncio e Estellina vistas desvairadas e seos braços cahirão pesadamente. Suffocado, com as veias do pescoço entumecidas e quasi negras, depois de um rumorejar de vozes na garganta, prerompeo em um accesso de delirante alegria bradando com voz estrondosa:

—Estellina! Leoncio! Ah, meo bom Deus! eu bem sabia que elles não estavão mortos! Não! os anjos não morrem! .... Meos bons meninos! .... meos jovens senhores, donde é que vindes? Mas como são feias as vossas vestimentas! Estellina, que fizestes do vestido espanhol que vos dizia tão bem? Dansa-se... dansa-se por toda parte, pois é o dia do vosso casamento. Estaes muito pallida nos vossos esponsaes, joven desposada! Gentil noivo, acautella-te do frade...ei-lo...ei-lo que te envenena. Leoncio!

—Oh, exclamou o mancebo aturdido por uma emoção não ressentida até então, estarei eu bem desperto? Estellina, minha irmã, sacode-me, morde as minhas mãos, quebra-me a fronte com uma pedra...pois eu desejo despertar....

Estellina dava gritos surdos e abraçava seo irmão.

Era um horrivel trio de loucos: o velho rindo, com os olhos fixos e vidrados; Leoncio, com os cabellos desornados pela agitação continua da cabeça e com o pallido rosto meio occulto nas mãos; Estellina, unida ao peito de Leoncio e inundando-o de lagrimas.

—Impossivel! impossivel! exclamou Leoncio; a realidade mente.... é uma infame traição! Tu és um bandido de comedia, velho! pagarão-te para representares esse papel... Estellina deixa-me, deixa-me matal-o com uma punhalada.

O punhal brilhou na mão nervosa de Leoncio e dos seos labios mais que lividos cahirão espumas de colera. O velho não soffreo a menor emoção, não recuou, não estendeo o braço para aparar o golpe. Um calmo sorriso de felicidade deslisou-se em seos labios, e foi Leoncio quem recuou.

—Meos bons filhos, disse o velho com accento melancolico. Oh, quanto chorei por vós; as lagrimas queimarão meos olhos. Vindes de uma longa viagem, não é certo? Vinde depressa, que vossos nobres parentes vos esperão. Vêde como o castello está ornado para receber-vos. Quem arvorou sobre esta torre o pavilhão de Leão e Castella, que fica tão bello desfraldado ao vento? fui eu Já vistes a camara nupcial? Faz gosto vel-a..... Nella estão os mais bellos cadaveres que....

—Cala-te, cala-te, genio do inferno! exclamou Leoncio, o que quer de mim este espectro de velho? Fantasma, entra para tua torre.... Vem, Estellina, deçamos para a cidade.... Eu tenho medo....

—Eu não vos deixo mais, meos jovens senhores, seguir-vos-hei por toda parte.... Não me recuzeis o favor de morrer junto de vós.

—Vae-te, vae-te, que me obrigarás a matar-te!

—Ah, vós sois bem ingrato, Leoncio. Eu que com estas mãos cozi a vossa mortalha....

Estellina mal teve tempo de desviar a punhalada; ella resvalou no braço do desgraçado e o sangue salpicou os seos andrajos.

—Meo irmão, meo irmão, tornas-te assassino! Oh, meo Deus, amparae a sua razão!

O velho não reparou nem na punhalada, nem no sangue que corria do seo braço. Leoncio a vista do sangue se tinha um pouco acalmado, aproximou-me do velho com interesse para curar da ferida, e falou-lhe com doçura.

O velho repellio a mão de Leoncio; um vivo rubor fulgurou em suas enrugadas faces, e terriveis relampagos faiscarão dos seos olhos azues.

—Não, não! exclamou elle em voz atroadora, vós não sois os meos amos! Elles estão mortos e bem mortos. Eu proprio senti o cheiro de seos cadaveres quando os vi expostos ao sol... Vós sois dous espectros sahidos do inferno com as figuras de Leoncio e de Estellina. Oh, como elles assemelhão-se bem a espectros... sobretudo este! Oh, que cheiro de enxofre trazem comsigo! Parti... Satanaz... demonio! Padre Gandolfo vinde exorcismal-os! Pelo inferno! como elles rangem os dentes! Leoncio, despede de si ver-mes immundos... Fantasmas! fantasmas! Fora d'aqui! Esta outra é bella, sim! mas vêde os seos cabellos... São serpentes! Sua lingua é uma chama de arsenico! Las Vegas, Ottayano, vinde apedrejar estes fantasmas que roubarão a carne de vossos filhos! Santo Estevão vos fornecerá as pedras... Envenenarão teos filhos! Foi Marco Theona, em habitos de frade, quem propinou-lhes veneno. Fez bem o frade Marco. Não foi Las Vegas que, por ciume, mutilou Theona, no mesmo dia em que Theona desposava a bella romana? Eu fui testemunha do crime, o crime está vingado. Theona está vingado! Crime por crime. Theona não era de sangue nobre, por isso tratarão-no como a um porco. Theona vingou-se e fez bem... Bravos, Theona!

E o velho caminhava com passos precipitado pelas ruinas, exclamando, com os braços erguidos para o ceo:—*Bravos Theona!*—

Um outro actor appareceo. Era o frade cartuxo, vestido de aldeão; elle subio lentamente a pequena vereda e dirigindo-se a Leoncio, disse-lhe com ar mysterioso:

—Segui-me.

O frade dirigio-se para as ruinas com passo resoluto de quem conhece o caminho. Atravessou um pequeno pateo

cheio de pedras e hervaçal, entrou em um vestibulo quasi derrocado e onde via-se uma escada, como que suspensa, a qual ia ter aos aposentos superiores. Os primeiros degraos estavão quebrados, remediou-se a falta d'elles, collocando-se algumas pedras sobre os antigos fragmentos. Estellina teve algum trabalho em subir esses degraos movediços e improvisados, mas emfim attingio o patamar. Os tres actores d'esta scena, tendo chegado ao primeiro andar atravessarão uma galeria arruinada, cujas pinturas quasi que havião desapparecido. Sobre os muros estavão escriptas com sangue atrozes injurias contra os Espanhoes. No fim da galeria havia uma porta murada, o estrangeiro parou, e tirou de sob as dobras do seo manto um enorme instrumento de ferro.

Em poucos instantes fez elle uma larga brecha. A obscuridade reinava n'essa sala, cuja janella tinha sido murada como a porta. O desconhecido entrou primeiro, demolio o muro e deo uma pancada nas folhas da janella.

—Entrae, disse elle a Leoncio, é dia claro. E deixou cahir o seo martello de ferro. Leoncio, Estellina, reconheceis esta camara? Estellina estava como moribunda, ella assentou-se em uma cadeira e não respondeo.

—Como quereis que eu a reconheça, respondeo vivamente Leoncio, se eu nunca estive em Napoles e se esta sala está feixada ha tanto tempo?

—Pois bem, disse friamente o estrangeiro, é a vossa camara nupcial; e a camara onde ambos morrestes.

—Oh, quando acabar-se-ha este sonho? murmurou Estellina em voz baixa.

Leoncio estava no cumulo do desespero e olhava em torno de si, com olhos espantados.

—Aqui commetteu-se um crime, disse elle, sim este

marmore o attesta; este marmore bebeo sangue ou suor de uma dupla agonia. Notão-se ainda os vestigios de dous cadaveres.

—Tu dizes a verdade, Leoncio, foi aqui que te envenenarão, e tambem a tua esposa. Eis a marca do cadaver de Estellina, eis a marca do teo. Estas duas tochas illuminarão a tua ultima noute; estes vestidos são os teos, aquelles os de tua mulher. Podeis revestil-os, elles servem-vos. Eis ali a tua espada, que nos copos de prata tem a tua inicial—L—. Reconheces a tua firma, Leoncio? Vê o teo leito nupcial, no qual nunca dormistes, joven noivo?

—Sonho do inferno! exclamou Leoncio em delirio. Santa Virgem, soccorrei-me! Parece-me que reconheço esta camara... Sim... é uma lembrança fugitiva como o relampago, mas eu a retenho na mente, Estellina...

—Vamos, vamos, meo irmão, partamos, quando não, eu aqui morrerei!

—Será pela segunda vez; disse o desconhecido com voz calma.

Jamais figura de homem traduzirá o movimento interior de Leoncio ouvindo esta terrivel e fria resposta. O frade proseguio:

—Mancebos, estaes em meo poder e d'aqui não sahireis sem que tenhaes visto tudo. Eu vos espanto, não é assim? É preciso que sejas muito cobarde, não me dirijo a vós, fraca menina, mas a ti que já tens o olhar de homem e que pareces ter o coração. Vê se eu tremo, Leoncio! Olha para mim, meo rosto está sereno, meos dedos não estão em convulsão, meo pulso está calmo. Estou em um lugar, no qual tudo me traz a memoria uma horrivel noute; uma noute como nunca as estrellas

esclarecerão outra igual. Pois bem, eu estou a minha vontade e entretanto, vendo-vos ambos diante de mim, diante d'estes retratos, e d'estes vestidos de noivado, eu estou menos seguro da minha existencia do que da vossa morte. Quanto a mim, vós sois dous terriveis fantasmas sahidos do tumulo para perturbarem a minha vida. Tu dizes que sonhas, Leoncio! mas eu nem posso ter esse recurso de pensar que sonho, porque não tenho a tua louca imaginação. Tenho consciencia do meo estado, sei que é real tudo quanto vejo, e entretanto tudo quanto vejo, eu não comprehendo! Leoncio, ha desoito annos, que eu estou encerrado no convento de S. Martinho, lá eu só penso em Deus e em ti. O que se tem passado no mundo durante esse tempo, eu o ignoro, e pouco me importa; não penso senão no que fiz e no que me fizerão. Procurei na calma do convento uma distracção para as minhas ideias, um remedio para meos males, e um perdão para minhas... faltas! Depois de desoito annos, eu já quasi antevia a cura, quando vi-te hontem! .... Oh! maldito seja o dia de hontem. Foi o demonio do forte de Sant'Elmo quem vos conduzio pela mão até a Carluxa. Perdidos meos desoito annos de resiguação! È preciso que eu trate de descobrir este enigma, e se não o podér fazer, deve a minha mão ser de novo escrava do antigo juramento, que eu fiz sobre o tumulo de minha mulher! É necessario que eu torne a ajuntar esta agulheta de ouro para com a sua ponta escrever pela segunda vez uma palavra sobre um peito de cadaver! Tudo isto não é muito claro para ti, Leoncio; mas estes muros me comprehendem, estes marmores tremem, escutando-me, e as cortinas d'esta alcova estremecem! Oh, Deus é testemunha que o unico voto que n'este momento faço é de serdes ambos duas

sombras!.... Sede ambos espectros para que eu fique innocente! Socega-me Leoncio, e dize que é certo teres sahido de teu tumulo! Porventura lembras-te de teres visto o sol antes? Não! não, o teo corpo não é mais do que a apparencia de um corpo... Deixa-me tocar nos cabellos de tua mulher....

—Miseravel! eu espedaço-te se o teo olhar somente fixar-se em minha irmã!

—Oh, não te exaltes, Leoncio, a minha mão não tem sensação tocando em uma mulher; ella está fria como a de uma estatua. Se o coração de uma mulher podesse palpitar ao contacto de minha mão, nós não estariamos aqui occupados em servir-nos de mutuo constrangimento!

—Pois bem, disse Leoncio, o que mais tens a dizer-me? Minha irmã precisa de repouso. Livra-nos de tua presença e d'estes aprestos de morte.... Estou cansado de ouvir-te e a noute não tarda!...

—Ah, estás cansado de escutar-me! disse o desconhecido com um agro sorriso; não é sangue de fantasma que te corre nas veias; tu não tens a friesa do tumulo, ardente mancebo! Tanto peior. Mas já que não queres escutar-me, olha os menos...

E elle arrancou o veo negro que cobria os dous retratos. Tão semelhante estavão elles com Leoncio e Estellina, que parecião pintados de vespera.

—Para completar a semelhança, accrescentou o frade, apanhae os vossos vestidos de noivado, e revesti-os.

Estellina ergueo-se, fez o signal da cruz e cahio sem sentidos na cadeira; o grito de desespero morreo nos labios entreabertos de Leoncio. Com a mão esquerda apertou convulsivamente a cabeça e desmaiou.

CAPITULO VI.

O TUMULO.

Estellina tinha voltado a si do deliquio; assentada sobre o marmore collocou ella em seos joelhos a cabeça de Leoncio, e cobria-a de lagrimas. Leoncio parecia dormir, sua respiração entrecortada de suspiros e surdos gritos, indicava uma lethargia cheia de peniveis sonhos. Estellina não se atrevia a despertal-o, porque ao menos aquelle somno era uma especie de tregoas, uma apparencia de repouso.

A lua reflectia-se em um espelho da camara e parecia olhar para o grupo fraterno, illuminado com os seos melancolicos raios. Essa triste vigilia era esclarecida pela chamma do sol das ruinas. A menina, que protegia o somno de Leoncio, achara uma coragem acima da fraqueza ordinaria para cumprir esse doce encargo. Tornando a si ella não mais encontrara o Cartuxo, e com

quanto receiasse vel-o chegar a todo o instante, respirava tranquilla por estar livre da presença d'aquelle mysterioso homem. Leoncio fez um ligeiro movimento com a cabeça e abrio os olhos; a presença de Estellina que inclinada para elle o contemplava, deo-lhe alguma força.

—Onde estamos nós, disse elle com ar desvairado, dize, Estellina, onde estamos nós?

—Tu estás a meo lado, meo irmão, respondeo a menina, com uma voz mais harmoniosa que o som da lyra que adormece as dores.

A voz da mulher foi afinada para perfumar o soffrimento; a voz da mulher é o echo do ceo.

Leoncio beijou as mãos de Estellina derramando abundantes lagrimas; derepente elle olhou em torno de si e disse com voz baixa e tremula:

—Onde está o espectro do frade? estaremos sós?

—Sim, sim, meo irmão, ha já tres horas que eu vigio o teo somno, e ninguem mais entrou aqui. Ouvi duas vozes lá em baixo, sobre o terraço; uma d'essas vozes pareceo-me conhecida, era a do frade; a outra, altiva, brusca e forte, nunca eu a escutei. Se eu tivesse podido deixar-te por um minuto, ter-me-hia aproximado da janella aberta para ouvir o que essas vozes dizião; d'aqui apenas percebi palavras sem sentido, mas os nossos nomes forão pronunciados por esses dous homens. Ha muito tempo que elles partirão, segundo eu o presumo, porque ha muito tempo que apenas ouço o sopro de tua respiração.

Leoncio caminhou para a janella e olhou para o campo. Nem um folego vivo animava aquelle deserto. A brisa era suave, a aurora alvejava já a copa dos grandes pinheiros e percebião-se algumas barcas que cingravão de Ischia

para Misena. A andorinha gorgeiava notas claras, alegres e aveludadas; era a unica voz que se escutava na silenciosa colina de Ottayano.

Estellina, que com o abandono de creança, entregava-se as doces impressões do momento, esquecida do passado e descuidosa do futuro, dizia a Leoncio:

—Meo irmão, este encanto da alvorada causa-me doce prazer, como se fosse uma caricia tua. Nunca vi a naturesa tão bella assim. Na casa onde passamos a nossa infancia, eu via o mar por muitas vezes, porem aquelle mar era triste, e as montanhas melancolicas. Em Roma somente gosei d'esta frescura matinal, na nossa rua de Santa Theodora; de nossa janella vião-se negras ruinas, velhos muros e pobres trabalhadores que caminhavão para o serviço antes de sahir o sol, afim de tornarem o dia mais longo. Aqui, repara como tudo é bello, vê como tudo é perfumado! Vamos, esqueçamos tudo e caminhemos até aquelle bosque. Vamos ver erguer-se o sol sobre a montanha que se interna no mar. Vem, meo irmão, isso te fará bem.

Leoncio com a cabeça ainda abrazada, deixou-se conduzir por Estellina. Descerão ambos a escada em ruinas, e chegarão a esplanada. Elles andavão ao ocaso, silenciosos, e com receio; ao menor ruido Leoncio apertava o seo punhal e subia-lhe fogo ao rosto. Já havia claridade bastante para destingnir-se tudo. Um massiço de cyprestes deo na vista do mancebo.

—Eis-ahi um tumulo! disse elle. Os tumulos nos perseguem... É um sarcophago abandonado ha muito tempo, pois está cuberto de parasitas e gramma. Bella vista para uma paizagem!

Avançou para o monumento, e com o punhal cortou alguns galhos unidos a porta do tumulo.

—Eis-ahi lettras. É sem duvida um epitaphio. Gosto dos epitaphios, e vejamos o que diz este...

Elle não poude acabar; seos cabellos se eriçarão de horror; por um aceno chamou Estellina, demorada um pouco atraz; a menina seguio a indicação do dedo de Leoncio. Este pronunciou lentamente e com voz surda as palavras do epitaphio:

LEONCIO E ESTELLINA

Mortos em 11 de Maio de 1646.

DIA DE SEOS ESPONSAES!

Os dous jovens olharão-se por algum tempo com o silencio da estupefacção. O desespero deo a Leoncio um accesso de força, de coragem e de furor. Elle abrio a porta do tumulo e vio dous lugares de cadaveres....

—Vazio! exclamou elle. Porem vê, repara, Estellina! Nestas duas medalhas de cobre não reconheces estes perfis? O meo e o teo! Meo Deus, meo Deus! desce e falame de sobre a montanha, como fizeste a Moisés, ao contrario eu morrerei louco.

A menina se tinha ajoelhado na relva e rezava.

De repente operou-se uma revolução no rosto de Leoncio. Suas feições brilharão de felicidade, seos olhos radiarão de alegria.

—Pois bem, sim! exclamou elle, eu acceito o epitaphio! Obrigado, tumulo, obrigado, revelação do sepulchro! Sm, sim, Estellina, este dia não é um dia de morte, esta aurora é o raio matinal de minha vida! Estes cyprestes são murtas! estas letras funebres scintillão como

ouro! Estellina, Estellina, levanta-te, ergue-te, tu não és mais minha irmã! Leoncio não é teo irmão! Eu sou teo amante! teo esposo! Oh, eu o sabia bem, Estellina; Deus não me teria posto no coração uma paixão criminosa! Sim, sim, sou um fantasma! Sou um ressuscitado, uma excepção da naturesa; tanto melhor! Que me importa viver a vida de um morto se eu posso amar Estellina como um amante. Matarei aquelle que vier-me explicar este mysterio, dizendo que eu existo e que tu és minha irmã! Prefiro ser um defunto, porem teo esposo, do que vivente e teo irmão!

E elle conduzio Estellina para a grande alameda de pinheiros; nunca Estellina vira Leoncio com aquella aureola de felicidade. Submissa sempre a seo irmão, ouvindo sua voz como a voz de Dens, ella abandonava-se a essas fogosas caricias, sem receio nem remorso. Bem longe de dissuadir Leoncio de um erro que consolava o inconsolavel joven, ella só descerrava os labios para dar mais força a sua alegria.

—Sim, sim, meo irmão, meo amigo, meo Leoncio! Sim, Deus é que te inspira, foi elle quem nos conduzio até aqui! Eu o sentia bem, que não te amava com o incestuoso amor de uma irmã apaixonada, oh, eu amava-te de outra forma! Quantos vezes suffoquei em meos labios palavras de amor. E quando dormias esta manhã sobre os meos joelhos, não imaginas quantas caricias de amante recebeste em tua fronte... Forão ellas que te chamarão a vida, meo Leoncio, meo amigo!

—Teo esposo! Sim, teo esposo, pois o nosso contracto de casamento está escripto sobre o bronze. Deus mesmo encobrio entre folhagens esse registro nupcial, afim de não apagal-o nenhum dedo profano. Vê, se estes bei-

jos com que te abrazo, são beijos de cadaveres! Adeus, Napoles! adeus, mundo! adeus tudo! Vem Estellina!

E elles entrarão no pavilhão da alameda, o mesmo onde o outro Leoncio e a outra Estellina forão sorprehendidas pelo frade envenenador.

Apenas ouvia-se o murmurio da fonte visinha, o canto da brisa nos arvoredos e o som das vagas mollemente expirande na plaga.

O sol estava bem alto quando os dous esposos da morte deixarão o pavilhaõ nupcial. Leoncio, sereno como um anjo do ceo, Estellina langorosamente reclinada no braço do seo amigo. Elles pertenciaõ inteiramente um ao outro, e na sua embriaguez naõ reparavaõ que um estrangeiro como que lhes queria embargar a passagem da alameda.

—Meo amigo, reentremos no bosque, disse Estellina, eis alguma má nova que nos chega.

—Oh, agora, minha amiga, eu desafio o inferno a que me aterrorise. Tu es minha mulher, isso basta-me, e o mais é indiferente para mim.

Elle considerou com attenção o desconhecido da alameda e parou bruscamente.

—Não, disse elle, não, meos olhos não me enganão: é Salvador Rosa!

—Sim, me reconhecestes, respondeo o grande artista approximando-se; eu vos procurava... Na nossa primeira entrevista vós não tinheis nome e me trataveis por *excellencia*; hoje é o plebeo Salvador Rosa quem sauda o duque de Otayano.

Leoncio silencioso não comprehendia nem uma palavra d'este exordio; Salvador proseguio.

—Eu gosto de aventuras; sou amigo dos homens de

paixões tempestuosas.. Apraz-me ouvir a historia d'aquelles que virão muito, gosarão muito e soffrerão muito. Minha vida é a mais fabulosa de todas as vidas; gosto d'aquelles que se parecem comigo. Tenho-vos acompanhado desde o dia do nosso encontro no Jamiculo. Fui no dia seguinte a vossa casa na rua de Santa Theodora; disserão-me que tinheis partido para Napoles. Eu tinha um negocio de familia que terminar em Napoles e tomei o mesmo caminho que vós. Um vivo interesse, uma curiosidade singular prendia-me a vossa existencia. A força de interrogar minhas lembranças, recordei-me que um dia fui chamado n'este castello para retratar dous noivos que tinhão o mesmo nome que vós. Disserão-me depois que essa bôda acabou por um inconveniente...Eu não acredito em cousas sobrenaturaes, se bem que minha imaginação seja caprichosa e louca; não podia admittir que fosses vós quem eu tivesse retratado, era portanto preciso que um outro menino tivesse nascido da mesma mãe. Porem a quem dirigir-me para guiar-me n'esse labyrinto de conjecturas? Todos os senhores d'este castello tinhão morrido natural ou violentamente; só restava d'essa familia um guarda-portão doudo. Veio-me então a ideia de que se os dous meninos nasceraõ depois da morte dos primeiros, seguramente um padre os teria baptisado com os mesmos nomes que esses; é este ordinariamente um consolo para os pais. Depois de tres dias de buscas nas igrejas de Napoles, descobri finalmente um velho franciscano que lembrava-se de ter baptisado duas crianças, em uma casa afastada da cidade, e de ter sido para lá conduzido com um mysterio tal, que indicava grande precauçaõ contra incarniçados inimigos. O franciscano declarou-me que bem se lembrava de todas as circumstancias d'esse acontecimento, porque elle tinha sido

remunerado com grande liberalidade—Lembra-me mais, disse elle, de que a pequena Estellina, tinha em baixo do seio, um ligeiro signal escarlate, imitando uma agulheta de ouro, como essas que as senhoras uzaõ nos cabellos....

Leoncio deo um grito e atirou-se ao pescoço de Salvador Rosa, retendo-o por muito tempo abraçado.

—Sim, sim! bradou elle, é verdade! Homem do ceo, tu me fazes volver a vida!

Estellina chorava enternecida, Salvador continuou:

—Meos passos prendião-se aos vossos, conforme já disse. Hontem ao cahir de noute, eu cheguei aqui a esta esplanada, com dous creados. Chamei-vos pelo vosso nome em altas vozes e ninguem respondeo-me. Emfim um homem sahio d'estas ruinas; eu corri para elle e elle estremeceo, reconhecendo-me. Era Marco Theona. Por muito tempo vivi com elle nos Abruzos, eu, pintor de paizagens, e elle, bandido. Uma grande desgraça, o desespero e a vingança tinhão lançado Theona nos Abruzos. Elle passava a vida na estrada de Napoles como o caçador a espera de preza designada. Uzei de meos ascendente sobre Theona para arrancar-lhe o seo segredo, pois sabia que a sua historia prendia-se a de vossas familias; ameacei-o de entregal-o aos esbirros e elle falou—Vamos a Napoles, me disse elle, é em Napoles que eu vos poderei indicar a morada de Leoncio e de Estellina. Nós descemos a montanha. Em Portici tomamos uma barca e quando iamos embarcar Theona disse-me: Os vossos dous protegidos estão mortos talvez; haveis de achal-os nas ruinas de Ottayano. Existe lá um tumulo vazio e com os seos nomes gravados, não tereis muito trabalho em sepultal-os. Quanto a mim, meo desgraçado destino completou-se.....

E lançou-se ao mar. Em vez de vir dar sepultura á dous

cadaver, vim abraçar dous esposos. Vinde vestir vossas roupas de noivado.

—Ah, disse Leoncio, beijando as mãos do grande artista, eu nunca acreditaria que a felicidade viesse tão veloz! Que dia este! Onde verei terminar um tão bello dia?

—Onde elle começou, disse Salvador. Amanhã vireis a minha casa em Pausilipe; lá eu vos explicarei tudo; hoje ficaremos em vosso castello, duque de Ottayano. Meos creados já cuidarão de tudo. Dentro de uma hora estareis casados na igreja de Resina e esta noute....

A noute, na camara nupcial illuminada, o duque e a duqueza de Ottayano, trajando os vestidos de seos irmãos, recebião as felicitações de Salvador Rosa e de sua familia.

Depois as luzes se apagar o, excepto a de uma unica alampada de prata que esclarecia o quarto dos noivos. Ardentes palavras de amor forão trocadas junto d'esse leito, coberto de rica colxa de franjas de ouro.

Mas d'esta vez os esposos dormirão n'elle.

No dia seguinte Leoncio disse a sua mulher:

—Meo irmão e tua irmã aqui morrerão indignamente; Deus não os podia ressuscitar; mas elle que é justo, fez tudo o que no seo alto poder devia fazer. Elles revivem em nós.

FIM.

INDICE.

CAP. I.—Um dia de bodas..... 5
» II.—A Transição..... 23
» III.—Em Roma..... 35
» IV.—Salvador Rosa..... 51
» V.—A Cartuxa S. Martinho..... 59
» VI.—O Tumulo..... 75

DUAS PALAVRAS.

Esta bella legenda de Mery, escripta no gosto da *Jettatura* e *Avatar* de Theophilo Gauthier, é uma mimosa perola encravada na excellente obra do poeta Marselhez—*Scenas da vida italiana*.

A frase, ora languida e ora ardente de Mery, precisava de um melhor traductor. Tenho consciencia do mal desempenho de meo trabalho, mas o desejo de servir ao editor d'estas publicações, fez-me não vacillar por um minuto ante o seo pedido.

A traducção foi escripta o mais corridamente que era possivel, portanto deve conter muitas imperfeições.

Recommendavel, porem, se torna o desejo do Sr. B. de Mattos em bem servir ao publico, mettendo hombros a uma empreza tão util, qual a de fazer uma bibliotheca, escolhida e barata, de bons romances e por isso é elle merecedor do apoio de seos comprovincianos.

Segue a este, o lindo romance de Fiorentino, intitulado *Nisida*, versão de uma elegante e bem aparada penna.

NISIDA,

POR

PIER-ANGELO FIORENTINO:

VERSÃO PORTUGUEZA

POR

X—Y, (maranhense.)

SAN'LUIZ:
Typ. de B. de Mattos—rua da Paz, 4.
1863.

NISIDA.

1825.

I.

Se nossos leitores, tentados pelo proverbio italiano de ver Napoles antes de morrer, desejassem saber de nós qual seria a melhor occasião de visitar a cidade encantada, aconselhar-lhes-hiamos, que desembarcassem no marachão ou Mergelina em um bello dia de verão, quando alguma solemne procissão estivesse a sahir da cathedral.

Não podemos dar uma idea do profundo e singelo alvoroto desse bom povo, que tem a alma assaz poetica para crer em sua felicidade. Toda a cidade se adereça, e fica bella, como uma noiva em dia de bôdas; desapparecem sob armações de seda e festões de flores as sombrias fachadas de marmore e granito: ostentam os ricos brilhante magnificencia, e trajam arrogantemente os pobres seus andrajos. Tudo é luz, harmonia, e perfume; dir-se-hia o zumbido d'immensa colmêa entre-cortado por mil gritos de festa impossiveis de serem descriptos. Repetem os sinos suas sonoras escalas em todos os tonos, e ao longe, pelas arcadas

retumba a musica dos regimentos marchas triumphantes, e soam os mercadôres de sorvetes e melancias atroadores tangeres com voz estridente. Uns formam-se em grupos, outros, conchegados, gesticulam e conversam: observa-se, ora scintillantes olhares, ora eloquentes pantomimas, ou pictorescas attitudes; tudo é geral enlevo, encanto inaudito, embriaguez inexplicavel. A terra está bastante proxima do céu para que se possa facilmente comprehender que, se Deus expulsasse a morte d'este logar de delicias, os napolitanos não cubiçariam para si outro paraiso.

Patentea-se a historia que vamos referir por um d'esses quadros magicos. Era o dia da Assumpção do anno de 1825; havia quatro ou cinco horas que nascêra o sol, e a extensa rua de Forcella, banhada d'um extremo ao outro por obliquos raios de luz, cortava a cidade em duas partes como um listão de melania. Brilhava como um mosaico a calçada de lava, brunida com esmero. Orlavam as tropas do rei, soberbamente empenachadas, as ruas como de duplice cerca viva. As varandas, as janellas de sacada, os terrados, as tribunas com frageis balaustres, as galerias de madeira improvisadas durante a noite, sobrecarregadas de espectadores, eram verdadeiro arremedo dos camarotes d'um theatro. Invadia o espaço reservado uma enorme chusma, pintada com côres mui vivas, e qual torrente que trâsborda, fendia em algumas partes os diques militares. Esses intrepidos curiosos esperariam, pregados em seus logares, metade da vida sem dar o minimo signal d'impaciencia.

Ouviu-se emfim ao meio-dia um tiro de peça—signal de que a procissão havia transposto o liminar da egreja—e foi seguido d'um grito de geral satisfação, e no mesmo instante uma arremettida de carabineiros dispersou o povo, que entulhava o meio

da rua, as tropas de linha abriram comportas á ardente multidão, e bem depressa foi despejada a calçada, e nada mais restou, senão um ou outro cão que espantado fugia a bom correr, apupado pelo povo, e accuado pelos soldados.

Desembocou o cortejo pela rua de Vescovati: caminhava em primeiro logar as confrarias dos mercadores e artifices, chapelleiros, tecelões, padeiros, carniceiros, cutileiros, e ourives, todos vestidos com rigor,— casaca preta — calçoens curtos—escarpins—fivelas de prata. Como as figuras d'estes senhores não recreassem a multidão, os espectadores entraram de manso e manso a cochichar, d'entro em pouco alguns motejadores começaram a dizer chufas contra os burguezes mais barrigudos ou calvos; finalmente os *lazzaroni* mais attrevidos escorregaram-se ligeiramente por entre as pernas dos soldados para apanharem a cera, que corria das tochas accesas.

Depois dos artifices, desfilavam as ordens religiosas, desde os dominicanos até os cartuchos, desde os carmelitas até os franciscanos: andavam lentamente, co'os olhos baixos, passo austero e a mão sobre o peito: ora viam-se rostos rubicundos e lustrosos, com maçans salientes, barba redonda, herculeas cabeças postas em pescoços de touros, ora faces magras e lividas, cavadas pelo soffrimento e expiação — phantasmas vivos: em uma palavra o direito e o avesso da vida monacal.

N'este comenos, Nunziata e Gelsomina, duas encantadoras raparigas, approveitando-se do galanteio d'um velho cabo d'esquadra, adiantaram as formosas cabeças até a primeira fileira. A solução de continuidade era flagrante; mas o dissimulado guerreiro parecia um tanto relaxado na disciplina.

—Olha, é o padre Bruno! disse Gelsomina incontinenti. Bons dias, padre Bruno.

—Calla-te, minha prima, na procissão não se falla.

—Essa é boa! È o meu confessor.

—Então não posso dar os bons dias ao meu confessor?!

—Callae-vos, bacharellas.

—Quem é que fallou?

—Oh! minha cara, foi frei Cucuzza, o leigo do peditorio.

—Onde está elle? onde está?

—Eil-o um pouco além: é aquelle, que anedia a barba. Forte desavergonhado!

—Ah! meu Deus! se formos pensar n'isso....

Entrementes que esgotavam as duas primas seus infindos comentarios acerca dos capuchinhos e suas barbas, das capas dos conegos, e sobrepelizes dos seminaristas, os *feroci* corriam apressados do outro lado, afim de restabelecer a ordem a custo de coronhadas.

—Pelo sangue de meu patrono, bradava uma voz de Stentor, se te pilho entre o polegar e o index, indireitar-te-hei o corpo para toda a tua vida.

—Com quem é isso, Gennaro?

—É cá com este maldicto carcunda, que ha uma hora me atormenta as costas, como se podesse enxergar atravez d'ellas.

—É uma infamia, redarguiu o carcunda com voz dolorosa; desde hontem á noite que aqui estou, dormi ao relento para guardar o logar, e eis senão quando vem este abominavel gigante postar-se adeante de mim como um obelisco.

Mentia o carcunda como um judeu; porem a multidão em peso se voltou contra o obelisco. Era uma superioridade qualquer, e as maiorias são geralmente compostas de pygmeus.

—Olá! desce dessa base!

—Olá! deixa esse pedestal!

—Fóra o chapéu!

—Fóra a cabeça!
—Assenta-te!
—Deita-te!

Denotava sem duvida essa recrudescencia de curiosidade, que se exhalava em invectivas, o desfecho do espectaculo. Eram com effeito os cabidos, curas, bispos, pagens, camaristas, eleitores da cidade, fidalgos da camera real, emfim o mesmo rei, seguindo, com a cabeça descoberta, e uma vela na mão, a magnifica estatua da Virgem.

Era notavel o contraste: depois dos encanecidos monges, e pallidos noviços, seguiam a procissão com ar distrahido, e interrompiam os sagrados canticos com fragmentos d'uma conversação mui pouco orthodoxa, jovens e brilhantes capitães, ameaçando o céu com as pontas dos bigodes, e crivando as gelosias com mortiferos requebros d'olhos.

—Reparasteis, meu caro Doria, com que momices toma a velha marqueza d'Acquasparta sorvete de medronhos?

—Seu nariz empana a neve. Porem qual é o bello passaro que lhe arrasta a aza?

—É o Cyrenêu.

—Ora diga-me quem é? Nunca li similhante nome no livro d'oiro.

—É o que ajuda o pobre do marquez a levar a cruz.

A profana allusão do official perdeu-se em um longo murmurio d'admiração, que repentinamente se levantou na multidão, e todos os olhos se voltaram para uma das moças, que lançavam flores ante a sancta *Madona*. Era ella um ente encantador.

Sahia, qual seraphica apparição, grande e bella do meio d'aurea nuvem d'incenso, com a cabeça inundada de luz, e os pés occultos em um montão de giestas e rosas.

Debruçavam-se as madeixas d'um negro aveluda-

do em anneis pelas espadoas; a fronte, branca como o alabastro, e pollida como um espelho, repercutia o brilho do sol; as sobrancelhas escuras, nobremente arqueadas, hiam dissipar-se na opala das fontes; as palpebras estavam baixas, e a franja negra e curva dos cilios occultava um olhar humido e brilhante de commoção divina; o nariz, direito e pequeno, cortado por duas ventas cor de rosa, dava ao seu contorno esse character de belleza antiga que dia para dia desapparece da terra. Um calmo e sereno sorriso, um d'esses ineffaveis sorrisos, que já partiram da alma e qu'inda não chegaram aos labios, castamente levantava os cantos da boca com expressão d'infinita beatitude e doçura. Nada era mais completo do que o queixo, que terminava o perfeito oval d'esse brilhante rosto; o pescoço de baça brancura, prendendo-se ao collo por diliciosa curva, sustinha com graça a cabeça, como a haste d'uma flor balanceada por ligeira briza.

Um jaqué de veludo cremesi estrellado de moscas d'oiro desenhava sua curva e delgada cintura, e um bello cinto dourado apertava as mil dobras da ampla e fluctuante saia, que lhe cahia aos pés como essas severas vestes de que tanto se apraziam os pintores byzantinos com vestir seus anjos. Era na verdade cousa prodigiosa, e de memoria d'homem nunca d'antes se vira tam peregrina e modesta belleza.

Contava-se no numero dos que tinham-n'a observado com mais obstinação, o joven principe de Brancaleone, um dos primeiros senhores do reino: bello, rico, valente, e que com vinte cinco annos já tinha excedido ás listas de todos os dons Juans conhecidos. As moças da moda diziam cousas horriveis d'elle, e adoravam-n'o em segredo; limitavam-se as mais virtuosas em evital-o, tam impossivel parecia-lhes resistil-o; e quanto aos jo-

vens estouvados, tinham-n'o unanimimente escolhido por modelo; porque seus triumphos impediam, e com toda razão, a não poucos Milthiades de conciliar o somno. Em uma palavra para se fazer idea d'este feliz personagem, bastará saber-se que em materia de seducção era tudo quanto o diabo soubera inventar de mais perfeito n'este seculo de progresso.

O principe estava mui grotescamente trajado para este acto, e se revestira de ironica gravidade e porte cavalheiresco: um gibão de setim preto, calções curtos, meias bordadas, sapatos com fivelas d'oiro, eis a parte essencial do seu trajo; sobre tudo isto vestia comprida opa de brocado forrada d'arminho, com mangas fluctuantes, e cingia-lhe magnifica espada de punho engastado com diamantes. Como rara distinção concedida á sua dignidade, deram-lhe para levar um dos seis varões dourados, que sustentavam o pallio adornado de plumas e bordaduras.

Assim que a procissão proseguiu na marcha, Eligi de Brancaleone olhou arrevesadamente para um homunculo vermelho como um camarão, e que caminhava a pouca distancia d'elle, tendo na mão direita o chapéu de sua excellencia com toda a solemnidade de que era capaz.

Todas as costuras do vestuario d'este lacaio estavam agaloadas: e pedimos licença aos nossos leitores para esboçar em poucas palavras a sua biographia.

Nasceu Trespolo de paes pobres, e ladrões; por cujo motivo ficou muito cedo orphão. Livre de occupações, estudou a vida debaixo d'um ponto de vista eminentemente social. Se dermos credito a certo sabio da antiguidade, estamos todos no mundo para resolver um problema; quanto ao seu era o de viver no mundo sem nada fazer. Tendo sido alternativamente sachristão, jogral, aprendiz de

boticario, e *cicerrone*, desgostou-se de todos estes officios: parecendo-lhe que mendigar era trabalho mui rude, e que antes seria n'esse caso um ladrão do que homem honrado, resolveu-se finalmente pela philosophia contemplativa. Gostava excessivamente da posição horizontal, e sentia o maior prazer do mundo em ver correr lentamente as estrellas. Infelizmente, de meditação em meditação, este homem honrado, certo dia, esteve apique de morrer de fome; o que seria uma lastima, porque já hia accostumando-se a não comer.

Porem, como estava naturalmente predestinado a representar um pequeno papel na nossa historia, perdoou-lhe Deus por esta vez, e enviou em seu soccorro não um de seus anjos, que não o merecia velhaco da sua laia, mas sim um cão da matilha de Brancaleone. Farejou o nobre animal o philosopho, e tam caritativamente rosnou, que seus companheiros do Monte-Sau'Bernardo se teriam honrado com tal feito. O principe, que volvia triumphante da caçada, e que tinha, n'esse dia, por duplicada felicidade, morto um urso, e perdido uma condessa, teve o singular desejo de querer fazer uma obra pia. Aproximou-se do villão prestes a reduzir-se ao estado de cadaver, revolveu-o com os pés, e vendo que tinha ainda alguma esperança, ordenou aos criados que o conduzissem.

Quasi que viu Trespolo desde esse dia realisar-se o sonho de sua vida. Um pouco mais que lacaio, um pouco menos que mordomo, veiu a ser o confidente de seu amo, que tirou grande partido de seus talentos; porque Trespolo era fino como satanáz, e quasi tam astucioso como uma mulher. O principe, como homem illustrado, adivinhou que o genio é por natureza preguiçoso, e não lhe pedia senão conselhos; quanto a moer de pancadas os importunos, não queria ajudante: em verdade, valia bem por dous na tarefa.

Comtudo, como nada no mundo é perfeito, Trespolo tinha singulares momentos n'essa vida de delicias; de vez em quando era sua felicidade alterada por terrores panicos, que summamente agradavam ao amo; balbuciava palavras sem nexo, reprimia violentissimos suspiros, e de subito perdia o appetite: e de mais a mais o pobre homem tinha medo de que fosse privado do paraiso. Era a cousa bem simples; além de ter medo de tudo, tinham-lhe pregado que o demonio não deixava em repoiso um só momento áquelles, que tinham a sem aventura de cahirem-lhe nas garras.

Estava Trespolo n'um d'esses bellos momentos d'arrependimento, quando o principe, depois de ter contemplado a moça com a feroz avidez do abutre prestes a cahir sobre a prea, voltou-se para seu conselheiro intimo com o fito de fallar-lhe. Comprehendeu o pobre creado a abominavel intenção do amo, e não querendo cumpliciar-se n'uma conversação sacrilega, abriu desmarcadamente os olhos, e volveu vistas extaticas para o céu. O principe tossiu, batêu com os pés, agitou a espada de modo que desse-lhe pelas pernas, sem poder obter o minimo signal de attenção, de tal sorte dava elle ares d'um homem absorto em celestes pensamentos. Brancaleone desejou torcer-lhe o pescoço; porem segurava o varão do pallio com ambas as mãos, e além d'isso o rei estava presente.

Aproximavam-se emfim da egreja de Sancta-Chiara, sepultura real dos monarchas napolitanos, onde muitas princezas de sangue, trocando corôas por véus, se teem enterrado vivas. As religiosas, as noviças, e a abbadessa, occultas pelas gelosias, deitavam flôres sobre a procissão. Cahiu um ramalhete aos pés do principe de Brancaleone.

—Levantae esse ramalhete, Trespolo, disse o principe muito alto para que o creado não tivesse mais desculpas. É de soror Thereza, ajunctou em

voz baixa; só nos conventos é que ainda existe fidelidade.

Trespolo levantou o ramalhete, e aproximou-se do amo com ademanes d'um homem, a quem affogam.

—Quem é aquella rapariga? perguntou com rapidez.

—Qual? balbuciou o creado.

—Essa é boa! a que caminha em nossa frente.

—Não n'a conheço, monsenhor.

—Antes do pôr do sol, saberás novas suas.

—Ser-me-hia então preciso ir um pouco longe.

—Então conhece-la tu, insuportavel brejeiro? Vem-me ás vezes o desejo de mandar-te degollar como a um cão.

—Por piedade, monsenhor, curae da salvação de voss'alma, e da vida eterna!

—Aconselho-te de curares antes da tua vida temporal. O seu nome?

— Nisida. — É a moça mais bonita da ilha, que lhe deu o nome. È a innocencia em pessôa! Seu pae é um pobre pescador; mas posso asseverar a vossa excellencia, que é respeitado na ilha como um rei.

—Devéras! Replicou Brancaleone sorrindo-se ironicamente. Confesso-te, corrido de vergonha, que nunca visitei a ilhóta de Nizida. Apromptar-me-has um barco para amanhan, e depois veremos.....

Estacou de repente; porque o rei o observava, e repetindo as mais sonoras notas de *basso*, que achou no fundo da garganta, continuou com ar inspirado:

—*Genitori genitoque laus et jubilatio!*

—*Amen,* respondêu o creado em voz clara.

II.

Nisida, a filha querida de Salomão-o-pescador, era, como já dissemos, a flôr mais bella da ilha, que lhe dera o nome. Esta ilha é o logar mais encantador, o mais dilicioso recanto que conhecemos; é um cesto de verdura garbosamente collocado no meio das aguas puras e transparentes do golpho, uma collina coberta de larangeiras e eloendros, e como que coroada por um castello de marmore. Desenrola-se em deredor a magica perspectiva d'esse immenso amphitheatro, uma das mais poderosas maravilhas da creação. Avista-se d'ahi Napoles, voluptuosa sereia, que se espreguiça a bordo do mar, Portici, Castellamare, Sorrento, cujos nomes por si só dispertam na mente mil pensamentos de poesia e amor; Pausilippo, Baja, Pauzzoles e esses vastos campos, onde os antigos sonharam o seu elyseu, solidões sagradas, que dir-se-hiam povoadas pelos homens da antiguidade: a terra alli retine sob os passos, qual vasio tumulo, e o ar tem desconhecidos sons e estranhas melodias.

Estava a casinha de Salomão edificada n'aquella parte da ilha, que voltando as costas á capital, discortina ao longe as azuladas cristas de Capréa. Reinava alli muita simplicidade e alegria; as paredes de tijolo eram alcatifadas de hera, que excedia em verdor á propria esmeralda, e esmaltadas de brancas campainhas: no pavimento-terreo havia um quarto bastante espaçoso, onde dormiam os homens, e a familia tomava refeição; no primeiro andar, o quartozinho virginal de Nisida, fresco, sombrio e mysterioso, aclarado por uma unica janella de sacada, que dava para o golpho; acima do quarto um terraço á italiana com pilares cobertos de festões de pampanos, sua latada de parras e largo parapeito cheio de musgo e flôres naturaes. Uma pequena cerca d'espinheiro alvar, respeitada com secular veneração, traçava uma specie de trincheira em torno da propriedade do pescador, e deffendia melhor a casa que profundos fossos e muros setteirados. Os mais audazes brigões do logar preferiam de melhor grado disputar juncto ao presbyterio, e no atrio da egreja, do que ante o pateosinho de Salomão. Era de mais d'isso, o ponto de reunião de toda a ilha As mulheres da vizinhança todas as tardes, ás mesmas horas sem falta, vinham ahi fazer bonés de lan á agulha, e dar novidades Grupos de meninos nûs, tisnados e travessos como diabretes, dançavam alegremente, revolviam-se na relva, e lançavam punhados d'areia nos olhos uns dos outros com risco de cegarem, em quanto suas mães estavam entregues á essa seria tagarellice, que caracterisa os habitantes das aldêas. D'este modo se reuniam todos os dias deante da casa do pescador: era muda, e quasi involuntaria homenagem consagrada pelo costume, e em que ninguem ainda tinha-se dado ao trabalho de pensar; talvez que a inveja, que reina nas pequenas sociedades, lhe fizesse prompta justiça.

A influencia que o velho Salomão exercia sobre seus iguaes, crescêra d'um modo tam simples e natural, que não havia pessoa alguma que n'isso tivesse reparado. Tinha insensivelmente seu poder augmentado de dia para dia, e não o notaram senão quando todos começavam a aproveitar-se d'elle, como essas bellas arvores, cuja elevação não apercebem, senão quando gozam da sombra. Se na ilha havia alguma disputa, antes os dous adversarios queriam submetter-se ao julgamento do pescador, do que pleitear no tribunal; tinha a felicidade ou talento de despedir as partes contentes.

Melhor que qualquer medico sabia elle applicar remedios; porque quasi sempre succedia que elle, ou alguem da sua familia, houvesse soffrido as mesmas enfermidades, e sua sciencia apoiando-se na propria experiencia, obtinha os mais felizes resultados: alêm d'isso não se interessava, como os medicos vulgares, em prolongar as molestias. Havia muitos annos, que a unica formalidade reconhecida na ilha, para garantir a inviolabilidade d'um contracto, era a intervenção do pescador. As partes tocavam na mão de Salomão, e era isto bastante.

Preferiam lançar-se no Vesuvio em occasião d'alguma grande irrupção do que faltar a tam solemne contracto.

Pela épocha em que começa esta historia, era impossivel achar na ilha uma só pessôa que não tivesse experimentado os effeitos da generosidade do pescadôr, sem que para isso lhes fosse preciso patentearem-lhe as suas necessidades. Como a pequena população de Nisida costumasse passar as horas de recreio juncto á casinhóla de Salomão, o velho, passeando lentamente por entre os grupos, e cantarolando a sua cantiga favorita, durante o transito sorprehendia as infermidades physicas e moraes, e aquelle que soffria tinha a certesa de ver chegar

n'essa mesma tarde elle ou sua filha, com ar mysterioso, afim de derramar um beneficio em cada miseria, um balsamo em cada ferida. Em summa, accumulava todos os misteres destinados a soccorrer a humanidade.

Jurisconsulto, medico, tabellião, em uma palavra, todos os abutres da civilisação fugiram por causa da bondade patriarchal do pescadòr: o proprio cura tinha capitulado.

No dia seguinte ao da Assumpção, estava Salomão, segundo seu costume, assentado em um banco de pedra em frente da porta da casa, com as pernas cruzadas, e os braços estirados com deleixo. Quando muito dar-lhe-hiam á primeira vista sessenta annos, ainda que realmente já tivesse dobrado os oitenta. De quando em quando deixava orgulhosamente perceber os dentes—tinha-os todos—que eram brancos como perolas, e a fronte, pacifica e serena, coroada de bellas cans, tinha o polido e a rigidez do marmore, nem uma só ruga franzia-lhe os cantos dos olhos, e o diamantino brilho das azuladas pupillas revelava n'elle alma san e eterna mocidade, como a que a fabula concede aos deuses marinhos.

Deixava ver com a garridice d'um velho os braços nús, e o musculoso pescoço. Nunca um só pensamento triste, preoccupação sinistra, ou pungente remorso alterára tam longa e pacifica existencia. Nunca juncto a si vira uma só lagrima correr, que logo não se apressasse em enxugar; pobre, soube espalhar beneficios, que todos os reis da terra reunidos não poderiam pagar com seu oiro: ignorante, fallou a seus similhantes a unica linguagem, que podiam comprehender—a linguagem do coração.

Uma só gota de fel misturou seu amargor a este manancial de felicidades, um só pezar entenebreceu seus dias de sol; foi a morte da mulher, e até isso tinha elle olvidado.

Tinha affeição unicamente a Nisida, cujo nascimento causára a morte de sua mãe d'ella; amava-a com esse amor louco, que os velhos tem ao filho mais moço.

N'esse momento, a contemplava elle com profundo enlevo, e observava-a ir e vir, mettendo-se ora por entre os grupos dos meninos, e ralhando-os por causa de seus jogos já mui perigosos, já mui ruidosos, ora assentando-se na herva ao lado das mães d'estes, e practicando com grave e reflectido interesse. Estava Nisida então mais bella do que no dia antecedente; porque com a vaporosa nuvem de perfumes, que a involvera dos pés até á cabeça, tinha desapparecido toda essa poesia mystica, que incommodára um pouco aos expectadores, e os obrigára a abaixar os olhos. Tornára-se de novo uma filha d'Eva; mas com todos os seus encantos. Vestida com simplicidade, como era d'uso em dias de trabalho, não se differençava das companheiras, senão pela prodigiosa belleza, e brilhante brancura da cútis. Estavam seus bellos cabellos negros enrolados em tranças n'esse pequeno punhal de prata ciselado, ultimamente introduzido em Paris pelo direito de conquista, que as formosas parisienses tem sobre as modas de todos os paizes, como os inglezes sobre o mar.

Nisida—a gloria da ilha—era adorada por suas jovens amigas, e todas as mães tinham-n'a adoptado com orgulho. Tam convencidos estavam todos da sua superioridade que, se algum temerario, olvidando a distancia que o separava d'aquella moça, ousava fallar um pouco mais alto de suas pretenções, era motejado pelos companheiros.

Os mais habeis dançadores da *tarantula* se acanhavam em presença da filha de Salomão, e não se attreviam a convidal-a para dançar. Apenas alguns cantores d'Almafi ou de Sorrento, attrahidos

pela peregrina bellesa d'esta angelica creatura, abalançavam-se a suspirar sua paixão, tendo tento de velal-a com as mais delicadas allusões; porem raramente chegavam á ultima copla: pois que ao menor rumor, paravam incontinenti, lançavam por terra o triangulo e o bandolim, e fugiam qual sobresaltado rouxinol.

Sómente um teve ou muita coragem ou muita paixão para arrostar a zombaria; esse era Bastiano, o mais formidavel mergulhador da costa.

Tambem cantava; porem sua voz era ôca e profunda, seu canto lugubre, e suas melodias repassadas de tristeza. Não se acompanhava por instrumento algum, e nunca se retirava sem findar a canção. Mais triste do que de costume, estava elle em pé, como por encanto sobre núa e escorregadia rocha, e lançava olhos sobranceiros sobre as mulheres, que olhavam-n'o sorrindo-se.

O sol, que se mergulhava no mar, qual globo de fogo, dava em cheio sobre suas sevéras feições, e a viração da tarde, enrugando brandamente as ondas, fazia ondejar á seus pés os tremulos caniços. Embevecido em negros pensamentos, cantava as seguintes palavras na melodiosa lingua de seu paiz:

«Ó janella como estás triste! tu que de noite brilhavas qual olho entre-aberto! Ai! Ai! minha pobre irman está doente!

«Sua mãe banhada em lagrimas para mim s'inclina e diz: Tua pobre irman está morta e enterrada.

«Jezus! Jezus! compadecei-vos de mim; pois feristes-me o coração com um punhal.

«Relatae-me, meus bons vizinhos como a cousa se passou; repeti-me as suas ultimas palavras.

«Ella tinha sede ardente, e recusou beber; porque alli não estavas para dar-lhe agua com a tua propria mão.

«Ó minha irman! minha irman!

«Recusou o osculo materno; porque alli não estavas para abraçal-a.

«Ó minha irman! minha irman!

«Chorou até ao derradeiro suspiro; porque alli não estavas para seccar seu pranto.

«Ó minha irman! minha irman!

«Cingimos-lhe a fronte com uma corôa de laranjeira, cobrimol-a com um véu branco como a neve; deitamol-a brandamente no ataúde.

«Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhal-a

«Dous anjos desceram do céu, e levaram-n'a em suas azas. Sancta Magdalena veiu recebel-a na porta do paraizo.

«Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhal-a.

«Sentaram-n'a lá em cima em um banco de luz, deram-lhe umas contas de rubim, e canta em seu rosario com a Virgem.

«Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhal-a.

Ao findar as ultimas palavras de seu melancholico estribilho, precipitou-se do alto do rochedo no mar, como se de feito n'elle quizesse absorver-se. Nisida e as outras mulheres exhalaram um clamor de medo; porque o mergulhador tardou muitos minutos debaixo da agua.

—Estaes loucas? exclamou um mancebo que apparecera repentinamente entre as mulheres, sem que ninguem désse fé d'elle. Que temeis? Bem sabeis que Bastiano sempre faz d'estas.

—Tende presente que, mais de pressa morrerão affogados todos os peixes do Mediterraneo, do que lhe succeda alguma desgraça. A agua é o seu elemento natural. Bons dias, minha irman; bons dias, meu pae.

Abraçou o joven pescador a Nisida na testa, depois approximou-se do pae, e curvando a bel-

la cabeça, tirou a carapuça encarnada, e beijou-lhe respeitosamente a mão. D'est'arte vinha elle todos os dias pedir-lhe a benção antes de ir para o mar, onde passava muitas vezes a noite a pescar em seu barco.

—Deus te abençoe, meu Gabriel! disse o velho enternecido, correndo lentamente a mão pelos negros e annelados cabellos do filho: uma lagrima assomou-lhe as palpebras.

Depois, levantando-se solemnemente, e endereçando-se para os grupos, ajunctou com voz cheia de dignidade e doçura:

—Meus filhos, é tempo de separarmo'-nos. Ide trabalhar, ó moços, e vós, ó velhos, tractae de repoisar. Eis que sôa Ave-Maria.

Ajoelharam-se todos, e depois de breve oração, retiraram-se cada um para seu lado. Nisida, tendo cumprido os ultimos deveres do dia para com seu pae, subiu para o quarto, deitou azeite na alampada, que ardia noite e dia ante a Virgem, e encostou-se nos cotovelos sobre a sacada; apartando depois os ramos de jasmim, que formavam perfumadas cortinas, poz-se a contemplar o mar, e parecia mergulhada em doce e profunda melancholia

N'essa mesma hora, uma pequena barca silenciosamente conduzida por dous remeiros, surgiu do lado opposto da ilha. Já era noite fechada Primeiramente desceu um homunculo com precaução, e respeitosamente estendeu a mão para outro personagem, que, despresando esse fraco apoio, saltou com desembaraço.

—Então velhaco, bradou elle, achas-me a teu sabor?

—Optimamente, monsenhor

—Estou satisfeito com isso: mas tambem, para que a methamorphose fosse completa, escolhi eu o fato mais surrado, que podia ornar a loja de trapos de qualquer judeu.

—Monsenhor dá ares d'um deus-pagão indo á cata de aventuras amorosas. Jupiter metteu na bainha o seu raio, e Apollo os seus na algibeira.

—Deixemo-nos de mythologia, e desde já te prohibo que me dês o tractamento de monsenhor.

—Sim, monsenhor.

—Se são exactas as informações, que mandei tomar esta manhan, deve ficar a casa do outro lado da ilha, em um dos mais desviados e solitarios lugares. Caminha até certa distancia, e não te incommodes commigo; porque já sei de cór o meu papel.

Dirigiu os passos o joven principe de Brancaleone, a quem os nossos leitores já hão de ter conhecido, não obstante a escuridão da noite, para a casa do pescador, fazendo a menor balha possivel; passeou por algum tempo na praia, e depois de summario reconhecimento da praça que desejava attacar, esperou tranquillamente que a lua, empinando-se, viesse allumiar a scena, que tinha preparado. Não exercêu por muito tempo a paciencia; porque desapparecêu gradualmente a sombra, e a casinhola de Salomão foi banhada por argentea luz.

Aproximou-se então com timidos passos, dirigiu para a janella supplicantes olhos, e começou a suspirar com toda a força dos pulmões. A moça, inopinadamente arrebatada de seus pensamentos por este personagem singular, endireitou-se, e preparou-se para fechar as portas da janella.

—Detende-vos, ó encantadora Nisida, exclamou o principe como um homem dominado por irresistivel paixão.

—Que pretendeis, *signore?* retrucou a rapariga, toda admirada de terem-n'a chamado por seu nome.

—Adorar-vos como o é a *Madona,* e tornar-vos sensivel aos meus suspiros.

Nisida fitou n'elle os olhos, e depois de ter por alguns momentos reflectido, como se houvesse res-

pondido a um pensamento secreto, repentinamente lhe perguntou:—Sois d'este paiz, ou estrangeiro?

—Cheguei a esta ilha, redarguiu o principe sem hesitar, no momento em que o sol escrevia os seus adeuses á terra, molhando os raios, que lhe servem de penna nas sombras, que são o seu tinteiro.

—Quem sois vós? proseguiu a rapariga, sem ter comprehendido essas estravagantes palavras.

—Ah! sou um pobre estudante, mas posso ainda ser um poeta tam grande como Tasso, cujos versos muitas vezes tendes ouvido cantar aos pescadores, que se affastam e vos enviam sua tocante melodia, como um derradeiro adeus, que vem morrer na praia.

—Não sei se faço bem em fallar-vos; porém serei ao menos franca comvosco, disse Nisida corando, sou desgraçadamente a mais rica moça d'esta ilha.

—Vosso pae não será inflexivel, replicou o poeta com ardor; uma unica palavra, luz de meus olhos, divindade de meu coração, e eu trabalharei dia e noite sem treguas nem descanço, afim de tornar-me digno de possuir o thesouro, que Deus revelou a meus deslumbrados olhos, e esforçar-me-hei, de pobre e obscuro que sou, para tornar-me rico e poderoso.

—Tempo de sobra tenho escutado phrases que não devem ser ouvidas por uma moça; permetti, *signore*, que me retire.

—Compadecei-vos de mim, cruel inimiga. Que vos fiz eu, para que assim me deixeis com a alma pungida de dor? Não sabeis que ha bastantes mezes sigo-vos por toda a parte como uma sombra que de noite vagueia em torno de vossa casa, suffocando meus suspiros para não perturbar o vosso pacifico somno? Temeis acaso enternecer-vos, logo no primeiro encontro, por um desgraçado que vos adora? Ah! Julieta era joven e bella como sois, e não se fez de rogar por muito tempo para compadecer-se de Romeu.»

Lançou Nisida triste e meditativo olhar sobre esse bello mancebo, que lhe fallava tam docemente, e retirou-se sem responder-lhe para não humilhar-lhe a miseria.

Esforçou-se o principe o melhor que pôde para reter uma estrepitosa risada, e muito satisfeito de sua estrêa endireitou-se para o lugar onde deixára o creado.

Trespolo, depois de ter bebido uma garrafa de lacryma-christi, que por acaso trouxera, observou por muito tempo em de redor de si até achar um lugar onde a herva estava mais alta e espessa, e adormeceu profundamente, murmurando estas sublimes palavras:

Ó preguiça, serias portanto virtude, se não fosse o peccado de Adão!

III.

A noite, que se seguiu a da conversação que tivera com o estrangeiro, foi para Nisida uma noite de insomnia. Sua repentina apparição, estranho trajar, e estravagante linguagem, despertaram n'ella um vago sentimento, que lhe dormia no fundo do coração. Estava então em todo o viço da mocidade e de sua rutilante belleza. Não era ella qual essas fracas e timidas naturezas acabrunhadas pelos soffrimentos, e martyrisadas pelo despotismo. Tudo que a cercava, pelo contrario, tinha contribuido para que o seu destino fosse tranquillo e sereno: tinha se desenvolvido sua candida e terna alma em uma athmospheta de felicidade e paz. Se ainda não tinha amado, não devemos accuzal-a por fria, mas sim aos habitantes de sua ilha por excessivamente timidos. O cego e profundo respeito que acercava o velho pescador, tinha traçado em redor da filha um circulo de estima e submissão, que ninguem ousava franquear. Salomão conseguira á força de economia e trabalho uma for-

tuna modesta, que envergonhava a pobreza dos outros pescadôres. Se ainda não tinham pedido a Nisida em casamento, era porque não se julgavam dignos de merecel-a. D'entre todos os seus admiradores o unico, que ousára declarar-lhe a sua paixão d'um modo ostensivo foi Bastiano, o mais caro e dedicado amigo de Gabriel; mas esse pouco lhe aprazia. De mais, confiada em sua belleza, e sustentada por essa esperança mysteriosa, que nunca abandona a mocidade, se resignára, e esperava, como a filha d'um rei, que vê chegar o noivo de paiz estrangeiro.

Sahira da ilha pela primeira vez em toda a sua vida, no dia da Assumpção, tendo-a designado a sorte de entre todas as moças do reino votadas por suas mães á especial protecção da Virgem. Mas oppressa pelo pezo de papel tam novo para ella, corada e confusa dos olhares da immensa turba, apenas ousou levantar os espantadiços olhos para as grandezas da cidade que certamente passaram-lhe por deante como um sonho, de que só lhe restava incerta lembrança.

Quando notou a presença d'este bello mancebo de tam esbelta e elegante fórma, e de tam nobre e desembaraçado garbo, que contrastava com a timidez e desgeito dos outros seus amantes, sentiu-se apoderada de interior perturbação: sem duvida julgaria que seu principe era chegado, se não fosse desagradavelmente ferida pela pobresa do seu trajo. Comtudo, deixou-se ficar mais tempo a escutal-o do que era preciso, e retirou-se com o peito oppresso, as faces affogueadas, o coração penetrado de surda e pungente dôr. Talvez que morresse de susto, se podesse adivinhar a verdade.

—Se meu pae não consentir no nosso casamento, disia comsigo mesma, agitada pelo primeiro remorso em sua vida, eu terei obrado mal em lhe fallar. Mas é tam donoso!

Então ajoelhou-se deante da Virgem, que era a sua unica confidente, porque a pobre rapariga não conhecera mãe, e tentou contar-lhe os tormentos de sua alma, porém nunca pôde findar a oração: as idéas confundiam-se-lhe na mente, e ella adimirava-se de pronunciar palavras estranhas. Certamente, a Sancta Virgem teve compaixão de sua bella protegida; porque ella se levantou com a impressão d'um consolador pensamento, e decidida a confiar tudo do pae.

—Um só momento não posso duvidar da ternura de meu pae, disia ella despindo-se. Pois bem! se me prohibir que lhe falle, será para meu bem. Na verdade, é a primeira vez que o vejo, accrescentou ella deitando-se na cama, e agora que penso em tal, acho-o bastante temerario por ter ousado fallar-me: quasi que desejo zombar d'elle: com que segurança recitava suas parvoices, e como volvia os olhos de uma maneira tam redicula; porém em verdade são mui bellos, e tambem a boca, a testa e os cabellos! Não duvido que tenha observado suas mãos, que, na realidade eram mui brancas, quando as alevantava para o ceu como um louco, percorrendo a praia. Então, não vá elle roubar-me o somno! Porque gravou-se assim a figura d'este mancebo em meu espirito? Não quero mais vêl-o! exclamou, puxando para cima da cabeça o lençol a modo de ira infantil. Depois, poz-se a sorrir baixinho do trajo de seu noivo, e por muito tempo reflectiu sobre o que diriam as companheiras. Subito sua fronte s'enrugou dolorosamente, um pensamento horroroso se introduzira em sua alma, e toda ella estremecêu de susto.—Se achar outra mais bonita do que eu. São os homens tam tolos! Certamente que faz hoje muito calor, e que não poderei dormir.

Então sentou-se no meio da cama, e continuou até pela manhan o seu monologo, cuja leitura pou-

pâmos ao leitor. Apenas vascillára no meio do quarto o primeiro raio do dia, philtrando por entre os ramos entrelaçados do jasmineiro, que dêu Nisida pressa em vestir-se, e foi como de costume apresentar a fronte ao oseulo paterno. Notou logo o velho o abatimento e a fadiga, que a insomnia produzira no rosto da filha, e apartando com atemorisada ancia as bellas madeixas negras, que lhe cobriam as faces:

—Que tens, minha filha? disse-lhe, não dormiste bem?

—Nem um só momento; replicou Nisida, sorrindo-se para tranquillisar o pae; mas passo excellentemente, e quero confessar-te uma cousa.

—Falla de pressa, minha filha; pois que morro de impaciencia.

—Talvez commettesse eu um erro; mas quero que d'antemão promettas, que me não has de ralhar.

—Sei perfeitamente que te mal-crio, disse o velho acariciando-a; logo não começarei hoje a fazer-me severo.

—Um mancebo, que não é d'esta ilha, e cujo nome me é desconhecido, fallou-me hontem á noite em quanto eu tomava fresco na saccada.

—E que cousa urgente tinha elle que te diser, minha cara Nisida?

—Rogou-me que te fallasse em seu favor.

—Escuto-te. Em que lhe poderei ser util?

—Ordenar-me que o espose.

—E de bomgrado obedecer-me-hias?

—Creio que sim, meu pae, disse a moça com candura. De mais, julgarás tu mesmo em tua sabedoria; porque quiz fallar-te antes de conhecel-o, afim de não prolongar uma practica, que poderias reprovar. Mas ha um obstaculo.

—Sabes que não o noto, quando se tracta de tua felicidade.

—É pobre, meu pae.

—Pois bem, é mais uma rasão para que o estime. Aqui ha trabalho para todos, e bem póde minha mesa offerecer lugar para terceiro filho. É moço, tem braços; e sem duvida algum estado?

—É poeta.

—Pouco monta; dise-lhe que me venha fallar, e, se for rapaz honrado, prometto-te, minha filha, que farei tudo quanto puder para apressar a tua felicidade.

Abraçou Nisida o pae com effusão, e ficou todo o dia possuida d'alegria, esperando com impaciencia a noite para dar tam agradavel noticia ao mancebo. Não agradou a Eligi de Brancaleone, como podeis crêl-o, a magnanimidade do pescador para com elle; mas seductor consumado, deu mostras de contentamento. Não olvidando o papel d'estudante phanatico e de poeta arruinado cahiu-lhe aos pés e declamou um fervente agradecimento ao astro de Venus: e depois, endereçando-se á moça, ajunctou com voz mais serena, que, ia immediatamente escrever a seu pae para que viesse no fim da semana pedil-a formalmente. Que, rogava-lhe encarecidamente, em quanto o pae não chegasse, não o apresentasse a Salomão, nem a outra qualquer pessoa da ilha, pretextando certo pejo, que sentia por causa de seus vestidos velhos, e assegurando a sua noiva, que o pae lhe traria um facto completo para o dia das nupcias.

Em quanto caminhava a infeliz para a borda do abysmo com espantosa confiança, Trespolo, conformando-se á vontade do amo, se introduzira na ilha a titulo de peregrino de Jerusalem. Desempenhando maravilhosamente o seu papel e adubando os discursos com phrases biblicas, por já ter servido de sachristão, destribuia largamente amuletos, páu da verdadeira cruz, leite da Virgem Sanctissima, e todos esses inexgotaveis thesouros, de que

diariamente se nutre a vida de carolice dos pobres credulos. Eram tanto mais authenticas as suas reliquias, que as não vendia, e, supportando sanctamente sua pobresa, agradecia aos fieis, e recusava as esmólas. Unicamente em attenção á virtude experimentada de Salomão, consentira em participar do pão do pescador, e ia comer á sua casa com regularidade cenobitica. A todos maravilhava sua abstinencia; bastava ao sancto homem para fazel-o viver, isto é, afim d'impedil-o de morrer, uma codêa de pão molhada em agua. Por cima Nisida divertia-se com suas narrações de viagens e predicções mysteriosas. Infelizmente só apparecia de tarde; porque passava a outra parte do dia em orações e macerações; isto é, a consolar-se occultamente da frugalidade, que ostentava em publico, embebedando-se como um turco e roncando como um bufalo.

Na manhan do setimo dia, depois da promessa, que o principe fizera, entrou Brancaleone no quarto do creado, e sacudindo-o asperamente, lhe gritou ao ouvido:

—Levanta-te, vil arganáz.

Accordado Trespolo, de sobresalto, esfregava com espanto os ólhos. Os mortos tranquillamente deitados no fundo dos ataúdes, no ultimo dia não hão de ser tam contrariados, quando a trombeta do juizo vier arrancal-os do somno. Comtudo, o medo dissipando immediatamente o nevoeiro fuliginoso, que se lhe derramára pelo rosto, assentou-se e perguntou d'algum modo perturbado:

—O que acontecêu, excellentissimo?

—O que acontecêu? é que eu mandar-te-hei esfollar vivo, se não perderes esse detestavel habito de dormir vinte horas por dia.

—Eu não dormia, meu principe, bradou o creado com arrogancia, saltando fóra da cama; eu meditava,.....

—Escuta-me, disse o principe desabridamente. Tu estiveste, segundo julgo, empregado em uma botica.

—Sim, monsenhor, e abandonei-a porque meu patrão tinha a insigne barbaridade de por-me a triturar drogas, o que fatigava-me horrivelmente os braços.

—Eis-aqui uma garrafinha, que contem uma dissolução d'opio.

—Por' piedade! clamou Trespolo ajoelhando-se.

—Levanta-te, imbecil, e attende bem no que vou dizer-te: essa tolinha de Nisida obstina-se em pretender que eu falle ao pae. Persuadi-a que partiria esta noite afim de procurar meus papeis. Não se deve esperdiçar um só momento. Tu és mui conhecido em casa do pescador. Lançarás este licor no vinho; tua vida me garantirá de que não excedas a dóse necessaria para causar profundo somno. Terás cuidado de me preparar uma boa escada para esta noite; depois d'isto, me irás esperar no escaler, onde encontrarás Numa e Bonaroux. Já lhes dei as ordens precisas. Não carecerei de ti para a escalada; porque tenho o meu punhal de Campo-Basso.

—Porem, monsenhor, balbuciou Trespolo aterrorisado.

—Não quero empecilhos, bradou o principe battendo colericamente com o pé, ou senão, pela morte de meu pae, te curarei de todos os escrupulos —E voltou-se para o outro lado como um homem, que tem a convicção de suas ordens serem cuidadosamente cumpridas.

Trespolo executou fielmente as expressas ordens do amo; porque o medo n'elle excedia a tudo mais. Nessa noite foi tristissima a cêa do pescador, e o falso peregrino de balde tentou reanimal-a com sua jovialidade facticia. A partida do noivo trasia Nisida preocupada, e Salomão participando da dor da

filha sem que ella o soubesse, tragára apenas algumas gottas de vinho para ceder ás reiteradas supplicas de seu hospede. Partira Gabriel com Bastiano de manhan para Sorrento, e não devia estar de volta senão d'ahi a dous ou tres dias; esta ausencia augmentava ainda mais a melancholia do velho. Assim que Trespolo sahiu, succumbiu logo o pescador á fadiga. Nisida com os braços pendurados, a cabeça pesada e o coração cerrado de triste presentimento, teve apenas força de subir para o quarto, e, depois de ter machinalmente atiçado a alampada, cahiu no leito pallida e direita como se estivesse morta.

A borrasca rompêu com furia; era uma d'essas terriveis borrascas, que só se vêem no meio-dia, quando as nuvens junctas, abrindo-se subitamente, derramam torrentes de chuva e granizo, e fazem recear novo diluvio. Cada vez se ouvia mais distinctamente o rimbombo do trovão, similhante ao estampido d'uma descarga d'artilharia. Esse golpho, ainda ha pouco tam sereno e unido, que bem podia a ilha n'elle mirar-se como n'um espelho, repentinamente ennegrecêu; as encapeladas e furiosas ondas abalroavam-se quaes desgrenhados corseis; tremia a terra horrivelmente agitada.

Tinham os mais intrepidos pescadores retirado seus barcos da agua; e, fechados em suas cabanas, animavam o melhor possivel as mulheres e filhos amedrontados.

Via-se scintillar clara e limpida no meio da profunda obscuridade, que reinava no mar, a alampada de Nisida, que ardia defronte da *Madona*.

Gyravam em cima do abysmo dous barcos sem lemes, sem velas e sem pás, sossobrados pelas vagas e battidos pela rajada: n'elles estavam dous homens em pé, com os musculos hirtos, os peitos nús e os cabellos abandonados ao vento. Estavam com as mãos dadas para que seus barcos não se

affastassem e olhavam o mar com sobranceria como que desafiando a tempestade.

—Peço-te ainda uma vez, que me deixes, Gabriel, exclamava um dos homens; affiança-te que com os meus dous remos quebrados e alguma perseverança chegarei á Torre antes da alvorada.

—Estás louco, Bastiano; não vês qu'inda não pudemos approximar-nos de Vico, e que temos sido forçados a bordejar? e que tua destresa e vigor de nada teem servido contra esta horrivel tormenta, qne nos rechaçou até aqui?

—É a primeira vez que recusas acompanhar-me, observou o mancebo.

—Oh! sim, meu caro Bastiano; não sei o que me impelle esta noite para a ilha com irresistivel força. O vento sopra com violencia para ahi levar-me a pesar meu; e confesso-te, ainda que me tenhas por louco, que prevejo uma ordem do céu em successo tam simples e ordinario. Vês aquella alampada que alli brilha!

—Conheço-a, retrucou Bastiano abaffando um suspiro.

—Foi accesa deante da virgem no dia em que nascêu minha irman, e ha desoito annos que arde sem cessar noite e dia. Foi uma promessa de minha mãe. Não sabes, nem podes imaginar, meu caro Bastiano, que de pensamentos dolorosos me recorda essa promessa. Minha mãe ordenou que me approximasse de seu leito de morte, e contou-me uma historia espantosa, um horrivel mysterio, que peza sobre meu peito como um manto de chumbo, e ainda que o confiasse de um amigo, não ficaria aliviado. Quando findou a sua penosa narração, pediu para ver e abraçar minha irman, que havia apenas nascido, e depois quiz ella mesma com a mão tremula e já congelada pela morte accender a alampada. «Recorda-te, estas foram suas ultimas palavras, recorda-te, Gabriel, que tua irman

é consagrada á *Madona*. Em quanto brilhar esta luz deante da sancta effigie da Virgem tua irman não correrá risco algum.» Podes agora comprehender porque de noite, quando atrevessamos o golpho, sempre tenho os olhos fitos nessa alampada. Tenho uma crença inabalavel que quando essa luz se apagar, a alma de minha irman subirá para o céu.

—Pois bem! clamou Bastiano de um modo aspero, que trahia a commoção de seu coração, se preferes ficar irei sosinho.

—Adeus, disse Gabriel, soltando a mão do companheiro sem tirar os olhos da janella para onde se sentia attrahido por uma fascinação que não sabia explicar. Bastiano desapparecêu, e o irmão de Nisida, adjudado pelas ondas, approximava-se cada vez mais da praia, quando repentinamente dêu um grito, que dominou o estrepito da procella.

A estrella fenecêra: tinham apagado a alampada.

IV.

—Morreu minha irman, exclamou Gabriel, e arremessando-se ao mar, fendêu as ondas com a rapidez do raio.

Formava-se a tempestade mais intensa; longos rastilhos de relampagos, rompendo o flanco das nuvens, inundavam tudo com sua cor arruivascada e intermittente. O pescador avistou uma escada junto á fachada da casa, agarrou-a com mão convulsa, e em tres pulos estava dentro do quarto. Sentiu o principe singular abalo ao entrar n'este casto e silencioso aposento. O sereno e meigo olhar da Virgem, que parecia proteger o repoiso da moça que dormia, esse perfume d'innocencia que todo se diffundia em volta do leito virginal, essa alampada vellando no meio das trevas como uma alma em oração, tinham apoderado o seductor de desconhecida perturbação. Irritado do que elle chamava fraquesa absurda, apagára a luz importuna, e caminhando para a cama dirigia a si mesmo mudas cen-

suras, quando Gabriel accometteu-o com o ranger de dentes feroz como o de um tigre ferido.

Brancaleone, com um movimento rapido e audaz, que provava uma bravura e destreza pouco communs, forcejando por desenvencilhar-se dos braços de seu robusto adversario, tirou com a mão direita um comprido punhal com a folha fina e farpada. Sorriu-se Gabriel com desdem, arrancou-lhe a arma, e no entrementes que se abaixava para quebral-a no joelho, dêu uma furibunda cabeçada no principe, que presto cahiu e foi rolar á tres passos d'elle sobre o lagedo; depois, debruçando-se sobre sua pobre irman, contemplou-a ao clarão fugitivo d'um relampago com avidos olhos.

—Morta! repetiu elle torcendo os braços com desespero, morta!

No medonho paroxysmo que lhe cerrava a garganta, não encontrava outras palavras para saciar a raiva ou communicar a dor. Seus cabellos, ha pouco collados ás faces pela tempestade, enriçaram-se, elle teve frio no amago dos ossos, e sentiu que as lagrimas lhe cahiam de novo no coração. Foi um momento terrivel; esqueceu-se de que ainda vivia o assassino.

Comtudo, o principe, que não deixára de mostrar presença d'espirito um só segundo, se levantára todo ensanguentado e pezado. Pallido e tremulo de colera, procurava de todos os lados uma arma para vingar-se. Voltou-se Gabriel para elle mais taciturno e sinistro que nunca, e apertando-lhe o pescoço com mão de ferro, arrastou-o para o quarto onde dormia o ancião.

—Meu pae! meu pae! meu pae! bradou elle com voz despedaçadora, eis o cobarde que acaba d'assassinar Nisida.

O velho, que apenas bebera algumas gottas da poção soporifera, foi dispertado por esse grito, que lhe echoou na alma; ergueu-se como impellido por

uma mola, arremessou para longe de si as cobertas, e com uma promptidão d'acção que Deus outorgou ás mães no momento de perigo, subiu ao quarto da filha, achou luz, ajoelhou-se na borda do leito, começou a interrogar o pulso della e a espiar sua respiração com mortal anxiedade.

Tudo isto passou-se em menos tempo do que gastámos em referil-o. Brancaleone por um esforço inaudito se desprendera das mãos do pescador; e cobrando subitamente sua altivesa de principe, disse com voz mui pausada:

—Não me mateis sem primeiro ouvir-me.

Gabriel quiz acabrunhal-o de injurias offensivas, porem não podendo articular uma só palavra, desfez-se em lagrimas.

—Vossa irman não está morta, disse o principe com fria dignidade, apenas dorme. Vós mesmo podeis assegurar-vos, disse elle, e prometto debaixo de minha palavra de honra que durante esse tempo não me arredarei d'aqui um só passo. Foram pronunciadas estas palavras com tal accento de veracidade, que o pescador ficou sorprendido. Um subito raio d'esperança illuminou repentinamente os seus pensamentos; lançou sobre o estrangeiro um olhar cheio de raiva e desconfiança, e murmurou com voz surda:

—Não te lisonjeies, ao menos, de poder escapar-me.

Depois subiu ao quarto da irman, e approximando-se do ancião, perguntou-lhe tremendo:

—Então! meu pae?

Salomão afastou-o docemente com a mão qual sollicita mãe, que desvia do berço do filho o bulicio d'um insecto, e fazendo-lhe signal para que se callasse, ajunctou em tom manso:

—Não está morta nem envenenada. Deram-lhe a beber algum philtro com máu designio. Sua

respiração é regular, e cedo tornará a si do lethargo.

Gabriel, tranquillisado acerca da vida de Nisida, descêu silenciosamente para o quarto terreo em que deixára o seductor. Sua attitude era sombria e grave; d'esta vez não vinha dilacerar com as garras o matador de sua irman, mas esclarecer um mysterio de trahição e d'infamia, e vingar sua honra cobardemente acommettida. Abriu de par em par a porta d'entrada, que dava claridade ao quarto, onde dormia com o pae nas raras noites que passava em casa. Tinha cessado de chover, um raio de lua rompendo as nuvens repentinamente penetrou no quarto. O pescador concertou seus vestidos molhados, sacudiu os cabellos, endireitou-se para o estrangeiro, que o esperava a pé quedo, e depois de o olhar com arrogancia:

—Agora, lhe disse elle, ides me explicar a vossa presença em nossa casa.

—Confesso, disse o principe com desembaraço e insolente desgarro, que as apparencias são contra mim. O destino dos amantes é o de serem tractados como ladrões. Mas, ainda que me não conheçaes, sou o noivo da bella Nisida, com o assentimento de vosso pae, bem entendido. Tenho a desgraça de possuir paes mui duros, que me negaram cruelmente a sua approvação. O amor enloquecêu-me, e ia commetter um erro, que os mancebos como vós devem desculpar. De mais, não foi senão uma tentativa de roubo, com as melhores intenções do mundo, juro-vos, e eis-me prestes a tudo reparar, se vos aprouverdes de me dar a mão, e chamar-me irmão.

—Apraz-me de te chamar covarde e trahidor, redarguiu Gabriel, cujas faces s'inflamaram, quando ouviu tractar de sua irman com tam insolente inconsideração Se d'esse modo é que nas cidades se vingam as affrontas, nós, os pescadores te-

mos outro systema. Ah! te ufanaste d'accarretar para nossa casa a desolação e a vergonha, de pagar infames siccarios, que vieram participar do pão d'um velho, afim d'envenenar sua filha, de te introduzires de noite como um salteador, armado de punhal, no quarto de minha irman e sahires lampeiro para esposar a mulher mais bella do reino!

O principe fez um movimento.

—Escuta, ajunctou Gabriel, podia quebrar-te, como'inda a pouco quebrei o teu punhal; mas compadeço-me de ti. Bem vejo que nada sabes fazer com as mãos, nem deffender-te, nem trabalhar. Começo a comprehender tudo: gabaste-te, meu amo, uzurpaste essa pobresa; vestiste esses velhos trajos, mas não és digno d'elles.

Lançou sobre o principe um olhar acabrunhador de despreso, depois, approximando-se d'um almario occulto na parede, tirou uma espingarda e um machado.

—Eis-aqui, todas as armas que temos em casa, escolhei.

Um raio de felicidade brilhou na fronte do principe, que até'li devorára sua colera, apoderou-se avidamente da espingarda, recuou tres passos, e indireitando-se o melhor possivel:

—Melhor farias se me tivesses emprestado esta arma a mais tempo; porque ao menos poupar-me-ias o enojo d'assistir ás tuas asnaticas divagações e phreneticas convulções.

Arremessou-lhe a bolsa, que veiu pesadamente cair aos pés do pescador.

—Emprestei-te essa espingarda para te bateres comigo, exclamou Gabriel, immovel d'espanto.

—Arreda-te, rapaz, estás louco, disse o principe dando um passo para a porta.

—Então, não queres deffender-te? perguntou Gabriel em tom resoluto.

—Já te disse, que não posso bater-me comtigo.

—Porque?

—Porque assim Deus o quiz; porque tu nasceste para andar de rojo, e eu para espesinharte; porque todo o sangue que eu derramasse n'esta ilha, não resgataria uma só gotta do meu; porque mil vidas de miseraveis como tu não valem uma só hora da minha; porque te ajoelharás deante do meu nome, que vou pronunciar; finalmente, por que és um pobre pescador e eu sou o principe de Brancaleone.

Ao ouvir este nome, que o principe lhe lançou como para fulminal-o, o pescador saltou como um leão. Respirou largamente como se houvesse erguido um enorme peso, que ha muito lhe opprimia o coração.

—Ah! clamou elle, agora te entregaste a mim, monsenhor. Entre o pobre pescador e o poderoso principe existe uma divida de sangue. Pagarás por ti e por teu pae. Vamos ajustar as nossas contas, excellentissimo senhor, ajuncteu elle levantando o machado sobre a cabeça do principe, que lhe apontava com a espingarda. Oh! foste mui appressado na escolha, a espingarda não está carregada.

O principe empallideceu.

—Ha entre nossas familias, continuou Gabriel, um mysterio horrivel, que minha mãe confiou-me ás bordas da sepultura, que meu proprio pae ignora, e que nenhum mortal no mundo ouvirá, excepto tu, porque vás morrer.

Arrastou-o para o patco.

—Sabes tu porque minha irman, a quem querias deflorar, foi consagrada á *Madona?* Porque teu pae quiz como tu deflorar minha mãe. Ha uma tradicção d'infamia em tua maldita casa. Não sabes quantas torturas lentas e terriveis soffrêu minha mãe, e foram essas torturas que a quebrantaram e mataram ainda moça, e que essa alma angelica não

ousou confiar senão de seu filho na hora suprema, e isso para que eu vellasse sobre minha irman.

O pescador limpou uma lagrima ardente.

—Um dia, ainda não eramos nascidos, abordou á ilha uma senhora ricamente trajada, e desejou conhecer minha mãe, que era moça e bella, como hoje Nisida o é. Não se cansava d'admiral-a; accusou o cego destino de ter occulto esse bello diamante no seio d'uma obscura ilha, cumulou minha mãe d'elogios, de caricias e de presentes; e depois de muitos rodeios, acabou pedindo-a a seus paes para tel-a em sua companhia. Essa honrada gente, entre-vendo na protecção de tam nobre dama um brilhante futuro para sua filha, tiveram a fraquesa de ceder. Essa dama era tua mãe; e sabes porque ella vinha buscar essa pobre rapariga innocente? Porque tua mãe tinha um amante, e porque queria por este infame meio assegurar-se da indulgencia do principe.

—Calla-te, miseravel.

—Oh! ouvir-me-has até ao fim, excellentissimo senhor. Minha pobre mãe viu-se nos primeiros dias cercada dos mais ternos cuidados; a princesa não podia separar-se d'ella um só instante; as mais lisongeiras palavras, os mais bellos vestidos, os mais ricos ornamentos lhe eram dados; os creados respeitavam-n'a como se fosse filha de seus amos. Quando seus paes vieram-n'a visitar afim de saber se estava saudosa de os ter deixado, acharam-n'a tam bella e feliz, que abençoaram a princesa como um bom anjo que Deus lhes enviára. Então o principe tomou-lhe singular affeição e suas maneiras tornaram-se mais familiares e affaveis. Finalmente a princesa ausentou-se por alguns dias, sentindo não poder levar comsigo a sua cara filha, como a chamava. Então a brutalidade do principe não conheceu limites; não disfarçou mais seus vergo-

nhosos projectos de seducção; poz deante da pobre rapariga collares de perolas e cofres cheios de diamantes; passou da mais ardente paixão á colera mais ferrenha, das mais humildes supplicas ás mais horriveis ameaças. Encerraram a desgraçada moça em uma adega onde apenas entrava um fraco raio de luz, e todas as manhans vinha um medonho carcereiro lançar-lhe um pedaço de pão negro, e praguejando repetia-lhe que estava em suas mãos mudar d'essa posição, querendo ser amasia do principe. Este supplicio durou dous annos. A princesa tinha ido viajar por muito tempo fóra do reino, e os pobres paes de minha mãe julgavam que sua filha continuava a ser feliz juncto de sua protectora. Quando voltou, tendo sem duvida novos erros para serem perdoados, censurou o desazo do principe; mandou tirar minha mãe da masmorra, fingiu a mais viva indignação por estes horriveis tractos, que parecia ignorar, enchugou-lhe as lagrimas, e como requinte de abominavel perfidia, aceitou os agradecimentos da victima que ia immolar.

Uma noite—estou a acabar, monsenhor—quiz a princesa cear a sós com sua companheira; as fructas mais raras, os mais esquisitos manjares e delicadissimos vinhos foram servidos a minha pobre mãe, a quem longas privações tinham alterado a saude e enfraquecido a rasão; entregou-se ella a uma morbida jovialidade. Deitaram-lhe na comida philtros diabolicos, ainda é mais uma tradicção em vossa casa. Sentia-se minha mãe exaltada, seus olhos fulguravam com brilho febril, suas faces estavam em fogo. O principe entrou... Oh! ides ver, excellentissimo senhor, como Deus protege os pobres... Minha mãe refugiou-se no seio da princesa como uma pomba espantada, e ella repelliu-a sorrindo-se. A pobre rapariga fóra de si, tremula, debulhada em pranto, ajoelhou-se no meio d'esse infame quar-

to. Era dia de Sanct'Anna; repentinamente treme a casa, as paredes rasgam-se, resoam na rua gritos de afflicção. Minha mãe foi salva. Foi esse terremoto que destruiu metade de Napoles. Bem o sabeis, monsenhor, porque o vosso antigo palacio está deshabitado.

—Qual é o teu fim? bradou Brancaleone na mais terrivel agitação.

—Oh! o meu fim é simplesmente persuadir-vos, que vos deveis batter comigo, redarguiu friamente o pescadôr atirando-lhe um cartucho de polvora; e agora, ajunctou elle com exaltação, orae, monsenhor, pois, previno-vos que sereis morto por minha mão: é necessario que justiça seja feita!

Examinou o principe com toda a attenção a polvora e as ballas, e certo do bom estado da espingarda, carregou-a, e, appressado em terminar similhante contenda, apontou-lh'a; porém, ou a perturbação que experimantára durante a narração de seu antagonista, ou porque a herva estivesse molhada pela tempestade, quando hia adeantar o pé esquerdo para melhor accertar a pontaria, resvalou e cahiu de joelhos. Errou o tiro.

—Não valêu, monsenhor, gritou logo Gabriel atirando-lhe outro cartucho.

Ao estampido da explosão, appareceu Salomão na saccada, e comprehendendo do que se tractava, alçou as mãos para o céu, dirigindo a Deus muda e fervorosa oração. Proferiu Eligi uma horrivel blasphemia e tornou a carregar apressadamente a espingarda, mas, tocado da intrepidez d'esse mancebo que estava immovel e em pé deante d'elle; d'esse ancião sereno e impassivel que parecia conjurar a Deus em nome de sua auctoridade paterna de se pronunciar pelo innocente, desconcertado por causa da queda, com os joelhos tremulos, o braço deslocado, sentiu correr-lhe pelas veias os calafrios da morte: todavia, querendo dominar sua

commoção, apontou segunda vez; sibilou a balla ao ouvido do pescadôr e foi entranhar-se no tronco d'um choupo.

O principe, com a energia do desespero, travou com ambas as mãos do cano da espingarda, mas Gabriel adiantava-se terrivel com o machado, e do primeiro golpe levou-lhe a coronha. Comtudo, ainda vacillou em matar um homem indefenso, quando se mostráram no extremo do caminho dous creados armados. Não os viu Gabriel vir; mas quando os dous trahidores hiam-n'o agarrar pelas espadoas, Salomão deu um grito, e correu a soccorrer o filho.

—Soccorrei-me, Numa! soccorrei-me, Bonaroux! matae a estes bandidos que me querem assassinar.

—Mentes, principe de Brancaleone, bradou Gabriel, e de uma só machadada fendêu-lhe o craneo.

Os dous *bravi,* que tinham vindo deffender seu amo, vendo-o por terra, fugiram; subiram Salomão e o filho para o quarto de Nisida. Acabava a moça de espancar o pesado somno, ligeiro suor aljofarava-lhe a fronte, e ella abriu lentamente os olhos ao dia que vinha dispontando.

—Porque assim me olhaes, meu pae? disse ella com longes de desvario, passando a mão pela fronte.

O ancião abraçou-a com ternura.

—Acabas de passar por um grande perigo, minha pobre Nisida, disse-lhe, levanta-te e agradeçamos á *Madona.* Depois, todos os tres prostrados deante da sancta imagem da Virgem principiaram a recitar a ladainha.

No entrementes retiniu no pateo bulha d'armas, a casa foi cercada por soldados, e um tenente de policia prendendo a Gabriel lhe disse em alta voz:

—Em nome da lei, prendo-vos pelo assassinato que commettestes na pessoa de sua excellencia il-

lustrissima, monsenhor o principe de Brancaleone.

Nisida, ferida por estas palavras, ficou pallida e immovel como uma d'essas estatuas de marmore ajoelhada sobre os tumulos; Gabriel já estava prestes a resistir loucamente, quando foi detido por um gesto do pae.

—*Signor tenente,* disse o ancião dirigindo-se ao official, meu filho matou o principe em legitima deffesa; porque este ultimo escalou e penetrou em nossa casa durante a noite co'as armas na mão. Tendes as provas deante dos olhos. Eis-alli uma escada posta em nossa saccada, e aqui, ajunctou elle levantando dous pedaços de lamina quebrada, um punhal com as armas de Brancaleone. Apezar d'isso estamos promptos a seguir-vos.

As ultimas palavras do pescadôr foram cobertas pelos gritos de *fóra os esbirros! fóra a policia!*, que de todas as partes se repettiam. Toda a ilha estava em armas, e os pescadôres queriam antes ser espostejados até o ultimo do que consentir que se tocasse em um só cabello de Salomão ou de qualquer de sens filhos.

Mas o ancião mostrou-se na soleira da porta, e, estendendo o braço, com gesto sereno e grave, que fez cessar a colera do povo, disse:

—Obrigado, meus filhos, é necessario obedecer á lei. Saberei sósinho deffender perante os juizes a innocencia de meu filho.

V.

São apenas decorridos tres mezes depois do dia em que vimos pela primeira vez o velho pescadôr de Nisida sentado deante de sua casa, radiante com toda a felicidade que soube crear em torno de si, enthronisado como um rei em seu banco de pedra e abençoando seus filhos, os mais bellos da ilha. Agora está tudo mudado na existencia d'esse homem outr'ora tam feliz e tam invejado. A ridente casinhola que se debruçava sobre o golpho qual cysne a borda de diaphano viveiro, está triste e sombria; o pateosinho orlado de lilás e espinheiro-alvar, onde ledos grupos vinham assentar-se ao descambar do dia, está silencioso e deserto. Nem um só arruido humano ousa perturbar o dó d'esta melancholica solidão: e apenas vem á tarde a onda do mar de lastima por tam grandes desditas murmurar queixosas notas na arenosa praia.

Gabriel foi condemnado. A noticia da morte do nobre principe de Brancaleone, tam novo, tam bello,

tam universalmente adorado, não commoveu só a aristocracia napolitana, tambem indignou profundamente a todas as classes. Choraram-n'o geralmente; e unisono brado de vingança ergueu-se contra o assassino. A justiça processou com espantosa presteza.

Em summa, mostraram os magistrados chamados por seus cargos para julgar este lastimoso facto, irreprehensivel integridade.

Não pôde abalar a convicção de suas consciencias nenhuma consideração estranha ao seu dever, nem o respeito devido a uma tam nobre e poderosa familia. A historia que não censura os homens que não s'importam com as imperfeições das leis humanas, conservou a lembrança d'este memoravel processo. A apparencia, esse fatal desmentido que o genio do mal dá tantas vezes aqui na terra á verdade, confundiu o pobre pescadôr com as mais evidentes provas.

Trespolo, a quem o medo dissipára todos os escrupulos, interrogado em primeiro lugar como confidente que era do joven principe, declarou com a mais fria impudencia que tendo o seu illustre amo mostrado desejos de furtar-se por alguns dias ás importunações d'uma moça cuja paixão começava a fatigal-o, elle com mais tres ou quatro de seus mais fieis creados o accompanhára, e que não querendo descobrir o incognito de sua excellencia aos pescadôres, que teriam infallivelmente importunado com sollicitações a uma personagem tam importante, se desfarçára em peregrino. Dous guardas campestre, que por acaso se achavam no declive da collina na occasião do crime, confirmaram por seu testemunho o longo depoimento do creado: viram, occultos por uma matta de córte, Gabriel arremessar-se sobre o principe, e ouviram distinctamente as ultimas palavras do moribundo, bradando contra o assassino. Todas as testemunhas, até as

que vinham assignadas na petição do réu, aggravavam-lhe a posição por suas declarações que com esforço queriam tornar favoraveis. De modo que o libello, com aquella perspicacia e infallivel certesa, estabellecera que o principe Eligi de Brancaleone, abhorrecido momentaneamente do passadio da cidade, se retirara para a ilhota de Nisida a dar-se livremente ao praser da pesca, que sempre fôra n'elle gosto predominante (annexaram aos autos um documento de que o principe assistira constantemente n'aquelles dous annos á pescaria do atum em seus dominios de Palermo); que occulto d'este modo na ilha, podera Gabriel reconhece-lo visto ter vindo dias antes com sua irman á procissão, e que projectára sem duvida assassina-lo. Tinham notado, na noite anterior á do crime, a ausencia de Gabriel, e a agitação do pae e da irman. Á tarde, o principe despedira o creado, e sahira sósinho, conforme seu costume afim de passear pela praia. Surprehendido pela borrasca, e sem ter conhecimento dos rodeios da ilha, vagueara em torno da casa do pescadôr afim de procurar um abrigo; então Gabriel, animado pelas trevas e pelo stridor da tempestade, que devia abafar os gritos da victima, apoz longa hesitação, resolvera-se a consummar o crime, e tendo descarregado dous tiros d'espingarda sobre o infeliz mancebo sem feri-lo, terminara-lhe a vida ás machadadas; finalmente, como, quando ia, ajudado por Salomão, lançar o cadaver ao mar, appareccessem os creados do principe subiram para o quarto da moça, e imaginando a sua fabula absurda, ajoelharam-se deante da Virgem afim de enganar a justiça. Todas as circumstancias que o pobre Salomão invocava em prol do filho voltaram-se contra elle: a escada arrimada á janella do quarto de Nisida pertencia ao pescadôr: o punhal que o joven Brancaleone trasia constantemente comsigo

para deffender-se lhe fôra evidentemente roubado depois de morto, e Gabriel apressara-se em quebra-lo afim de faser desaparecer o mais possivel os traços do crime. Não se demoravam um só segundo no testémunho de Bastiano, que, para destruir a premeditação, affirmava que o réu só se apartára d'elle no momento em que a borrasca rompera sobre a ilha: primeiramente o joven mergulhador era tido pelo amigo mais dedicado de Gabriel e o mais acerrimo pretendente da irman d'elle, e alem disso, na mesma hora em que affirmava ter estado nas circumvisinhança de Nisida tinham-n'o visto aportar á Torre. Quanto á ridicula asserção dos amores do principe á pobre camponeza, os magistrados encolheram os hombros, e ainda mais a respeito da resistencia attribuida á moça e dos meios extremos de que o principe lançaria mão afim de vencer a virtude de Nisida. Era Eligi de Brancaleone tam novo, bello e seductor, e ao mesmo tempo tam impassivel no meio de seus triumphos, que nunca o suspeitavam de violencia senão para livrar-se das amantes. Finalmente, uma prova oppressora e sem replica deitava por terra todos os argumentos da defesa; acharam debaixo da cama do pescadôr uma bolça cheia d'oiro com as armas de Brancaleone, que o principe arremessara, se ainda se recordam os nossos leitores, aos pés de Gabriel como ultimo insulto.

Não se alterou o ancião á vista d'este castello de mentiras: apoz os arrasoados dos advogados cuja ruinosa eloquencia comprara a peso d'oiro, deffendeu elle proprio o filho, e foi tam verosimil, tam apaixonado e tam cheio de lagrimas, que commovera a todo o auditorio, e fez com que tres juizes votassem pela absolvição; mas faltou-lhe a maioria, e pronunciou-se a fatal sentença.

Espalhou-se immediatamente esta noticia pela ilhota, onde causou profundo abattimento. Os pes-

cadôres, que, na primeira irrupção da força, se tinham levantado em um só corpo para deffender a causa de seu camarada, curvavam a fronte sem murmurar deante da omnipotencia da causa julgada. Recebeu Salomão sem pestanejar a punhalada que lhe atravessava o coração. Nem um suspiro siquer escapou-lhe do peito, nem uma lagrima assomou-lhe ás palpebras: a ferida não sangrou. Desde o dia da prisão do filho que vendeu tudo quanto possuia, até mesmo a cruzinha de prata que lhe legára a mulher moribunda, e o collar de perolas que tanto lisongeava o orgulho paterno por ver que era menos branco que o collo de sua querida Nisida; cosera as moedas d'oiro que realisára com a venda d'estes objectos em seu barrete de lan grosseira, e se aposentara na capital. Só comia um pedaço de pão que lhe lançava a piedade dos caminhantes, e dormia nos degráus das egrejas ou na soleira das portas dos magistrados.

Para apreciar o honroso esforço d'este pae desditoso, cumpre abranger em um só volver d'olhos toda a intensidade de sua desgraça. Não era a morte do filho o unico pesar que lacerava esse coração de martyr. Acabrunhado pelos annos e pela dôr, enxergava com solemne placidez o momento terrivel em que o filho o precederia poucos dias no sepulchro. A mais pungente agonia era imaginar a vergonha que cobriria sua familia. Era para Gabriel o primeiro cadafalso erguido n'essa ilha de tam doces costumes, de tam austera virtude, de tam honrosa pobresa, e essa pena ignominiosa conspurcava toda a população, e lhe imprimia na fronte o primeiro ferrete d'infamia. Por uma transição dolorosa, e no entanto tam facil nos destinos do homem, chegou o pobre pae a desejar esses momentos de perigo que outr'ora o fizera tremer, esses momentos em que o filho poderia morrer nobremente. Estava agora tudo perdido: uma vida tam

longa de trabalho, d'abnegação, de beneficios; uma reputação pura e sem nodoa, que se estendia além do golpho, em longinquas terras, uma admiração geral de muitas gerações que era quasi culto; tudo isto servira só para cavar com mais profundesa o barathro onde o pescadôr cahira arremeçado da altura de sua real grandesa. Desapparecera o prestigio, essa aureola divina, sem o que nada ha sancto n'este mundo. Não ousavam deffender o desgraçado, lastimavam-n'o apenas. Em breve será pronunciado com horror o seu nome, e Nisida, a pobre orphan, não será para o mundo mais do que a irman do condemnado. O proprio Bastiano desviava a cabeça chorando. Quando tambem expiraram todas as delongas, quando se malograram os passos do velho Salomão, a verem n'o sorrir estravagantemente como sob a obsessão d'uma idéa fixa, disseram na cidade que o ancião perdera a rasão.

Viu Gabriel erguer-se-lhe o ultimo dia com serenidade e placidez. Tinha dormido profundamente. e accordara cheio de inaudita felicidade; um prasenteiro raio de sol, cahindo da trapeira, veiu tremer na fina e doirada palha do carcere; uma brisa d'outomno, brincando em torno d'elle, afagava-lhe a fronte com agradavel frescor, e corria-lhe pelas longas melenas. O carcereiro, que sempre o tractára com humanidade desde que fora incumbido de guarda-lo, movido por esse ar de felicidade, hesitou um pouco a annunciar-lhe a visita do cura, arreceando tirar o pobre prisioneiro de sua meditação. Recebeu Gabriel esta noticia com alegria: practicou duas horas com o bom sacerdote, e verteu doce pranto no momento da ultima absolvição. Sahiu o cura da prisão, banhado em lagrimas, e proclamando em altas vezes que nunca encontrára em sua vida alma mais bella, pura e cheia de resignação e coragem.

O pescadôr ainda estava entregue á sua consola-

dôra commoção quando entrou a irman. Depois do dia em que levaram-n'a desmaiada do quarto em que fôra preso o irmão, que a pobre rapariga, refugiada em casa de uma tia, não fasia outra cousa mais do que chorar aos pés da sancta patrona, accusando-se de todo o mal succedido; curvada pela dôr qual tenro lyrio envergado pela tempestade, passava horas inteiras, palida, immovel, despegada da terra, e então corriam-lhe silenciosas as lagrimas sobre as lindas mãos unidas. Quando chegou o momennto de Nisida ir abraçar o irmão pela ultima vez, ergueu-se ella com a resolução de uma sancta. Apagou os traços de suas lagrimas, alisou as bellas madeixas negras, trajou o seu mais lindo vestido branco; assim tentou a destitosa menina occultar a dôr com angelica astucia. Teve força para sorrir-se! Sentiu Gabriel serrar-se-lhe o coração, quando viu-lhe o horrido pallor, passou por seus olhos uma nuvem, quiz correr ao seu encontro, mas detido pela cadêa que o prendia á pilastra da prisão, recuou com rapidez e tropeçou. Nisida correu para o irmão e reteve-o nos braços. A moça tudo comprehendêra, e apressou-se em assegura-lo de que estava bôa. Temendo recordar-lhe sua terrivel situação fallava-lhe com volubilidade de mil cousas,—da tia—da belleza do tempo—da *Madona*. Depois parava de improviso, assustada de suas palavras, assustada de seu silencio; fitava sobre a fronte do irmão olhares chammejantes, como que para fascina-lo. Foi cobrando alento pouco e pouco: tingiu-lhe as emmagrecidas faces leve carmim, e Gabriel, illudido pelos esforços sobrehumanos da moça, achou-a ainda bella, e agradeceu no intimo do coração a Deus por ter poupado esta fragil creatura. Nisida, como se houvesse seguido os reconditos pensamentos do irmão, chegou-se para elle, apertou-lhe a mão com certo ar de amisade, e murmurou-lhe mansamente ao ouvido:

—Por felicidade que se acha ausente o nosso pae ha mais de dous dias; mandou prevenir-me de que se demoraria na cidade. Quanto á nós, o caso muda de figura, somos novos e corajosos!

Tremia a pobre rapariga como varas verdes.

—Que será de ti, minha pobre Nisida? exclamou Gabriel suspirando.

—Ora e esta! resarei a *Madona*. Por ventura não é a nossa protectora? A moça parou, ferida pelo som de suas palavras, a que davam as circumstancias uma tam cruel recusa. Mas como olhasse para o irmão, continuou com resolução:—Certamente que o é. Ainda esta noite appareceu-me em sonhos. Trasia nos braços o menino Jesus, e encarava-me com ternura maternal. Quer sanctificar-nos, pois que nos ama, e tu bem sabes, Gabriel, que para ser sancto é necessario soffrer.

—Está bem! vae orar por mim, minha bôa irman; foge do aspecto d'estes lugubres sitios que acabaria por abalar-te o animo, e talvez a mim tambem. Vae-te, havemo-nos de ver lá em cima, onde nos espera nossa mãe, nossa mãe, que não conheceste, e a quem fallarei muita vez de ti. Adeus! minha irman, até logo!....

E abraçou-a na fronte.

Reuniu a pobre moça em seu coração todas as forças para esse momento supremo; andou com passos firmes, e ao chegar á porta, voltou-se, e batteu-lhe com a mão, esforçando-se por uma contracção nervosa para não prorompper em lagrimas; mas assim que chegou ao corredor, sahiu-lhe um soluço do peito, e Gabriel que o ouviu echoar na abobada, imaginou ter-se-lhe lacerado o coração.

Ajoelhou-se logo, e exclamou, erguendo as mãos para o céu:

—Já acabei de soffrer; não ha mais laços que me unam á terra. Rendo-vos graças, meu Deus! por que detendes meu pae fóra d'aqui afim de poupar-lhe uma dôr superior ás suas forças.

Foi ao meio-dia que Salomão-o-pescadôr, depois de ter esgotado todos os recursos ao seu alcance, derramado até a ultima moeda, abraçado os joelhos do derradeiro creado, dirigiu-se para a prisão do filho. Estava por tal forma abattida a sua fronte, que os guardas recuaram possuidos de lastima, e o carcereiro chorou quando fechou sobre elle a porta da masmorra.

Estacou por momentos o ancião, absorto na contemplação do filho. Ávista do arruivascado brilho de sua pupilla, ter-se-hia adivinhado que negro projecto o devorava n'aquelle instante. Todavia pareceu tocado pela bellesa de Gabriel. Deram tres mezes de prisão á pelle a brancura que o sól crestára; pendiam-lhe em torno do pescoço os negros anneis da madeixa, e seus olhos attentavam no pae com humido e brilhante olhar. Nunca fôra tam bella aquella cabeça como no momento de cahir.

—Ai! ai! pobre filho, disse-lhe o ancião, não ha mais esperança; morrerás.

—Já o sei, replicou Gabriel em tom de terna reprehensão, e não é disso que mais agora me afflijo. Mas tu, porque tambem me queres magôar n'essa edade? Contava....Porque não ficaste na cidade?

—Na cidade, repettiu o ancião, são todos impiedosos; rojei-me aos pés do rei, aos pés de todos; para nós nem ha graça, nem compaixão!

—Ah! meu Deus, o que é a morte para mim? Encontro-a todos os dias no mar. O maior de meus tormentos, o unico, é a dôr que elles te causam.

—E crês tu, meu Gabriel, que o meu unico soffrimento seja por ver-te perecer? Oh! é uma separação de dias; em breve irei reunir-me a ti. Porem opprime-me outra dor muito mais horrivel. Eu sou forte, eu sou homem....

Parou, temendo ter ditto de mais; depois approximando-se do filho, accrescentou com voz lacrimosa:

—Perdoa-me, Gabriel, sou a causa da tua morte. O principe deveria ser morto por minhas mãos. No nosso paiz não condemnam as creanças e os velhos. Conto para mais de oitenta annos, e ter-me-hiam perdoado; bem m'o disseram quando eu, chorando, implorava a tua graça:—ainda uma vez, perdoa-me, Gabriel: cuidei que minha filha estava morta, e em nada mais cogitei; e alem disso, não sabia a lei.

—Meu pae! meu pae! repettia Gabriel enternecido, que dizes? Teria mil veses dada a vida para salvar um só dia da tua. Já que tens força para assistir a minha derradeira hora, nada temas; tu me não verás empallidecer; serei digno de ti.

—E hade morrer! morrer! exclamou Salomão batendo na testa com desespero, e fitando as paredes da enxovia com olhos de fogo, como que querendo trespassa-las.

—Estou resignado a isso, meu pae, disse Gabriel com doçura, e Christo não subiu á cruz?

—Sim, murmurou o velho com voz surda; mas não deixou uma irman deshonrada com sua morte.

Estas palavras que escaparam involuntariamente ao velho pescadôr, illuminaram terrivel e repentinamente a alma de Gabriel. Entreviu pela primeira vez o que havia d'infamante em sua morte; a plebe impudente apinhando-se em torno do cadafalso, a hedionda mão do algoz segurando-lhe os cabellos, e as gottas de sangue salpicando o vestido branco da irman e cubrindo-a de oprobio.

—Oh! se eu tivesse uma arma! bradou Gabriel lançando em derredor de si espantadiços olhares.

—Não falta a arma... redarguiu Salomão levando a mão ao cabo de um punhal que trasia occulto no peito.

—Então, mata-me, meu pae, disse Gabriel em voz baixa, mas com irresistivel accento de persuasão e supplica; oh! sim, agora confesso-te que me at-

terra a mão do carrasco. Minha Nisida, minha pobre Nisida! Já a vi, esteve a pouco juncto de mim, bella e candida como a *Madona* das Dôres; sorriame para occultar seus tormentos. Era feliz, a pobre moça, porque te suppunha ausente. Oh! quam doce me será morrer por tuas mãos! Deste-me a vida, tira-m'a, pois que Deus assim o quer. E Nisida será salva! Oh! Não hesites; seria em ambos cobardia; é minha irman, é tua filha!

E vendo que sua poderosa vontade subjugara o ancião:

—Eis-me, disse elle, eis-me prestes meu pae! E offereceu-lhe o peito para o golpe. O pobre pae ergueu a mão para ferir; mas foram os seus membros agitados por mortal convulsão; cahiu nos braços do filho, e ambos proromperam em lagrimas.

—Pobre pae, disse Gabriel, eu devia ter presentido isto. Dá-me o punhal, desvia-te: sou moço, e não me treme o braço.

—Oh! não, replicou Salomão com gravidade, não, meu filho; porque serias suicida! Suba a tua alma pura para o céu! Deus me hade dar sua força, e demais, temos ainda tempo! E um derradeiro raio de esperança brilhou nos olhos do pescadôr.

Passou-se então n'esse carcere uma d'essas scenas, que não ha palavra alguma que possa retratar. Sentou-se o pobre velho na palha ao lado do filho, e recostou docemente a cabeça nos joelhos d'este. Sorria-lhe por entre as lagrimas como a um menino doente; corria vagarosamente a mão pelos macios anneis de seus cabellos; perguntava-lhe mil cousas todas cheias de blandicia. Para desgosta-lo d'este mundo fallava-lhe continuamente do outro. Depois por uma volta repentina, questionava-o minuciosamente sobre todas as circumstancias do passado. Algumas veses parava receoso, e contava as pancadas do coração que marcavam as horas com rapidez.

—Dise-me tudo, meu filho; desejas alguma cousa, invejas alguma cousa que se te possa dar antes de morrer? Deixas alguma mulher a quem amavas occultamente? Tudo quanto ainda nos resta, será para ella.

—Só tenho saudades aqui na terra de ti e de minha irman. Sois as unicas creaturas a quem hei amado depois que morreu minha mãe.

—Então consola-te, porque tua irman não correrá o menor risco.

—Ah! sim, morrerei feliz.

—Perdôas aos nossos inimigos?.

—Com todas as veras do meu coração. Rogo a Deus para que tenha misericordia das testemunhas que me accusaram. Assim perdôe-me elle as minhas culpas!!

—Que edade terás dentro em pouco? inquiriu o ancião derepente, porque se lhe começava a alterar a rasão, e ja tinha perdido a memoria.

—No dia de Todos-os-Sanctos fiz vinte e cinco annos.

—É verdade; foi este anno triste o dia:—estavas preso!

—Lembras-te, que em egual dia, ha cousa de cinco annos, ganhei em Venesa o premio da regatta?

—Conta-me isso de novo, meu filho.

Escutava com as mãos entrelaçadas na do filho, o pescoço estendido, e boqui-aberto, eis senão quando ouviu-se um arruido de passos no corredor, e uma pancada surda na porta. Era a fatal hora. O pobre velho a olvidára.

Já haviam os sacerdotes entoado o cantico da morte; o carrasco estava prompto; e o cortejo em marcha, quando appareceu de improviso Salomão na soleira da porta, com os olhos em chammas, e a fronte radiante com a aureola dos patriarchas.

Ergueu-se o ancião completamente, e alçando a ensanguentada faca, disse com voz sublime:

—Está consummado o sacrificio. Deus não enviou d'esta vez seu anjo para reter a mão de Abrahão.....

O povo levou-o em triumpho. *

FIM.

* Acha-se consignada a narração minuciosa d'este facto nos archivos da *Corte Criminale* de Napoles. Nada mudamos quanto á edade, e posição das personagens que figuram n'esta descripção. Um dos mais celebres advogados do fôro napolitano fez com que pronunciassem a absolvição do velho.

POESIAS.

SONETO *

POR

ANTONIO CARLOS RIBEIRO D'ANDRADA M. E SILVA.

Sagrada emanação da divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com revezes mudo,
Fui teu votario, e sou, ó liberdade!

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo;
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mandão severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror a um peito féro.
Que aos fracos tam somente a morte é dura.

* Este soneto faz lembrar o canto dos *Girondinos*. Antonio Carlos compo-lo nas masmorras da Bahia, em 1821, na vespera em que devia subir ao patibulo por sentença do absolutismo, sendo no dia commutada a terrivel pena.

ODE

Á LIBERDADE.

Vem, vem dos céus, oh liberdade, oh deusa!
Tam sublime, qual és, te mostra aos homens,
Que do vulto a severa magestade
Os despotas assuste!

Da lei, na dextra, o codigo sagrado
Que aos fóros e ao dever demarca as raias,
Temp'rado escudo, onde resvalam golpes
Da ambição sempre armada.

Qual na estiva estação a terra anhela
O orvalho em que revive a naturesa,
Assim por ti suspiram os teus filhos,
Flagello de tyrannos.

Com que horrorosas côres te não pintam
Os perversos mandões! Disem que o crime
Anda a pós os teus passos; que pretendes
Destruir altar e thronos:

Que armado do nivel queres se alinhem
Os bens, as condicções, fingindo sonhos
De impostura egualdade, que derribe
Social, sublime escala.

Oh! que mal te conhecem! Quanto póde
De abjecta servidão costume antigo;

Que as boccas vis de estupidos escravos
Teus sacros dons blasphemam !

Quantos se forjam tresdobrados ferros
Contra o teu pulso da officina astuta
De monarchas soberbos, que a capricho
Partilham o universo ! *

Mas tu zombando do aloucado arrojo,
Ris de seus planos, e rasgando a venda
Que a verdade encobria, patenteas
Ao homem seus direitos.

Por si o sabem: de um governo as formas
Tem só por fito a publica ventura;
O que o mal preza, e em sonhos devanêa,
Mentiu aos seus deveres.

Republica se chame, imperio ou reino,
Se basêa em tal maxima; eis, levantas,
Ahi potentes aras, e recebes
Incenso, sacrificios.

Emquanto co'o potente pé comprimes
O sagaz despotismo que se eleva,
Dissipas com a luz negros horrores
Da disforme anarchia.

Vem a nós!.... Mas já vejo-te nos lares
Da patria minha: ah nunca mais nos deixes!

* A *Sancta Alliança* em seus congressos liberticidos.

Olha, na America teus templos
Na base não vacillam!

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

A CIVILISAÇÃO ERRANTE,

SONETO.

Foi nas margens do Nilo que primeiro
Raiou aos homens a civil cultura,
E na Lybica praia a mãe natura
Então seu ar despiu rude e grosseiro.

Ás terras d'Asia fado aventureiro
As sciencias guiou; alli fulgura
Tyro, Phenicia, e o Chaldeo procura
Mundos de luz no espaço derradeiro.

Depois na Europa vem buscar abrigo
Deixando as regiões da roxa aurora,
A polidez que as artes traz comsigo.

Liga cruel jurou de a lançar fóra;
Mas, para a receber no seio amigo,
A quarta parte nova surge agora!

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

AO DESTROÇO DA ESQUADRA TURCA EM 1827.

SONETO.

De sangue anciosos de opprimida gente,
Que a terra habita aonde heroes viveram,
A tregua amiga perfidos romperam
Os hirsutos escravos do crescente.

O numero dos seus enormemente
Avulta co'os que da Africa vieram;
Mas ao regrado, são valor cederam
Da christan, bella armada tripotente!

Treme em Bysancio o barbaro ottomano,
Feroz blasfema o alcorão maldito
E jura inda banhar-se em sangue humano...

A Grecia solta da esperança o grito:
Parte um raio de luz—rasga-se o engano
E o fanatismo atroz baixa ao Cocyto!

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

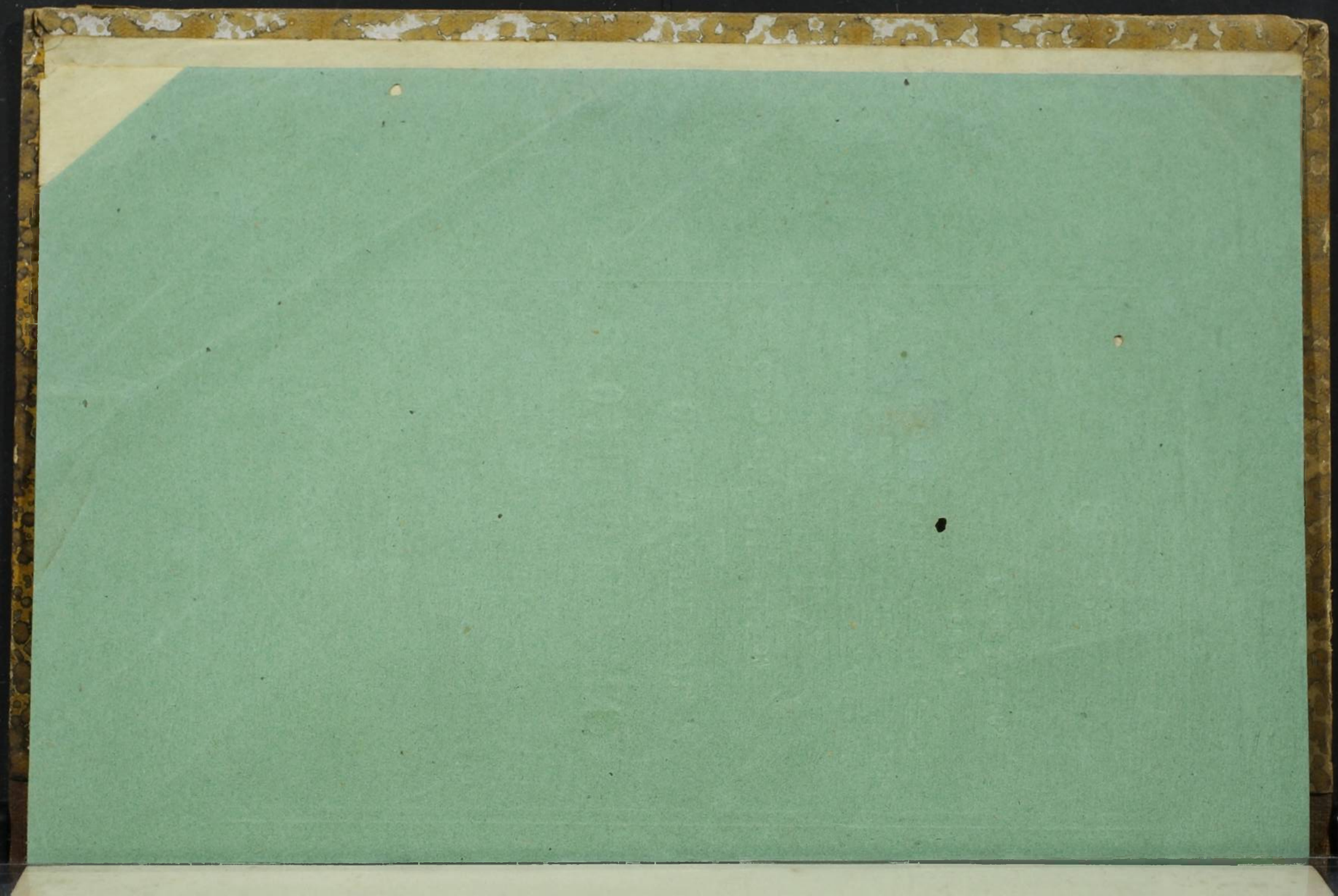
OS ENCANTOS DE AMOR.

Se amor é um encanto
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;

De ver não me espanto
Um peito
Desfeito
A encantos de amor.

ANTONIO JOSÉ.

Typ. de B. de Mattos--1863.



AOS SRS. ASSIGNANTES.

Esta publicação, que ora encetamos, será feita com todo o capricho e boa escolha de romances e contos. O segundo volume constará da mimosa lenda de Victor Hugo:

O BELLO PÉCOPIN

E A

BELLA BAULDOUR.

Do conto original brasileiro:

JULIETA.

E de algumas poesias ineditas, entre outras algumas do nosso illustre Odorico Mendes, formando ao todo um volume de 160 paginas.

O edictor,

B. DE MATTOS.

24629